REVISTA DA SEMANA



Nº 14 ★ 8-4-50

Cr$ 3,00 em todo o Brasil



NO TEXTO:

"ESTAMOS 50 ANOS ATRASADOS EM ARTES PLÁSTICAS!"

SENSACIONAL!

INÉDITO NA IMPRENSA
ESPORTIVA DO BRASIL

o ANUÁRIO de ESPORTE Ilustrado



70 PÁGINAS -- Cr$ 10,00

O TIME DO VASCO EM TRÊS CÔRES (32,5x47) -- PÁGINA SÔLTA

À VENDA -- SEXTA-FEIRA -- 7 DE ABRIL

O Monarca das Coxilhas

LOGO ao primeiro aramado que se ergueu, logo às primeiras divisas fechadas retalhando campos que haviam sido de todos, abertos às revoluções, às gauchadas e ao trânsito de quem quer que fôsse, o Monarca ausentou-se das coxilhas.

As pontas do lenço de sêda, conquistado em algum contrabando onde houvera muita briga, iam abanando ao vento leve da tardinha; o poncho claro, sacudido no balanço do trote, parecia uma bandeira triste, à meia-haste.

Atrevido — parecendo até mais atrevido do que antes — o chapelão grande, a três-pancadas, era como um último desafio a quem ainda quisesse topar uma parada.

O pingo macanudo, buenacho, ia, lustroso caracolando na estrada, passarinheiro, balançando o freio pesado de prata e a barbela tinia, num tinido que era tal e qual essas milongas bem choradas.

O arreio todo tinha galas de domingo, brilhando a prataria e os monogramas de ouro; e dum lado, sem serventia, tristes, murchas, pendiam, amarradas num tento, as velhas Três Marias. E o laço, enrodilhado, e o rebenque batendo de leve nas botas lustrosas, fazendo chorar, num lamento contínuo, as chilenas irrequietas.

As bombachas eram festivas, enfeitadas de botões e franzidos, feito bombacha para bailongo de grandes datas.

E o pelegão bem colorido e as pontas do lenço, flexíveis e macias, abanando muito, e a barbela chorando milongas.

Tudo como para festas. Como para um baile concorrido ou para revolução, que para o Monarca um e outra eram a mesma coisa.

Só a tristeza dos olhos do Monarca das Coxilhas desmentia, em gritos silenciosos de amargura, revolta, angústia e decepção, aquêles paramentos de festança.

Para onde êle foi? Que rumo tomou? Seguiria dentro das cêrcas paralelas do corredor, êle, que era acostumado às correrias em campo aberto e livre, sem o egoísmo das divisas e dos aramados?

Não iria êle, em sua revolta de homem sedento de liberdade e amplidão, desfazer tôdas as cêrcas de pedra, os aramados todos com que haviam retalhado a querência, antes tão ampla, tornando-a pequenos pedaços de campo onde o gado pastava, esquecido das rebeliões antigas, dos esconderijos nas grotas fundas de onde só mesmo o Monarca podia tirá-los?

Altaneiro, fanfarrão, risonho, buenacho, companheiro de brigas e de bailes, querendo tanto ao cavalo, como ao laço, à cordeona, à china e à Liberdade, o Monarca ia, naquela tarde triste de exílio voluntário, esquecido de tudo, pensando ùnicamente na Querência que abandonava por estar assim, tão mudada, tão dividida, tão triste, tão sufocante para um monarca viver dentro dela.

★

Para onde êle foi? Para onde? Em que terras teria ido esconder sua mágoa e as recordações da querência linda daqueles anos?

★

Algum tempo depois, cruzou o rincão um chiru de alpercatas velhas, lenço esfiapado sem prata nos arreios quase humildes. Mas trazendo ainda um peito largo, o chapéu a três-pancadas e o pingo arisco, faceiro e lustroso.

Disseram — talvez comentário de comadres — que era o neto do Monarca. E talvez fôsse.

Se não trazia o luzidio dos trajos e dos aperos, pelo menos ostentava a altaneria, o desafio pronto nos lábios, e a mesma fanfarronice, o mesmo apêgo ao heroísmo, à china, ao truco, ao osso e às carreiras. E o mesmo gôsto arrebatado pelas brigas. E um desejo vago de rebentar os arames de tôdas as cêrcas e tornar a Querência grande como fôra em tempos do avô.

Seu avô... o Gaúcho-Monarca. O neto... o Gaúcho- Peão.

★

Que diferença! O Gaúcho-Monarca, que ia ao povo para atrevidos contrabandos e brigas heróicas.

O Gaúcho-Peão... que vai ao povo, agora, acobardado, fugindo da miséria, e que o povo engole, com sua bocarra faminta e sem piedade.

Onde estará a querência do neto do Monarca, já que êle virou marginal, mendigo, desambientado, comido pela fome e pela miséria, escorraçado pela Necessidade?

Como um velho fidalgo arruinado, o Monarca só deixou descendência para a miséria. E morreu na hora boa, quando ainda no fundo da arca havia dinheiro suficiente para um entêrro digno de fidalgo.

Aos netos, à beira das cidades, marginais que a Vida empurra brutalmente para a sargeta, só restam o confôrto da bebida e, entre dois goles, a fanfarronada inofensiva e a lembrança do avô:

— Naquele tempo... o avô... O Monarca das Coxilhas, roubava na garupa tôdas as chinas macanudas do rincão. E com a ponta da bota quebrava lampeões, desfazia bailes a ponta de adaga, e comprava briga aos mais taura.

E assim vão, afundados nas recordações, atordoando-se com a embriaguez das coisas velhas, só para não pensar na decadência, na tristeza, na miséria. E na querência longínqua que não mais lhes pertence.

E para fugirem à idéia de que o Monarca, brilhante e risonho como uma pintura de côres vivas, deixou, afinal (para vergonha de quem?), uma geração de fracos como êsses fidalgotes arruinados, enfraquecidos pela cruza contínua de sangues da mesma família.

Se o Monarca, um dia, surgisse no rincão, a quem pediria contas, a quem perguntaria, atrevido e desafiante, em sua voz grossa de mando, descascando um facão reluzente:

— Quem foi que matou de fome os meus netos? E quem, pela miséria e pelo êrro, transformou-os, de descendentes de monarca, em maulas tristes e doentes?

★

Ai de quem tiver de prestar contas ao Monarca das Coxilhas!

THEREZA DE ALMEIDA

O ORIENTE REAGE

IMPRESSÕES DE UM REPÓRTER - DA MORTE DE GANDHI Á LUTA NA CHINA - O ESPIRITO DE EMANCIPAÇÃO DOS INDONÉSIOS

De H. C. BRESSON

A impressão predominante que o longinquo Oriente desperta no espirito dos visitantes que vão até ali, procedentes do Oeste é a de que lhes surgirá à vista uma velhissima humanidade, ondas de velhas multidões com seus aspectos de gente mal alimentada, bôcas famintas, rogando que lhes dêm alimentos.

Massas de povos que constituem três quintas partes de tôda a população do mundo, com sentimentos humanos de acôrdo com o que dêles pensam os ocidentais: — apenas emoção, sensibilidade e intuição.

Mas a segunda guerra mundial modificou profundamente a fisionomia moral e material dessa gente, produzindo-lhe modificações que não se registraram em nenhum outro povo do mundo. O fermento politico expressado por guerras civis, revoluções, lutas comunais, continua a percorrer tôdas as camadas populacionais do Extremo Oriente.

Já está morto o mito da supremacia racial do branco sôbre o amarelo. O cada vez mais crescente nacionalismo tomou o lugar do colonialismo já morto. São estas as atuais impressões que ficam no espirito dos visitantes.

Nos dois últimos anos viajei através do Oriente, colhendo episódios históricos com a minha pequena "Leica". Os resultados podem ser vistos na reportagem fotográfica aqui estampada, e que, se não constituem grande realização para o registro da História representam uma espécie de "diário", como um viajante ocidental poderia organizar diante do que viu.

Essa reportagem abrange acontecimentos que vão desde os do Paquistão e India até culminar com a morte de Gandhi, passando pelos sucessos épicos da vitória comunista na China e focalizando a situação intricada da Birmânia e dos acontecimentos que precederam a independência da Indonésia.

Seguindo tôda essa escala de evoluções e de revoluções, o observador ocidental verifica a sucessiva maneira de manifestar-se o povo oriental exibindo diferentes interêsses de opinião, bem como no que concerne aos reflexos da guerra fria internacional.

São estas as impressões que forma um visitante ao fazer depois a sintese de suas impressões.

A vida no Oriente vai mudando com o avanço da industrailização e novas condições sociais. E, ao lado dessa mudança vital, se vêem os passos que vão dando para a reabilitação da cultura oriental. Desde os primeiros dias dos missionários, a religião e o ritualismo inspiraram a arte oriental, unidos às idéias vindas do Ocidente. Mas tudo isto já está mudando.

E sòmente se estabelecendo firmemente em seu próprio meio de vida e tradição histórica, costumes locais, etc.. é que o

SOLDADOS DA BIRMANIA formando num cerimonial diante da Câmara Municipal de Rangun, nos dão uma visão tipica do espirito nacionalista. Fim da era colonial na Asia

ÊSTE NÃO É SABU: mas um menino de sua mesma raça, vendendo bugigangas nas ruas de Jogjakarta, capital da Indonésia, pais que acaba de conquistar sua independência



FLAGRANTE TOMADO por ocasião da morte de Gandhi. Causa assombro ao visitante ocidental, a multidão de indianos que há em todos os lugares, formando oceanos de gente atualmente em plena efervescência social e econômica. Ninguém é capaz de prever o que vai, por fim, sair dessa ebulição de fermentos em choque a envolver milhões de criaturas!

povo do Oriente poderá compreender e apreciar os povos do Ocidente.

O sôpro de independência e emancipação está atingindo todos os povos do Oriente, tanto no continente como nas ilhas mais populosas e de importância nacional e internacional.

Os viajantes europeus e norte-americanos que têm oportunidade de observar "in loco" o que ocorre nas ilhas e nos países ainda sob regime colonial, poderão atestar que os orientais lutam tenazmente pela sua libertação, sacudindo o jugo da ocupação colonizadora desde séculos.

Parece que é um sôpro de adultecência

(Cont. na pág. 50)



AS TRADIÇÕES ORIENTAIS em matéria de crenças, são incompreensíveis para os ocidentais. Êste peregrino budista faz suas preces diante dos ícones, num templo de Hangchou



O CINEMA NORTE-AMERICANO contribui para a ocidentalização do Oriente, anunciando filmes em inglês e sugestivos cartazes, no mesmíssimo estilo de Hollywood. E todos gostam

REVISTA DA SEMANA

ANO XLIX ★ Nº 14 ★ 8-4-50

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulsto custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1748, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

AMABILIDADES PARLAMENTARES

Não pense o leitor que a linguagem anti-parlamentar que hoje ouvimos em nossas casas legislativas é produto da época, nem que tal coisa seja um privilégio nacional. Nada disso. Desde que os homens se reúnem representando vários partidos políticos e, consequentemente, várias correntes de interêsses, que há, e de sobra, ataques pessoais nada parlamentares.



Ao tempo da monarquia, em ambos os reinados, não foram poucos os duelos de impropérios entre os senhores representantes dos dois grandes partidos brasileiros: o Liberal e o Conservador; nos mais civilizados países do mundo, quase sempre há sururu nos recintos das Câmaras Legislativas e suspensão de sessões, não raramente com resultados deploráveis. Dizemos isso para tranquilizar o leitor acêrca de uma notícia vinda de S. Paulo para nossa imprensa, transmitida pela agência telegráfica "Asapress", com data de 24 de março. Na Assembléia Legislativa daquele Estado, representantes da bancada do PTB mantiveram uma batalha verbal com os seus colegas da representação governista, e o vocabulário vindo à tona foi tudo o que de mais impróprio se desejaria para tão magnífico recinto. E o que é mais grave: a luta de doestos não era de homem para homem, e sim de mulher para homem e de homem para mulher. O caso é que há naquele Legislativo uma representante do PTB, a sra. Conceição Santamaria, a qual, formando uma fôrça com os seus pares contra assuntos de jôgo em terras de S. Paulo, foi aparteada pelo sr. Lino de Matos, líder da bancada governista. E êsse deputado injuriou a sra. Santamaria com expressões graves, ao que ela retrucou com outras não menos ofensivas. Mas... nem respeitam os nomes sagrados!

PROIBIDO LER JORNAIS

Não, leitor, não é aqui que é proibido ler jornais. O fato se verificou, na semana que findou, mas em Buenos Aires e numa repartição pública.



Estava um funcionário da Diretoria Nacional de Planificação da Argentina, com sede em Buenos Aires, a ler, calmamente, seu diário quando foi advertido pelo superior hierárquico que "estava suspenso por trinta dias", com perda dos vencimentos respectivos. O empregado ainda balbuciou umas desculpas; porém estava infringindo o regulamento oficial e não podia deixar de ser punido. O recinto da Repartição Pública em plena hora de trabalho árduo e constante não era lugar apropriado para tais divertimentos intelectuais.

E pronto. O rapaz foi mesmo suspenso e perdeu um mês inteirinho de salários o que lhe deve ter dado muita dor de cabeça e discussão em casa, se é pai de família, é claro.

O assunto merece meditação. Todo mundo diz que funcionário público não trabalha, ou, quando muito, pouco trabalha. Mas pelo menos lá na Argentina a coisa é muito diferente. Nem mesmo uma espiadela ao jornal é permitida ao empregado público. Tem que dedicar-se inteirinho aos afazeres da repartição em que estiver lotado e deixar as leituras amáveis de um lado. Só mesmo em casa ou no barbeiro, esperando a vez, pacientemente. Aqui, felizmente (para os funcionários), a coisa não é assim levada a tanto rigor. E' muito comum vermos funcionários públicos em amáveis palestras, ou a ler revistas e jornais democràticamente em suas mesas enquanto não aperta o trabalho. Isso quanto aos homens; com as mulheres é outro falar: levam sempre romances para as repartições e os lêem todinhos, mesmo que se trate de Rocambole ou "...E o vento levou". E nada lhes leva os salários...

UM PREFEITO E TANTO

Matias Barbosa é um município de Minas, vizinho ao de Juiz de Fora. Produz muito café, especialmente lacticínios. A cidade é pequena, mas apresenta certos aspectos de progresso: possui clubes esportivos, boas casas de ensino e tem ruas calçadas. Ao divisar, do trem, a estação de Matias Barbosa, dizem os viajantes com desafogo: "Felizmente já estamos chegando". Mas êsse "chegando" não se refere a Matias, e sim a Juiz de Fora. Afinal, que tem de mais importante em Matias Barbosa para figurar nesta página como um dos tópicos da semana? Um acontecimento de grande realce, leitor, nos proporcionou êste comentário. A cidade, como algumas de Minas, é servida de água e esgôto. Mas como, de ordinário, sempre se fazem as coisas "provisòriamente" neste país do "deixe para amanhã", sucedeu que a instalação de abastecimento de água à população estava ficando imprestável.



Ora diante disso, nada mais fácil do que contratar-se uma firma especializada e, firmado o contrato, meter-se mãos à obra. Mas em Matias Barbosa isso não sucedeu. Os cofres da Prefeitura não estão lá muito bons de saldos e um empréstimo local ou com o Estado não seria aconselhável. Mas o caso urgia. Que fêz o prefeito? Fêz lá seus cálculos, somou, diminuiu, multiplicou, dividiu, comparou e achou a solução: êle mesmo empunharia a enxada e começaria a restauração do encanamento de sua terra. O prefeito é o dr. Pedro Couto, conhecido e reputado médico. Sua atitude encheu de entusiasmo a população, pois que quando o próprio prefeito de uma localidade empunha a enxada para realizar serviço público, é prova de que a coisa ou vai ou racha. E enxada não é bisturi ou estetoscópio: faz calos...

O CÉREBRO DO P. T. B.

Morreu, em Londres, o professor Harold Laski, com 56 anos de idade. Era êle considerado, com tôda justiça, o cérebro da ala intelectual do Partido Trabalhista Britânico, chefiado pelo sr. Clement Attlee. Harold Laski, de origem modesta, desde muito jovem se interessou bastante pelos assuntos de economia e política, frequentando os cursos de Oxford, de onde partiu para entrar na Universidade de Londres em 1920, fazendo tais progressos que se tornou professor de Ciências Políticas da mesma Universidade. Nomeado em 1943 membro executivo do "Labour Party" (Partido Trabalhista), tornou-se presidente do mesmo logo após a guerra, quando os conservadores deixaram o poder.



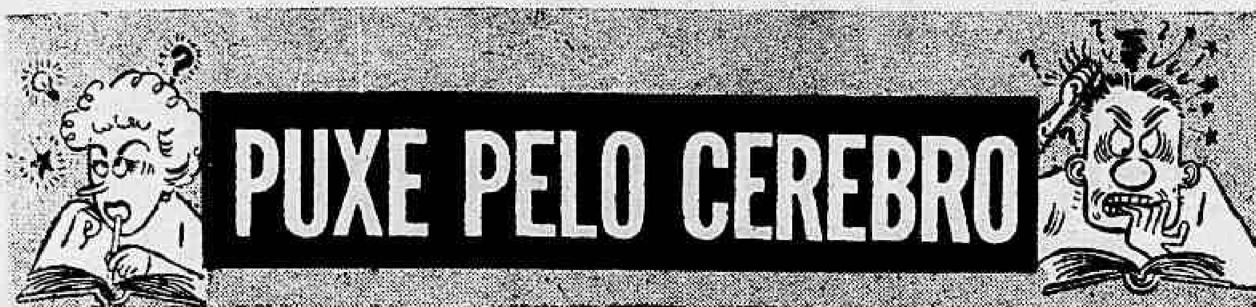
Harold Laski se notabilizou pela cultura humanista, dedicando todos os seus lazeres nos estudos sociais aplicados à arte e ciência de governar os povos. Muito escrevia em revistas e jornais, sendo seus artigos muito apreciados pela massa trabalhadora da Inglaterra, julgando-se sem nenhum favor que a êle deveu o Partido Trabalhista muitas de suas vitórias nas urnas e no Parlamento. Deixou várias obras de real valor no campo das pesquisas sociais, destacando-se a "Gramática de Política", edição de 1946, "O perigo de ser cavalheiro", dado a público em 1939, "Os Direitos do Homem", em 1943, e, finalmente, "Fé, Razão e Civilização", em 1944. Pode-se divergir de suas idéias; mas ninguém poderá negar que Harold Laski foi na Inglaterra dêstes últimos tempos um dos seus pontos mais elevados de cultura, inteligência e prazer de lutar pelo progresso social da humanidade.

A PERSONAGEM DA SEMANA



S. M. o Rei Leopoldo III, da Bélgica

Desde 1945, quando as potências do Eixo foram abatidas pela fôrça das armas aliadas e puderam restaurar-se os partidos políticos da devastada Europa, e retomar os seus cursos nos destinos dos povos, a Bélgica começou a movimentar suas populações no sentido de resolver a sua situação politico-administrativa com a ausência do Rei Leopoldo III, refugiado na Suíça. Para muitos, talvez para a maioria do povo, o filho do heroico Alberto havia traído sua pátria, contemporizando com o alemão invasor. Mas também havia outra grande parte do povo belga que achava ter agido o herdeiro do trono sob os naturais impulsos da piedade humana, a fim de evitar inútil sacrifício nacional em homens e coisas. Com o avançar do tempo, essas duas correntes se foram corporificando cada vez mais dentro em suas linhas de procedimento e conceito, até formar, cada uma, verdadeiro caudal de opinião pública, sob a liderança dos maiores partidos nacionais: o Partido Social Cristão, pró volta do soberano, e o Socialista, contra o mesmo. Em 1947 houve por tôda a Bélgica um movimento popular e partidário, advogando a volta do Rei ao trono; a imprensa movimentou a campanha de acôrdo com a orientação de cada grupo. A idéia de um plebiscito foi mais uma vez sugerida, mas sòmente agora é que se conseguiu pô-la em prática. Interrogado na Suíça sôbre sua disposição de reassumir o govêrno, declarou o Rei Leopoldo III que só voltaria como Rei, se o resultado dessa consulta pública lhe desse, pelo menos, 55%, da votação geral. Em caso contrário, continuaria fora de sua pátria aguardando melhor oportunidade. A 12 de março último realizou-se em tôda a Bélgica a ansiosamente esperada consulta popular e Leopoldo III venceu os seus adversários pela diferença de mais de 57%, ou sejam, dois e pouco por cento do mínimo pré-estabelecido por êle mesmo. As regiões mais favoráveis ao Rei foram as da Flandres Oriental e Ocidental, e no Luxemburgo, onde as cédulas lhe deram 70%; mas na própria capital do país, na zona de Liège, etc., S. Majestade perdeu por diferenças sensíveis. Por sua vez a imprensa redobrou de ataques, enquanto o Partido Socialista conclamava o povo para resistir à volta do Rei, e o proletariado ameaçava entrar em greve geral, inclusive nos portos nacionais. O gabinete reconheceu, portanto, que o plebiscito não resolvera o problema. A volta do Rei não apaziguaria o país. Então passaram a pensar em outro recurso legal e justo: voltaria Leopoldo III ao trono e, imediatamente abdicaria na pessoa de seu filho, o Príncipe Baudoin. Os dois maiores partidos e agora o Liberal, que é menor, estão chegando a acôrdo em tôrno dessa sugestão, e parece que a Bélgica solucionará a crise ministerial mediante esta fórmula: o Rei reassume o poder, abdicando em seguida em favor do Príncipe Baudoin. O mundo inteiro acompanha o desenvolvimento do caso.



NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 QUAL O PLANETA QUE TEM O NOME POPULAR DE ESTRÊLA D'ALVA:
— Vênus?
— Mercúrio?
— Marte?

2 QUANTOS NOMES TEM O RIO AMAZONAS:
— Dois?
— Quatro?
— Três?

3 QUE NOME DAVAM A JUDEUS CONVERTIDOS AO CRISTIANISMO:
— Crentes?
— Cristão Novo?
— Nova Seita?

4 QUE SIGNIFICA EM GEOLOGIA A PALAVRA *NIFE*:
— Camada siderúrgica?
— Mina de petróleo?
— Núcleo central da terra?

5 QUAL O AUTOR DA OBRA "DAVID COPPERFIELD", E QUE SE SUPÕE SER A AUTO-BIOGRAFIA DO PRÓPRIO ROMANCISTA:
— Spencer?
— Thomas Mann?
— Charles Dickens?

6 COMO SE CHAMA O ESTREITO QUE LIGA O MAR JÔNIO AO EGEU:
— Canal de Kiel?
— Estreito de Corinto?
— Canal do Panamá?

7 PORQUE TEM HOJE O NOME DE MORÉIA A PENÍNSULA DO PELOPONESO:
— Em homenagem a alguém?
— Em face da presença de peixes dêsse nome?
— Por ter a configuração de fôlha de amoreira?

8 COMO SE DEVE ESCREVER OU PRONUNCIAR O NOME DOS ANTIGOS SOBERANOS RUSSOS:
— Czar?
— Tsar?
— Tzar?

9 DESDE QUE ANO DATA O CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO NO RIO:
— 1570?
— 1616?
— 1730?

10 QUANDO O PIRATA FRANCÊS DUCLERC ASSALTOU O RIO, QUE DEFESA APRESENTOU O CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO:
— Expondo a imagem de Santo Antônio?
— Fornecendo armas aos patriotas?
— Cercando e prendendo o invasor?

11 DE QUE ESTADO ERA FILHO O FILÓSOFO TOBIAS BARRETO:
— Da Bahia?
— De Alagoas?
— De Sergipe?

12 QUE QUER DIZER *LAUDEMIO*:
— Ofício religioso?
— Espécie de impôsto de transmissão?
— Poesia sentimental?

13 QUE SIGNIFICA *PIROTECNIA*:
— Arte de equilibrar-se em arame?
— Pintura a fogo sôbre madeira?
— Fabricação de fogos de artifício?

14 O CANTO DO BEM-TE-VI E' ONOMATOPÁICO POR QUE:
— E' estridente?
— Imita o próprio nome?
— E' monótono?

15 EM QUE LOCAL DO RIO HÁ DOIS OBELISCOS COM ESTAS INSCRIÇÕES: "À SAUDADE DO RIO" E "AO AMOR DO POVO":
— Alto da Boa-Vista?
— Passeio Público?
— Praça da República?

16 QUAL O PINTOR QUE MAIS SE CELEBRIZOU PELAS TELAS DE NOSSA SENHORA:
— Miguel Angelo?
— Leonardo da Vinci?
— Rafael Sanzio?

17 QUE NOME TÊM AS VELAS ESTREITAS ARMADAS À FRENTE DA PRÔA DE ALGUMAS EMBARCAÇÕES:
— Mastaréus?
— Bujarronas?
— De estibordo?

18 QUEM FOI O IDEALIZADOR E REALIZADOR DA ABERTURA DO CANAL DE SUEZ:
— Lessings?
— Lespinasse?
— Lesseps?

19 QUE NOME TÊM OS GLÓBULOS BRANCOS DO SANGUE:
— Leucocitos?
— Hemoglobinas?
— Parenquimas?

20 QUE SIMBOLIZA A ESTATUA COLOCADA À ENTRADA DO PÔRTO DE NOVA YORK E OFERECIDA PELA FRANÇA:
— A fraternidade universal
— A gratidão da França aos Estados Unidos?
— A Liberdade iluminando o mundo?

(*Respostas na página 58*)

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

CONTOS PARA A "REVISTA DA SEMANA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DOS SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo três fôlhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a decelaração, no envelope: **Conto para a "REVISTA DA SEMANA".**

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

MARIO SETTE

TROUXE-NOS um telegrama do Recife a triste notícia do falecimento, a 27 de março, do festejado escritor pernambucano, Mario Sette, autor de vários romances, novelas e obras de literatura, tôdas elas vasadas em linguagem agradável e versando assuntos de cultura histórica. Apesar de se haver fixado no nordeste, em Recife e em Maceió, onde exerceu o elevado cargo de Diretor Regional dos Correios e Telégrafos, naquelas cidades, Mario Sette, pelo vigor de seus talentos e caráter adamantino, conquistou a glória literária que sòmente aos plumitivos que vivem no Rio ou S. Paulo, conseguem atingir.

Espírito que desde sua infância procurou as luzes do saber e se dedicou de corpo e alma às justas literárias, Mario Sette estreou aos quinze anos, com algumas poesias, contos e fantasias. No jornalismo do Recife atuou com muita freqüência, escrevendo em jornais humorísticos, como «A Pimenta» e em folhas sérias e tradicionais como «Jornal Pequeno», «Diário de Pernambuco», «Correio do Recife», «Jornal do Recife», etc., bem como em muitos dos mais reputados órgãos da imprensa do Rio, tanto revistas, como jornais. Seu primeiro livro foi uma conseqüência da primeira grande guerra e se denominou «Ao clarão dos Obuses», estudos e impressões sôbre a calamidade de 1914 a 1918. Mario Sette ocupava o lugar de primeiro secretário da Liga dos Aliados em Pernambuco, era apaixonado pela França e a causa dos aliados,, tendo dado à estampa aquêle excelente livro de crônicas da guerra na defesa de suas idéias. Em 1918, lançou os contos pernambucanos sob o título de «Rosas e Espinhos». Em seguida enveredou pela seara da ficção produzindo a obra prima da literatura nordestina que é «Senhora de Engenho», em 5.ª edição é traduzida para o espanhol. Outros romances continuaram a rota de seus triunfos literários, como «A Filha de D. Sinhá», «O Vigia da Casa Grande», prêmio da Academia Brasileira de 1924, «O Palanquim Dourado», romance histórico e vários outros. Seu último livro é o excelente «Arruar», 1947, retratando a vida do Recife antigo. É, talvez, sua melhor obra. Com a morte de Mario Sette, perdeu o Brasil uma de suas mais belas inteligências e as letras nacionais, um dos mais sólidos nomes.



DONALD O'CONNOR e GLORIA DE HAVEN, quando assistiam, nos estúdios da U-International ao ajustamento dos aparelhos de luz e filmagem de «Yes Sir, That's My Baby», no qual tomam parte os gêmeos Jackie e Jeanie. Os dois bonecos representam os seus «duplos» na filmagem, recurso a que recorrem os criadores e mantenedores de Hollywood

O PRESTÍGIO DA CRIANÇA NO CINEMA



UM OCUPADISSIMO papai, o artista Stephen McNally entre cenas de «Father's Day», com cinco meninos endiabrados

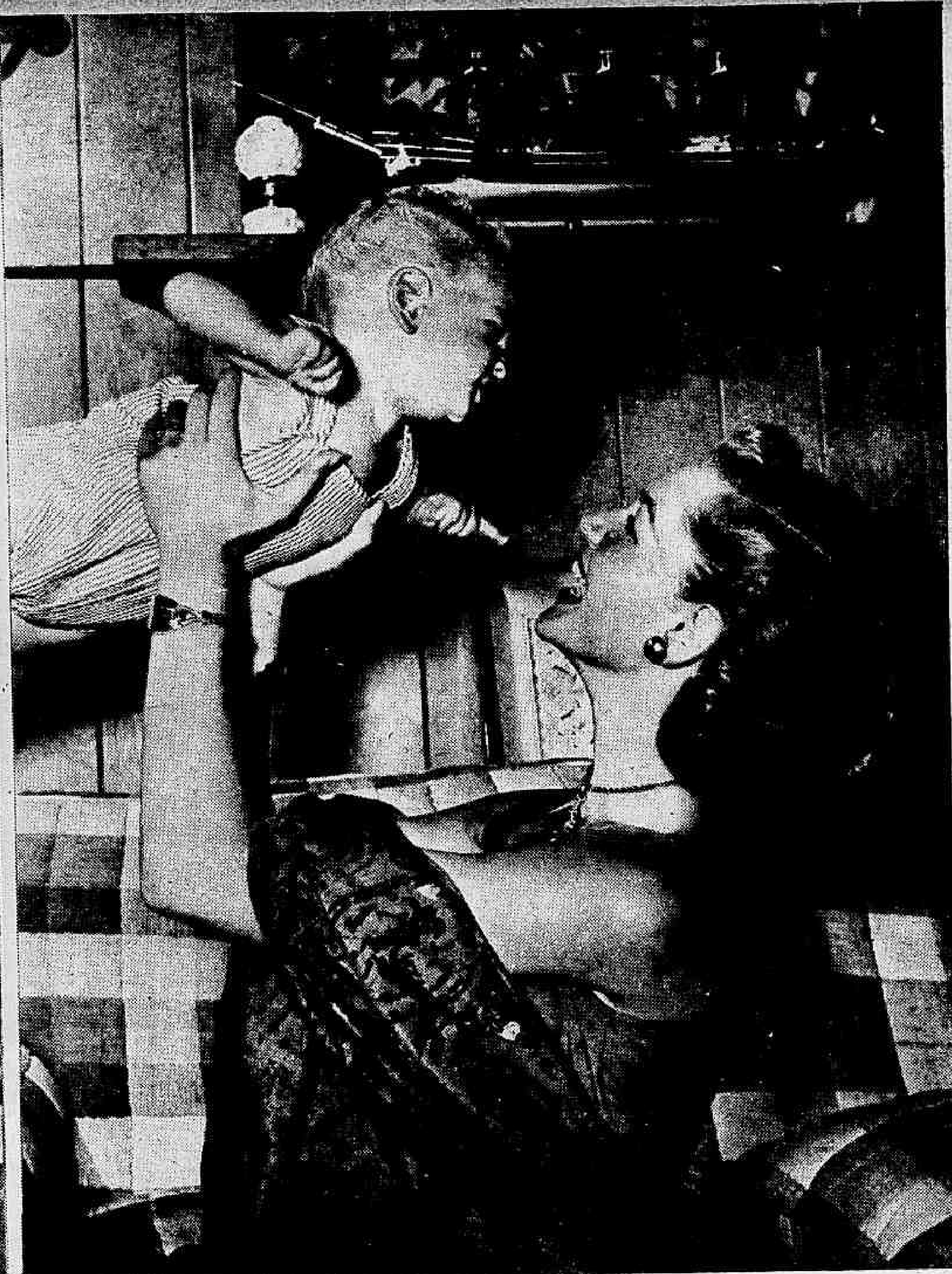
O teatro, embora possa apresentar figuras infantis em suas peças, especialmente quando há números de bailes, não dispõe das mesmas possibilidades com que conta o cinema no que toca ao aproveitamento e performance de crianças como integrantes de elencos. Desde que o cinema começou a explorar dramas e comédias, artistas infanto-juvenis foram incorporados aos "casts", tanto nos estúdios europeus como nos de Hollywood, com muito sucesso. Êsse prestígio da garotada com vocação artística continua cada vez maior À proporção que vão crescendo e se tornando adultos, êsses artistazinhos vão cedendo seus lugares a outros que vão surgindo e até com maior sucesso. A infância fornece mesmo grandes motivos de arte dramática ou de comédia aos senhores diretores de filmes e, quando uma película inclui números interpretados por crianças, consegue arrastar maior número de fãs, todos desejando ver o prodígio artístico. Mesmo aqui no Brasil, com um cinema ainda incipiente, já vamos permitindo às crianças excelentes oportunidades.



JOAN CRAWFORD discute uma cena do seu novo filme «The Victim», ao lado do filho Christopher, que a foi visitar



O PEQUENO GORDON GEBERT que figura no filme «The Hawk and the Arrow», ao lado de Burt Lancaster, festeja, entre cenas de filmagens, a passagem do seu oitavo aniversário



AQUI ESTA UMA CENA afetiva no lar de Lauren Bacall, a heroína de «Young Man with a horn» com Kirk Douglas. Lauren faz carícias ao seu bebê de 11 meses, o Bogartzinho



OUTRA ESTRÊLA DE HOLLYWOOD, a bela Eleanor Parker, aplaudida em «Caged», da Warner Bros., tem tempo para divertir sua filhinha Susan, de 20 meses, lendo-lhe histórias



KIRK DOUGLAS, astro da Warner, é, para êsses dois garotos, apenas «Dad». Joel (à esquerda), tem 2 anos e Michael, 5. Êles se esforçam para fazer na cabeleira um permanente



A CARA DO PAI

Todos dizem que ela se parece com Procóopio. E parece mesmo. Principalmente na habilidade para o teatro... Um dia Procópio disse, pelo rádio: «Esta é a minha maior criação de todos os tempos e a minha herança para o teatro brasileiro».



GRACINHA!

Bibi nos graços da mãezinha querida, D. Aída Ferreira. A propóósito: Bibi estreou no palco com três anos de idade

A CARREIRA DA ARTISTA — DO RADIO AO CINEMA, DA COMÉDIA À REVISTA — VERSATILIDADE DE UMA DAS MAIS JOVENS E QUERIDAS ATRIZES — TEMPORÀRIAMENTE NO GÊNERO MUSICADO DA PRAÇA TIRADENTES

Reportagem de SABINO CANALINI

BIBI FEZ REVISTA AOS TRÊS ANOS

AO sair esta reportagem já estreou na revista "Escândalos 1950", no Teatro Carlos Gomes, Bibi Ferreira. Bem apropriado o título, pois para os meios teatrais da cidade êsse foi o acontecimento de maior repercussão. De uns tempos para cá era comum ouvir dizer-se que o teatro no Rio estava em decadência. Platéias vazias e insatisfeitas, companhias fundadas e desfeitas em pouco tempo; receitas magríssimas e bancarrota dos artistas; falência de alguns dos principais teatros do centro e fuga para a periferia da cidade, notadamente para a zona sul com seus famosos teatrinhos de bolso. Terminou o ano de 1949, um dos mais fracos em teatro de prosa; veio o verão, espantando os espectadores e fechando as casas de diversões. Fizeram-se ouvir certas vozes prevendo a debandada de alguns dos mais populares atores da comédia para a revista. Chegou o período carnavalesco e o boato foi confirmado, pelo menos para um dos expoentes da nossa arte de representar. Houve surprêsa quando se espalhou a notícia de que Bibi Ferreira iniciaria sua temporada de inverno estreando em novo gênero de espetáculos — quer dizer, seria novo para ela, pensaram muitos. Anunciou-se que ela, por intermédio de seu ativo empresário e marido Hélio Ribeiro, havia arrendado o

(Cont. na pág. 49)



COM SABU

Um dia ela foi filmar em Londres, ao lado de Sabu. Alguns exteriores foram rodados na Amazônia. Êste retrato foi batido nessa ocasião, vendo-se também, a secretária do produtor



EM FAMÍLIA

Sim, participando da família do teatro da qual é figura proeminente. Aqui estão Dulcina e os escritores Lucia Benedetti e Paulo Magalhães. Todos lhe tributam suas homenagens



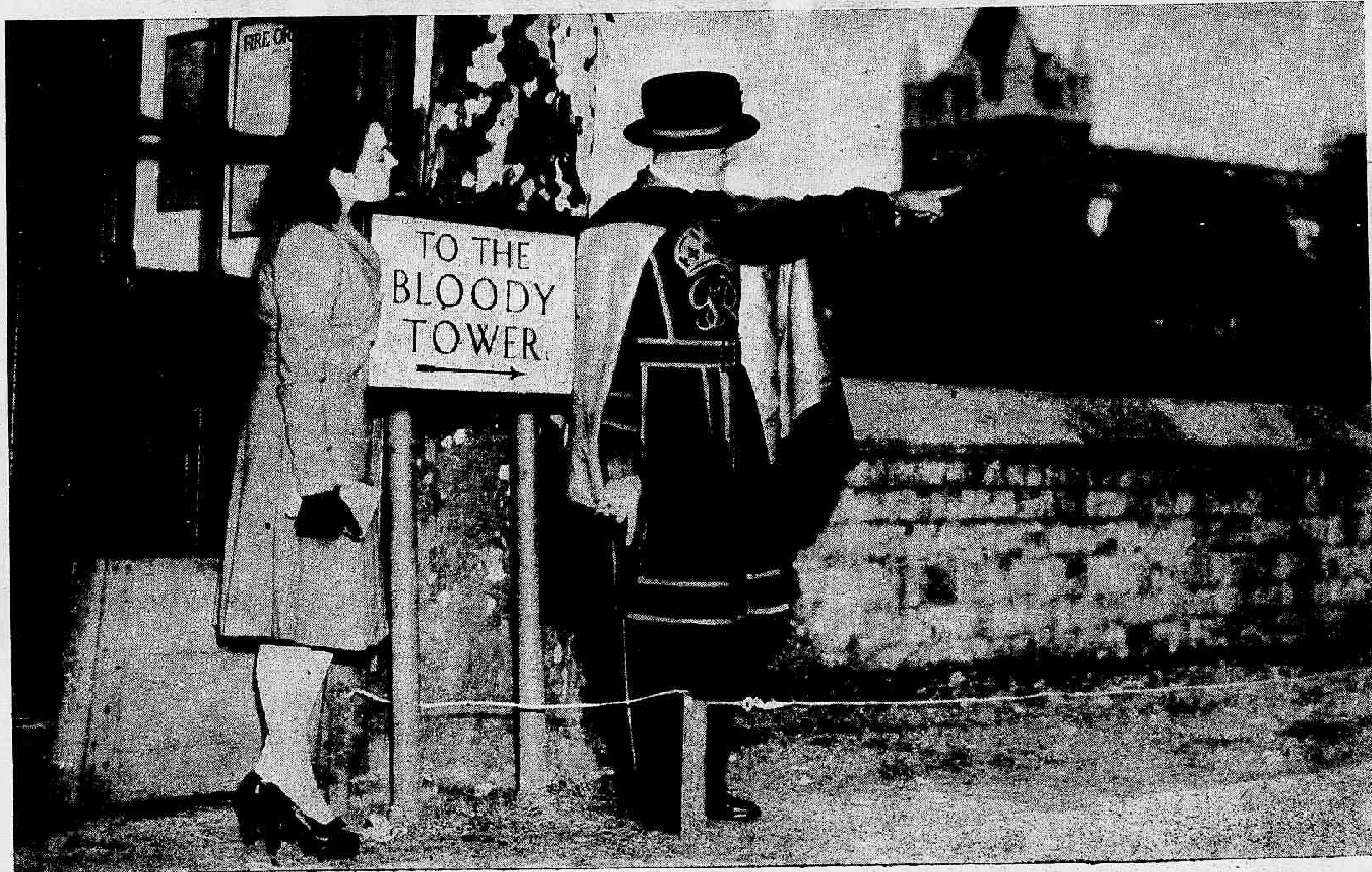
EM LONDRES

Bibi conhece metade do mundo e espera conhecer a outra metade. Aqui a vemos em visita ao Palácio de Buckingham, quando foi à Grã-Bretanha para filmar «The End of the River»



NO AMAZONAS

Nesse filme ela fazia uma nativa e Sabu era o galã. O clichê evoca um momento das filmagens, quando ambos desembarcavam de uma «gaiola» na qual subiram o rio Amazonas



NA TÔRRE DE LONDRES

Um guarda mostra à atriz brasileira o caminho de Bloody Tower. Ao fundo vê-se Tower Bridge. Foram de aproveitamento artístico, inclusive na observação do panorama teatral. Quando voltou, entusiasmada com a comédia «Divórcio», Bibi dirigiu os ensaios na versão apresentada por ela e Procópio, no Teatro Serrador, registrando-se um bem merecido sucesso

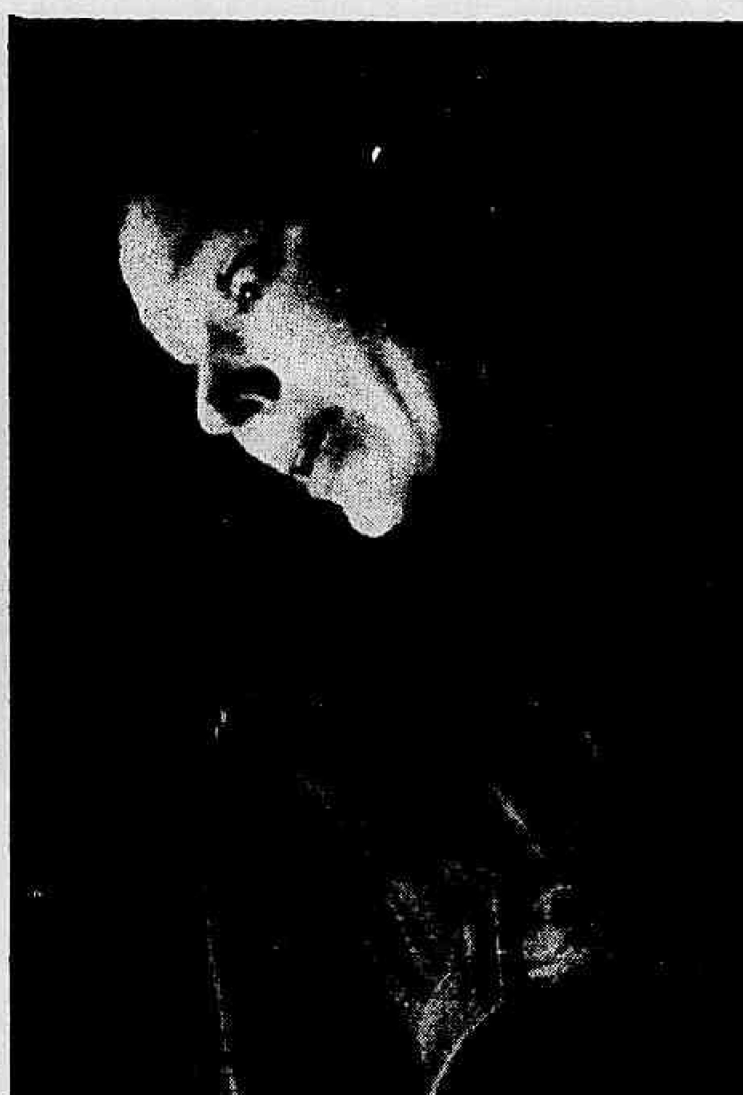






ROMÂNTICA — A máscara de Bibi Ferreira é admirável na exteriorização do estado de alma das personagens que ela vive no palco. Um toque romântico, emotivo, sonhador, ela o faz incomparavelmente. Aqui estão três expressões dêsse gênero. Ela sabe transmitir um sentimento apaixonado e místico







DRAMÁTICA — Quando o papel exige inflexões de dramaticidade ou pavor, Bibi os interpreta com sinceridade. Mesmo o patético, o pavoroso, o trágico, encontram na jovem atriz uma figura adequada. Por isso ela se tornou, na constelação do teatro brasileiro um dos elementos de maior destaque







ALEGRE — Nas comédias ligeiras, nos papéis de menina-e-moça, Bibi arranca explosões de entusiasmo. A crítica mais exigente, o público mais difícil de contentar, vibram quando a vêem representar. Falando correntemente vários idiomas, Bibi poderia representar em qualquer teatro do mundo.

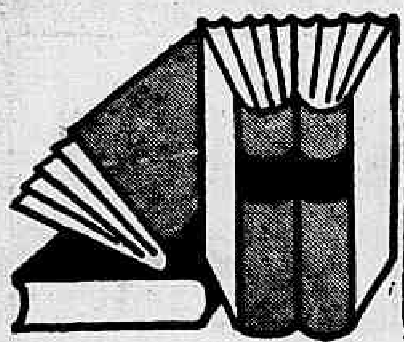




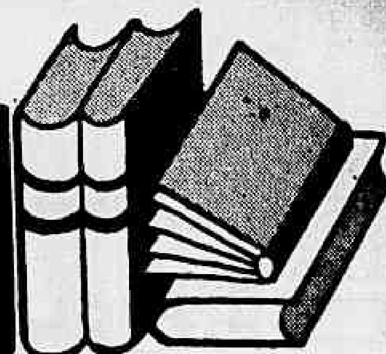
FINALMENTE NA REVISTA — BREGEIRA, MALICIOSA E "COQUETTE", TAL COMO VEM DE ESTREAR. NA GRAVURA AO ALTO, À DIREITA, BIBI E MARA RUBIA, OUTRA ATRIZ DE REVISTA BASTANTE POPULAR QUE INTEGRA O SEU ELENCO





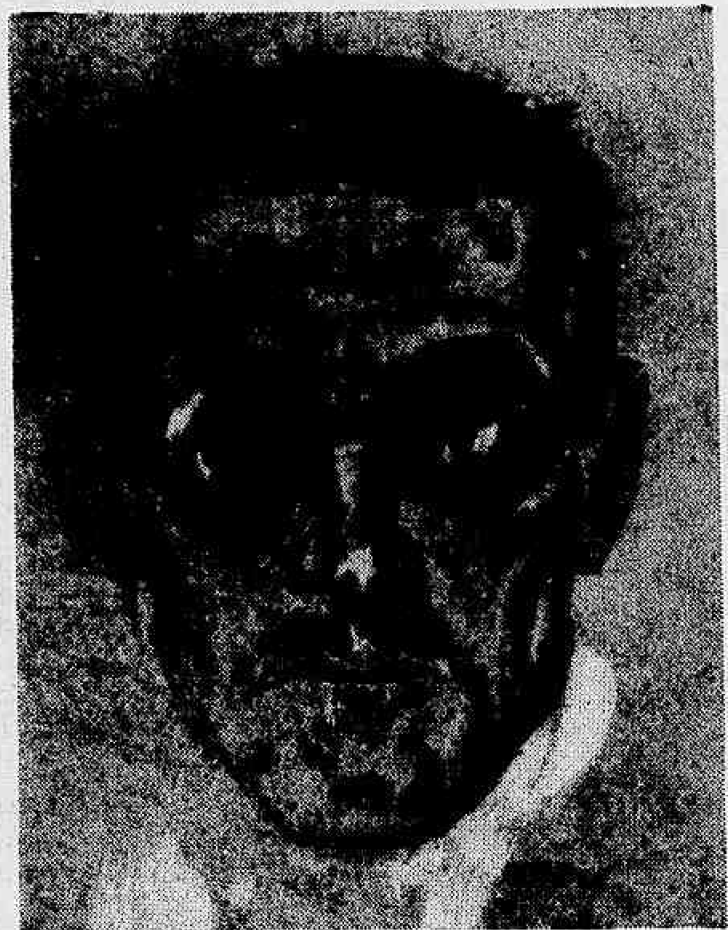


SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

GALERIA DAS CELEBRIDADES



James Joyce, um dos maiores escritores inglêses de todos os tempos, num desenho de Oscar Cesare

UM ROMANCISTA

HÁ muitos anos a história literária não registra um caso tão curioso como o do escritor Tom Hanlin, ex-mineiro na Escócia e agora um dos grandes nomes do romance atual. Mais curioso porque se deu na Inglaterra. Se se passasse na Rússia, não seria de espantar. Na Inglaterra, porém, assume proporções extraordinárias.

Hanlin foi mineiro desde os quinze anos, escavando o sub-solo de Armadale. Mas, enquanto trabalhava no fundo dos buracos, sua imaginação fervilhava e a fantasia ganhava os espaços por onde vagueam os poetas. O trabalho brutal enrijou-lhe e há poucos anos Hanlin passou a frequentar uma escola de jornalismo em Glasgow, fazendo cinquenta milhas tôdas as semanas, para não interromper seu trabalho de mineiro.

Acontece porém que, embora sua vocação de escritor, Tom Hanlin não seria tão cedo um nome internacional da literatura inglêsa, se não fôsse um desastre. O mineiro Hanlin, vítima de um acidente numa galeria das minas, teve que ser internado em um hospital onde, nos ócios da convalescença, começou a escrever contos.

Em abril de 1944, graças a êsses contos, tirou êle um prêmio, na Universidade de Sheffield — o "Arthur Mackham Memorial Prise". E desde logo se tornou uma figura de importância no mundo literário.

Tendo abandonado as minas, depois da publicação de seu primeiro romance, "Once in Every Lifetime", editado por Viking, que tem por cenário a vida dos mineiros, continua sua carreira de romancista.

DE ELLEN KEY

AMAR é perdermo-nos numa alma em que a nossa acha apoio, sem alienar nossa liberdade; é repousar num coração que acalma nossa inquietação; é achar um pensamento, que adivinha nossos sentimentos, tanto os que se podem exprimir como os que são inexprimíveis; é encontrar um olhar que vê realidades em nossas promessas; é descobrir mãos estendidas para as nossas e que gostaríamos de apertar ao morrer.

JAMES HILTON GOSTOU DESTES LIVROS

O romancista James Hilton, tão popularizado entre nós pelo cinema ("Adeus, Mr. Chips", "Horizonte perdido", etc.), falando no inquérito do "New York Herald Tribune Book Review", indicou os seguintes livros de que gostou:

"Point of no return", de John Marquand; "Nineteen Eighty-Four", de George Orwell, e "The Franchise Affair", de Josephine Tey.

CLASSIFICAÇÃO DE ESCRITORES

ENCONTRO em "Atlantida" interessantes informações sôbre uma classificação de escritores lançada em uma revista parisiense, "Marius", para a juventude. A classificação em aprêço, proposta por um colaborador da revista, divide os escritores de todos os tempos e de todos os países em quatro tipos: gênio, decente, charlatão e vazio.

Essas definições têm o mal de só poderem ser explicadas, caracterizadas por meio de exémplos.

Segundo ela, teremos esta tabela de valores:

Gênio — Lamartine.

Decente — Flaubert.

Charlatão — Alexandre Dumas Pai.

Vazio — Scribe.

Isso no que se refere ao passado e entre os escritores franceses. Mais adiante a tabela enquadra a atualidade literária:

Gênio — (Não indica nenhum gênio contemporâneo).

Decente — André Gide (ou Proust, ou Romain Rolland).

Charlatão — Papini (ou Pierre Benoit, ou Paul Morand).

Vazio — Paul Morand em "Lewis et Iréne", ou Valery Larsaud em "Amants, heureux amants".

De acôrdo com as duas últimas indicações, o classificador adverte que muitos escritores podem participar de diferentes tipos. Assim, Victor Hugo é gênio em "Booz endormi", decente em "Le Mariage de Roland", charlatão no começo de "Année terrible", e vazio em quase todo o final da mesma obra. Anatole France é uma mescla de gênio e charlatão. Paul Bourget é decente com mistura de vazio.

O classificador da questão afirma que o artista integral é o que, através de sua obra, compreende os quatro tipos. Assim Shakespeare: é o gênio que fêz "Hamlet", o decente de "Júlio César", o charlatão de "Romeu e Julieta" e o vazio de Henrique IV".

O caso de Goethe, também artista integral, é mais curioso ainda: foi gênio ao conceber "Fausto", decente ao escrevê-lo, charlatão quando o continuou e vazio ao terminá-lo.

Tolstoi, Dostoiewsky e quase todos os russos são gênios e charlatães.

Ainda sôbre os contemporâneos a tabela menciona: Golsworthy, decente e vazio; Kipling, decente e charlatão; Bernard Shaw, charlatão; Wells, um vazio que procurou elevar-se à categoria de charlatão (sem jamais conseguí-lo); Conrad, gente perdida entre o decente e o vazio; Hardy, decente e vazio, sem gênio; Yeats, charlatão quase puro; Tagore, charlatão e vazio como a maior parte dos escritores orientais; Supermann, vazio com algo de decente; Hauptmann, charlatão e vazio; Blasco Ibañez, decente e vazio; D'Annunzio, charlatão de uma classe muito especial como Rostand e Barrés.

E aí está uma nova tabela de valores literários que algum curioso poderá talvez aplicar à nossa fauna grafomaníaca.



TRÊS POEMAS DE ELUARD

Meu amor por teres figurado meus desejos
Pôsto teus lábios no céu de tuas palavras
[como um astro
Teus beijos na noite palpitante
E a forma dos teus braços em tôrno de mim
Como uma flama em sinal de conquista
Meus sonhos são agora
Claros e imortais,

E quando tu estás ausente
Sonho que durmo e sonho que estou so-
[nhando.

★

Com uma carícia apenas
Faço com que brilhes de todo o teu fulgor.

★

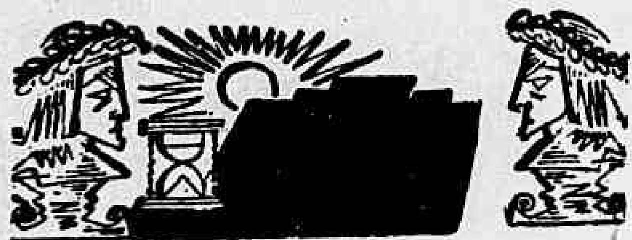
Tristeza de ondas de pedras
Lâminas apunhalam lâmina
Vidros quebram vidros
Lâmpadas apagam lâmpadas
Tantos laços rompidos
A flecha e o ferimento
O ôlho e a luz
A ascensão e a cabeça
Invisível no silêncio.

EM DEFESA DE CASIMIRO DE ABREU

Não lemos o livro que o poeta Nilo Bruzi publicou sôbre o poeta do amor e da saudade. De acôrdo com os discursos pronunciados na Assembléia fluminense pelo deputado Alberto Tôrres, o vate de "Luar de Verona", tratou a biografia de Casimiro por um processo realista que, de certa forma, chocou a gente e a terra do romântico cantor das "Primaveras".

O parlamentar fluminense acusa de falsidade, exagêro e sensacionalismo a obra de Nilo Bruzi. De acôrdo com os seus discursos que deram invulgar importância a êste caso literário, não há como deixar de reconhecer a procedência da defesa de Casimiro, feita pelo deputado Alberto Tôrres. E, além disso, louvar nessa defesa, o brilho invulgar do orador, sua erudição, sua cultura literária e a bela campanha que realizou no parlamento de Niterói.

Desconhecemos, como antes ficou dito, a obra de Nilo Bruzi. Não estamos aqui, entretanto, para decidir nesse pleito. Registrando o aparecimento do folheto que reúne os discursos de Alberto Tôrres, queremos saudar no parlamentar fluminense um espírito de escol na política do Estado do Rio, cuja afeição pelas belas letras aqui se demonstra como um auspicioso indício de que na esfera política há sempre lugar para a inteligência.



DOSTOIEWSKI

A recente reedição das obras de Dostoiewsky — ainda agora vem de aparecer "O Idiota", em dois volumes — entre nós, põe novamente em foco o nome do genial romancista russo.

UM POEMA DE ANTONIO OLINTO

Damos aqui um poema inédito de Antônio Olinto, cujo livro "Presença", aparecido no ano passado, revelou ao Brasil um novo e forte poeta.

CONVERSA COM CHOPIN

Tuas palavras vêm quase em silêncio
num movimento de desejo tranquilo
e o piano coberto de sombra
diz da ternura densa que existe nas coisas.

As teclas se afundam no corpo do tempo
e há camadas de poesia na essência do
[som.
Foi a mulher ou a noite —
foi a praia estendida na quietude da luz —
foi a terra molhada de expectativa —
o galho sêco jogado na areia.
Tua voz vem crescendo em golfadas de vida
para a unidade exata do que permanece.

De repente —
são muitos pianos —
são todos os pianos do mundo
possuídos por tua angústia
num grito desesperado e nu.

Depois da queda restam as águas do
[silêncio
que compuseste com o gesto mais puro
no piano ultrapassado e vencido
pela tranquilidade de tuas mãos.

PEQUENAS NOTAS

Foi um poema de Amado Nervo que me esclareceu sôbre o caso, isto é, a grande importância que os pobres e os insignificantes dão à morte e aos seus mortos, armando-lhes a pompa dos velórios e dos cortejos fúnebres. E' o único acontecimento importante da vida dêles. O poeta fala a um morto dizendo-lhe:

...Ya el sanudo

prestigio de la eternidad te envuelve;

E' êsse "prestigio da eternidade" que envolve todos os mortos e de que os simples têm a intuição e exploram em honra de seus entes mais caros.

★

O romancista Érico Verissimo é um músico que falhou. Êle tem a paixão da música. Há sempre uma personagem sua que vive no clima musical. Um de seus livros se chama até "Música ao longe". E se êle tem uma prosa eminentemente musical, harmoniosa, sempre — por outro lado consegue atingir aquêles recantos psicológicos, aquêle mistério das criaturas e dos fatos a que só a música nos leva...

Conversas femininas. Algumas conclusões. Por exemplo, esta — tôda mulher prefere: *a*) ser mais "chic" do que bela; *b*) ser mais bela do que inteligente; *c*) ser mais inteligente do que o homem que ela julga mais inteligente.

★

Preciso mandar um bilhete assim: "Ao prezado M. felicito pela sua crescente "grãfinização": vi seu retrato pintado pelo Ismailovitch".

★

De uma notícia literária sôbre o romancista Novelli Júnior: "O romance é, presentemente, o mais sedutor e o mais perigoso dos gêneros literários".

Reparem sobretudo nesse "perigoso"... Ou naquele "presentemente".

★

Recebo um livro novo com a lista de obras "do mesmo autor". Prosa e verso. Tudo desconhecido. Consulto a vários amigos informados: nada sabem. Alguém indaga se o livro novo foi psicografado. Psicografado, por quê? Ah, pensei, desculpe... Somos uns ignorantões.

FORA DO PRELO



LÁGRIMAS QUE FALAM

"Lágrimas que falam", de Otávio Ribeiro da Cunha, é uma coletânea de sonetos, edição do autor e fora do comércio. Não é justo — a não ser em casos especiais — fazer crítica de livros editados para simples satisfação do autos, destinados aos seus amigos. Registramos, entretanto, o aparecimento dessa obra ,onde se encontram muitos sonetos trabalhados com emoção e segurança da arte poética. Destacaremos entre êles êste:

A PIANISTA
(A Edith Bulhões Marcial)

Ela vem de surgir no palco iluminado,
Com a ampla saia bordada e o colete
[violeta.
Dir-se-ia da própria Arte o sonho rea-
[lizado:
Tema de algum pintor ou inspiração de
[um poeta.

No seu cabelo claro arde o esplendor
[lançado
Pela luz da ribalta. Em atitude discreta,
Passo esbelto e sutil, dirige-se ao teclado
E, sob aplausos vai sentar-se na ban-
[queta.

Silêncio agora... Então a voz grave do
[piano
Eleva-se no ambiente extático da sala.
Desperta a alma do sono: um canta seus
[segredos,

Aquêle exalta o amor, chora êste o
[desengano,
Há alguns a soluçar, outro canta, outro
[fala...
— Milagres de expressão de uns pequeninos dedos!

OS CEM MELHORES SONETOS BRASILEIROS

ACABA de ser lançada a quinta edição (Livraria Freitas Bastos, Rio) da célebre coletânea de sonetos realizada por Alberto de Oliveira.

Poeta dos mais altos de nossa história literária, o grande parnasiano que foi um mestre dos quatorze versos nos brindou com uma antologia do maior merecimento, pois seu bom gôsto, seu espírito de seleção e isenção reconhecido orientaram esta obra em que foram reunidas jóias exímias da poesia brasileira.

Poderemos discutir — e o próprio autor do florilégio o faz, apresentando a obra — se êstes são de fato os cem melhores sonetos já escritos pelos nossos poetas. Naturalmente, êste é um caso em que o gôsto pessoal, as afinidades, as tendências influem acentuadamente, por maior e mais cuidadoso que seja o espírito de crítica. Folheando êste livro, cada um pode constatar, com a ausência de muitos sonetos realmente lapidares — alguns outros que transpuseram o crivo do antologista e que não despertam em nós o entusiasmo que as obras-primas produzem. E' que Alberto de Oliveira, por mais que o quisesse, não pôde sobrepor o crítico ao poeta, ao sonetista que êle também foi. Nem, por outro lado, pôde eximir-se a um natural sentimentalismo e, nesse caso, incluindo, na sua seleção, obras cujo único valor será talvez o cronológico.

Os demais sonetos obedeceram ao critério das preferências, das simpatias por determinadas maneiras, por determinados poetas e escolas. Impossível não ser assim. E daí a impropriedade do adjetivo na epígrafe da obra. Mesmo porque, dentro dos limites da crítica, não poderia êle afirmar que êstes são os cem melhores sonetos brasileiros, até porque o soneto continuava sua carreira e continua a ser produzido, com maior calma, hoje em dia — por certo — mas continua. E, mesmo na obra mais recente de nossos poetas, podemos encontrar muitos sonetos melhores do que alguns dêstes cem, como, por exemplo, na "Luz Mediterrânea", de Raul de Leoni, nas obras de Djalma Andrade. E nos livros de muitos poetas que, embora já no tempo da primeira edição, trabalhassem o soneto primorosamente, não mereceram espaço na antologia, seus lugares ocupados por obras que não lhes farão sombra.

Com tôdas essas restrições indispensáveis, trata-se de uma boa amostra de nosso soneto e esta edição se enriquece ainda com a apreciável colaboração de Edgard Rezende, a quem devemos uma obra do gênero, além de outras de real significação.

O ULTIMO AMIGO DE OSCAR WILDE



UMA placa de mármore colocada em frente do hotel de Alsácia, na rua das Bellos Artes, em Paris, indica: "Oscar Wilde, poeta e dramaturgo, faleceu nesta casa em 30 de novembro de 1900". Hotel modesto, rua obscura, gente humilde, a mesma de sempre, que pôde ver aos começos do século diàriamente aquêle homem de perto de quarenta anos, envergonhado e encanecido e que escondia o rosto num sobretudo de peles moscovitas. Para os simples era Sebastian Melmoth, para os raros iniciados, era Oscar Wilde.

E em verdade êle ocupou o apartamento n. 8 daquele hotel estranho, no primeiro andar. Seria interessante ouvir-se a opinião do proprietário do hotel, o sr. Dupoirer, sôbre o autor de "Salomé".

— Ignorava eu a princípio que se tratava de Oscar Wilde — disse êle há pouco tempo a um jornalista americano. — Escreveu seu nome como Sebastian Melmoth, e as suas malas tinham essas iniciais. Combinamos o preço de tantos francos mensais pelo apartamento. Nos primeiros dias falava pouco; aos poucos, porém, fêz-se mais loquaz e algumas vêzes conversamos amplamente. Não se encontrava bem em presença de estranhos.

Ao inquirir-se-lhe sôbre os meios de vida do escritor, explicou:

— Muitos dos seus amigos tinham o hábito de mandar-lhe recursos. Recebia também uma pequena subvenção da côrte da Inglaterra, da parte da rainha. De vez em quando, escrevia algumas cartas e artigos. Levava eu mesmo suas refeições, e êle comia pouco. Parecia muito desconfiado. Às cinco horas, atravessava o Sena e ia ao Café da Regência, onde tomava o seu aperitivo. Durante o inverno envolvia-se bem em seu sobretudo. Evitava as ruas alegres de Paris, e me dizia que as atravessava com mêdo. Eram luxuosas de mais e fugia delas receando o encontro fortuito, inesperado com alguns amigos.

Freqüentava, nos outros tempos, o salão de Sarah Bernhardt e se encontrava freqüentemente com Verlaine, Pierre Louis, André Gide, Robert Ross e Alfredo Douglas. O último era por demais orgulhoso e parecia humilhado, se falava ao poeta...

O cronista perguntou então a Dupoirier se sabia que Wilde era muito infeliz.

— Nunca o imaginei — respondeu. — Parecia perfeitamente resignado e aceitava os acontecimentos com todo bom-humor. Porém, bebia extraordinàriamente — consumia no Hotel quatro garrafas de aguardente semanalmente que me enviavam da rua da Ópera.

Gostava demasiadamente de freqüentar os cafés. Permanecia ali até às três horas da manhã. Mas os seus hábitos, fora êstes, eram perfeitamente regulares. — E agora, eis como seu último amigo lhe descreve a morte. O triste fim do grande esbanjador de paradoxos, mestre supremo da elegância londrina, dêsse admirável poeta, cujo fim de vida foi de um mizerére, perene de angústias e de sofrimentos humanos, no cárcere e fora de suas grades severas.

— Por fim caiu gravemente enfermo e teve de fazer uma operação. Sentia-se com facilidade que era o fim. Pediu-me, então, que o acompanhasse. Não consentia mais ninguém na alcova além de mim. Converteu-se ao catolicismo e o pároco de Germain des-Prés vinha sempre vê-lo. Era pacientíssimo. De vez em vez, e quando sentia muitas dores, aplicava-lhe eu morfina. Antes de morrer, três dias perdeu a vista e eu tinha de ler versos, poemas, o que êle me pedia a fim de distraí-lo.

E depois, um entêrro modesto de sexta classe, com poucos amigos. Lord Arthur Douglas esteve presente. E duas coroas — a minha e a de Stuart Merril.



E aqui termina o depoimento fiel do último amigo de Oscar Wilde, um simples proprietário de hotel de Paris, que ficou com dívidas a receber, e que soube ouvir as derradeiras palavras de perdão do magnífico prosador de "De Profundis".

A SEMANA em CARICATURA



1
O sr. Edgard Estrêla pretende continuar interrompendo o trânsito... com um mandado de segurança!



3
— A C.C.P. tabelou o sanduíche!
— Lá se foi o nosso último recurso — o cachorro-quente!...

4
— Os campeões de patinação da Hungria e Tchecoslováquia fugiram dos seus países! Êles não viram jeito de se equilibrarem por debaixo da cortina de ferro.

2
— Nunca se gastou tanto dinheiro em defesa de uma classe, como o que se está gastando por causa dos vendedores de bilhete de loteria!
— Defesa! Não seria melhor que êles distribuíssem êsse dinheiro conosco?



5
— O presidente Truman autorizou a fabricação da bomba de hidrogênio!
— Hidrogênio?! Que perigo! E eu que lidei com êsse troço quando fiz os meus preparatórios!

MONUMENTO A CAXIAS EM SÃO PAULO

A MAIOR ESTÁTUA EQUESTRE DA AMÉRICA DO SUL ESTÁ SENDO CONCLUÍDA NUM BAIRRO ELEGANTE DA CAPITAL PAULISTA ★ OITO ANOS DE TRABALHOS CONSECUTIVOS ★ A SUA ALTURA E' SUPERIOR A CINQUENTA METROS

CELESTINO SILVEIRA

VAI para três anos quando pela primeira vez tomamos conhecimento das obras que já então se processavam, em regular estado de adiantamento, para a estátua do Duque de Caxias na capital bandeirante. Iamos em visita aos arredores da cidade, de volta de uma peregrinação ao Museu do Ipiranga, onde o cinematografista português Leitão de Barros desejava tomar contacto com as reminiscências de Castro Alves para a elaboração do filme de David Serrador, quando a nossa atenção foi despertada para aquelas obras, no cruzamento da Avenida Brigadeiro Luiz Antônio com a Avenida Brasil. E soubemos então que ali vinham sendo atacados os trabalhos com firmeza e vontade, desde os princípios de 1942, ainda em plena guerra.

Por iniciativa popular, sem nenhum ônus para os cofres públicos, mas apenas com a arrecadação do produto obtido em múltiplas listas distribuídas pela população, ali estava sendo feita a maior obra dêsse gênero que já se realizou no Brasil, ou mesmo em todo o continente. Quiseram os paulistas dar o seu tributo à memória do grande cabo de guerra e o estão fazendo dentro das proporções a que já nos habituamos quando se trata de uma iniciativa arrojada em seus domínios. Surpreenderam-nos, e a quem nos acompanhava, antes de tudo, a grandiosidade e a beleza da estátua que será, uma vez terminada e definitivamente assentada, a mais alta da América do Sul.

Ela terá quarenta e cinco metros de altura, e passará de cinqüenta quando estiver no pedestal, uma base de dimensões apropriadas — disse-nos então o dr. Victor Blecherê, a quem se deve essa realização.

Todos os trabalhos vêm sendo, até agora, realizados dentro de um imenso galpão, de modo a não caírem sôbre êles os olhos dos estranhos. Mas com freqüência visitantes ilustres, nacionais e estrangeiros, curiosos de conhecer o adiantamento da obra, fazem-lhes uma visita. E dali saem, como saímos também, deslumbrados. Ficará na proporção da própria grandeza paulistana, o monumento-gigante que os paulistanos vão dar ao Brasil, de reverência a Caxias.

Pela "maquette" que ilustra estas notas, já os leitores podem certificar-se da imponência dêsse cometimento; mas não é possível sentir-lhe tôda a beleza, nem o vulto, através das gravuras. Muito breve o monumento estará entregue à admiração do povo — oito laboriosos anos de trabalhos já foram aplicados nêle — e só então, com justo orgulho, não só os paulistas, mas todos nós, brasileiros, poderemos incluir entre os pontos de referência do país, essa autêntica maravilha estatuária.

★

Voltamos, um dia dêstes, a fazer outra visita a êsses trabalhos que entram agora em sua fase final. As peças já foram ajustadas, formando um todo de proporções surpreendentes. Está o monumento, como se pode ver em uma das ilustrações destas páginas, situado dentro de uma armação de madeira, sustentado por vários guindastes e mourões de ferro. Ali trabalham, de manhã à noite, dezenas de operarios de tôdas as especialidades, aprimorando a obra. E não deixa de ser pitoresco observar a desproporção entre os trabalhadores e a figura heráldica de Caxias, montado em seu cavalo gigantesco. Instintivamente vem-nos à memória o episódio de Tróia: quantos soldados caberiam no bôjo dêsse cavalo?

Para uma colocação apropriada da estátua, terá a Prefeitura de São Paulo, de traçar uma praça de idênticas dimensões, o que já vem sendo feito. Espera-se que dentro de um a dois anos seja feita a solene inauguração, pela qual aguarda com entusiasmo mal disfarçado a população bandeirante, notadamente aquêles que de algum modo contribuiram para êsse empreendimento.

Iniciados os trabalhos preliminares em 1942,



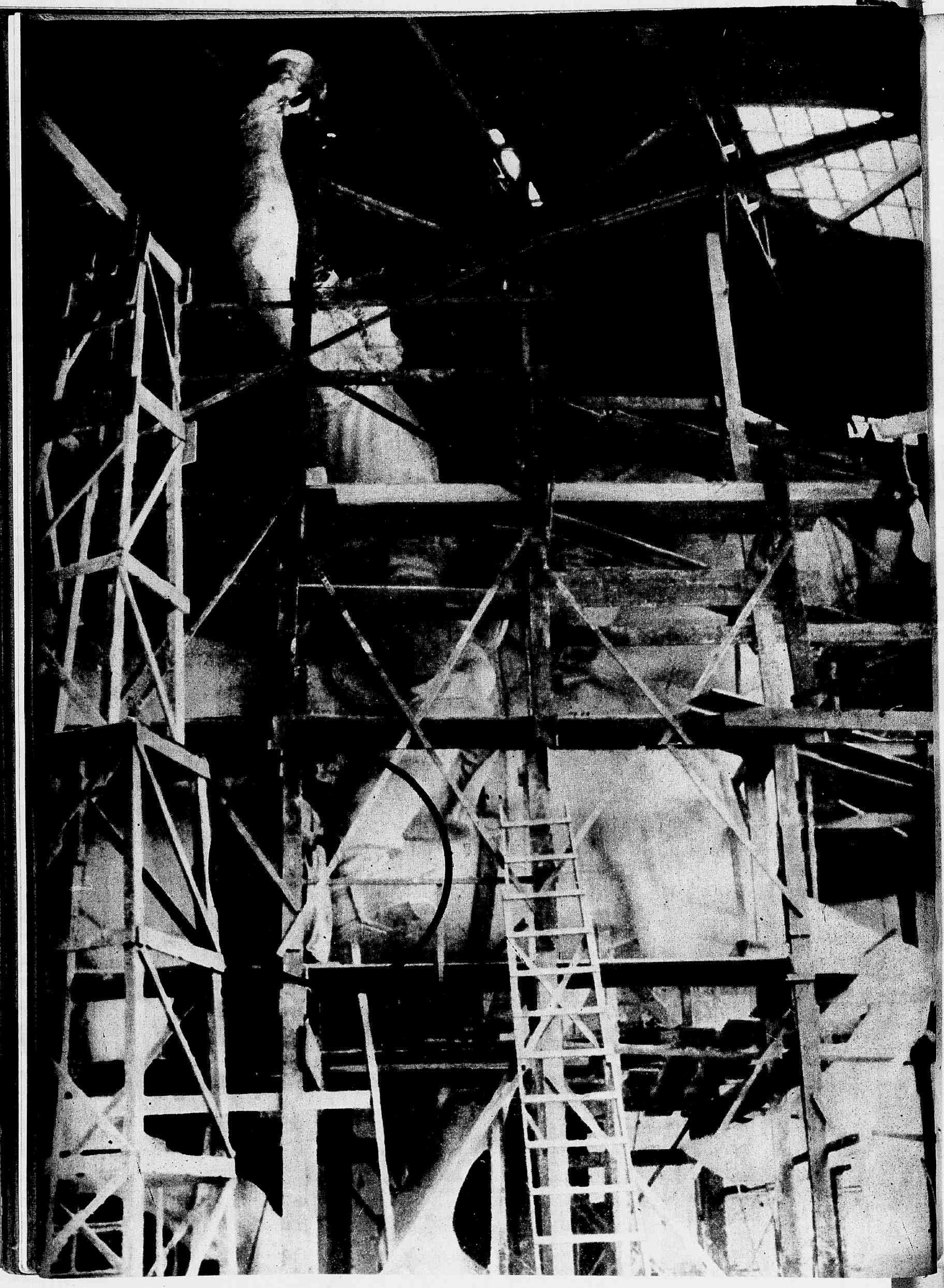
PROPORÇÃO

Para que melhor se possa sentir a grandiosidade dessa obra, aqui se vê um garoto sentado sôbre um dos pés da figura do Duque de Caxias, como se estivesse dando lustro à bota militar do grande soldado. Nesse monumento trabalham algumas dezenas de operários em seus múltiplos afazeres profissionais. E ainda falta muito para terminar!



CABEÇA

E' um monumento de extraordinárias proporções a estátua do Duque de Caxias que há oito anos vem sendo trabalhada em S. Paulo. Acima, reprodução da cabeça, já concluída.



"MAQUETTE"

Assim ficará o monumento depois de terminado, com 50 metros de altura. Será o maior da América do Sul, requerendo, para sua instalação, uma praça de proporções adequadas

já no ano seguinte começavam a ser atacados os preparativos do gêsso, para forrar a armação. As diversas partes do monumento foram feitas isoladamente. Quando ali entramos pela primeira vez, era interessante encontrar êsses detalhes, avulsos, distribuídos pelo galpão — aqui a cabeça do Duque de Ferro, ali o busto, acolá um braço empunhando a sua gloriosa espada. Não era fácil, naquela ocasião, imaginar o efeito em conjunto, o que já pudemos sentir nesta última visita.

Para melhor avaliar as dimensões dessa obra, será bastante dizer que só o cavalo tem oito metros de altura. E os operários que se distribuem, pelo andaime, entregues à sua faina, dão à distância, a impressão exata de minúsculas figuras, deslizando em vários sentidos, como pigmeus que se preocupassem com a "toilette" de um gigante. Novamente a imaginação trabalha — e nos recordamos agora do episódio de Gulliver na terra dos liliputianos . .

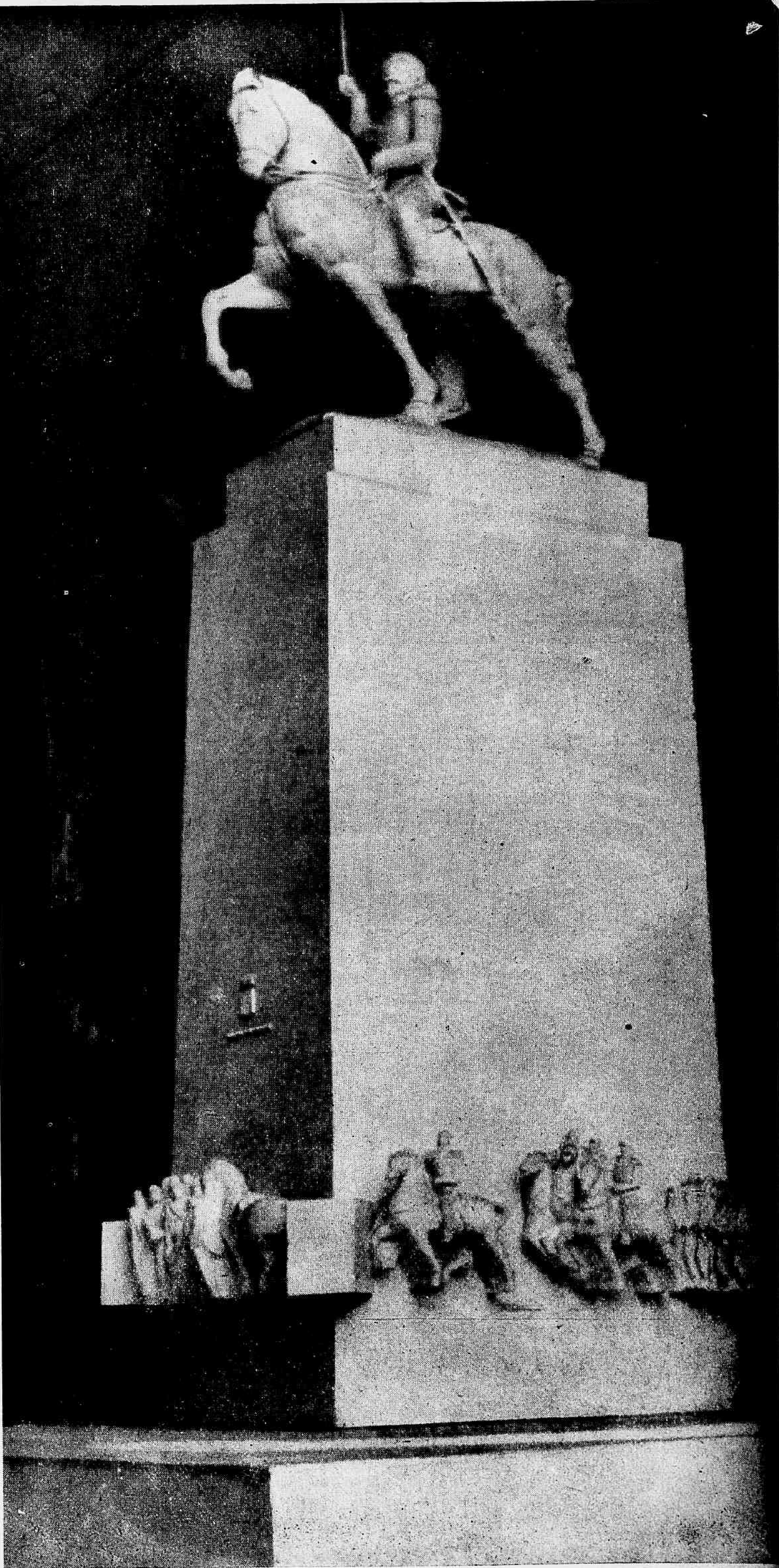
Ficará, repetimos, o monumento a Caxias, como um ponto de referência sistemático e tradicional de São Paulo. Parece-nos já estar vendo milhares de reproduções fotográficas espalhadas pelo mundo, a deslumbrar quem as veja e despertando uma curiosidade indomável de conhecer mais de perto essa importante obra.

Assim como hoje se identifica o Rio pelo Pão de Açúcar e o Corcovado, Paris pela Tôrre Eiffel, Nova York pela estátua da Liberdade — assim também, em dias vindouros, a fisionomia da capital bandeirante há de ser reconhecida, identificada, imediatamente assimilada por essa deslumbrante obra de estatuária.

Têm razão os paulistas para se orgulharem dela. E muito nos enganamos ou terá então êsse monumento a Caxias iniciado uma nova era para o Brasil, de obras de arte do gênero. Mesmo porque, temos sido, até êstes dias, um país de reconhecido mau gôsto e pouca felicidade na consagração, em praças públicas, dos nossos maiores vultos, com raríssimas exceções. Alguns dêsses monumentos antigos primam pela mais desagradável das impressões — o que deixará de acontecer quando a figura heráldica de Caxias se erguer, altaneira, gloriosa e imponente, na terra de Piratininga.

E então monumentos de igual vulto devem ser erguidos em outros pontos do país. Monumentos que levantem, bem alto, os fastos de seus lendários heróis, e falem, na eloqüência muda mas expressiva do mármore e do ferro, de um passado que nem por ser de ontem deixa de possuir o seu mais alto significado histórico.

E se porventura o leitor estiver em São Paulo, ou ali fôr nestes dias mais próximos, não deixe de fazer uma visita às obras de acabamento da estátua a Caxias. Será das mais proveitosas e uma recordação grata e duradoura o acompanhará por longo tempo.



<——

O MONUMENTO, TAL COMO SE ENCONTRA, NA SUA FASE PRÉ-CONCLUÍDA. REPAREM NO TRABALHADOR, NO PRIMEIRO ANDAIME, E ESTABELEÇA-SE O CONFRONTO COM A PROPORÇÃO DA ESTÁTUA



TIPOS BIZARROS das ruas de Paris. Savari, na «foire aux croûtes», um artista boêmio que vende seus trabalhos ao ar livre. Livre como os pardais que cantam nos velhos telhados



OUTRO ARTISTA boêmio, ao ar livre do Quartier Latin — pintando, vivendo, amando, indiferente aos transeuntes. Não liga aos outros. Instala-se no seu pôsto... e pinta...

DECLARA O PINTOR CARLOS DA CUNHA:

"ESTAMOS 50 ANOS ATRASADOS EM ARTES PLÁSTICAS"

E MAIS: "QUE TEMOS NÓS COM OS CAPRICHOS DE PICASSO E OUTROS GÊNIOS? ★ RECÉM-CHEGADO DA EUROPA, O ARTISTA PATRÍCIO FAZ PALPITANTES DECLARAÇÕES SÔBRE O VELHO MUNDO

Reportagem de ARMANDO PACHECO
com ilustrações do entrevistado

UMA das novidades artisticas da semana é o regresso do pintor Carlos da Cunha, do Velho Mundo. Êsse grande e conceituado plástico nosso patrício, acaba de, por sua conta e risco, percorrer de fio a pavio a Europa. Êle se demorou em Portugal, na Espanha, na Itália, na Suiça, mas como artista de raça se perdeu em Paris. Ai o pintor insaciável, à procura do tempo perdido em fazer arte num Brasil ainda de botocudos, encontrou seu espirito, seu mundo. Como que recuperando seu eu, Carlos da Cunha uniu sua carcassa brasileira a seu espirito parisiense. Êle descobriu ser o homem que faltava a Paris. E foi ficando, vivendo, pintando, amando, em sintese: tatuando a alma da milenária Paris. Também não há canto ou recanto da capital francesa que êle não tenha vasculhado, com a sua ânsia gaúcha de conquistar e dominar a terra. Os museus, as galerias, os cafés, o "bas-fond", os cabarés, os quadros-vivos, Montparnasse, Montmartre, Quartier Latin, Place Pigalle, La Rue de Chate que Peche, as pontes e velhas ruas marginais do Sena, todo êsse relicário de uma cidade que amamos tanto que é como se a conhecêssemos, foi devassada pelo pintor travestido de repórter, e bom repórter, diga-se de passagem. Tanto que de suas notas de viagem ficam conosco as impressões de que fomos seus companheiros de andaças por alheias terras d'Óropa, França e Bahia.

AQUELA RUA EM PARIS...

Como o delicioso livro de Elliot Paul, velho jornalista americano largado em Paris da primeira à segunda grande guerra, Carlos da Cunha, o pintor brasileiro, suriograndense de nascimento, premiado no salão de 1929, de uma familia de jornalistas, materializou seu sonho em aquela rua em Paris... Sim, naquela rua em Paris, num hotelzinho das canções de Luciene Boyer, no bairro boêmio da cidade que é um inferno paradisiaco êle viu que não havia mais segredos nem mistérios para o ideal da criação. Numa rua parisiense Carlos da Cunha conheceu "une Blonde" que lhe recorda a "Mimi Pinson", e ela foi seu nume tutelar nas doces terras de França. Nessa rua êle descobriu os mais variados tipos de tôdas as partes do mundo conhecido e desconhecido dos asilados nas calçadas e vielas da "Cidade Luz". De lá o artista nos trouxe uma preciosa coleção de trabalhos fixando com talento homens, coisas e aspectos dessa Paris imperecivel, apesar das guerras e invasões dos bárbaros. Vale a pena ver para ad-



«LE FOàER-MONTPARNASSE» — ponto de «rendez-vous da bomia na Cidade Luz. Foi nesses lugares lendários que o pintor gaúcho materializou seu sonho e viu que não há mais segredos nem mistérios para o ideal da criação. Descobriu os mais variados tipos de tôdas as partes do mundo, que se asilam em vielas e calçadas parisienses, felizes, despreocupados...



AULA DE MODÊLOS VIVOS. **Estúdio de Carlos da Cunha. Ali se reunem pintores europeus, norte e sul-americanos, confraternizam. Ali começam e acabam muitos romances e também se enraízam sólidas amizades. Ali também o artista patrício sentiu-se mais artista**

mirar o maravilhoso resultado da viagem do nosso patrício pela Europa. E já que o govêrno brasileiro nada faz no sentido de prestigiar e custear essas peregrinações artísticas, será melhor que as autoridades francesas cuidem desde logo do oferecimento de uma bôlsa de estudos ao pintor Carlos da Cunha para que êle retorne à França, para que promova novas conferências, aulas e sessões de pintura, e também para que volte a trabalhar, conforme vem fazendo espontâneamente, por um mais estreito intercâmbio cultural franco-brasileiro. Embora com poucos meses de permanência no Velho Mundo, Carlos da Cunha está realizando por essa desejada aproximação cultural muito mais do que os bombásticos, mal orientados e duvidosos programas de turismo. Que o embaixador francês, que o govêrno brasileiro, que o escritor Cláudio Gans, verdadeiro cônsul espiritual da França no Rio, e outros idealistas facilitem a concretização dêsse sonho de Carlos da Cunha: batalhar sempre pela França no Brasil e pelo Brasil na França.

GLÓRIA ETERNA DA FRANÇA E ITÁLIA

Já dissemos antes que o pintor Carlos da Cunha pertence a uma família de jornalistas. O pai fêz tudo em matéria de jornal. E um irmão, de saudosa memória, deixou fama como excelente repórter, na imprensa do Rio Grande do Sul. Por isso deixemos que êle conte pessoalmente o que viu lá fora. Todavia, com uma pergunta a bailar no espírito, não podemos evitar de saber de Paris, como se tratasse de um velho conhecido. E, provocado, assim falou C. Cunha:

— Paris atravessa um período de franco renascimento. A vida é baratíssima e há abundância de tudo. Quanto à atividade intelectual, é hoje o que era antes da guerra, intensa e trepidante. Como centro artístico e literário, Montparnasse cedeu o lugar ao Quartier Latin e a Saint Germain des-Prés, onde pontificam os existencialistas. Nas livrarias, cafés e galerias de arte da margem esquerda do Sena, uma multidão de jovens entusiastas discute as últimas novidades, expõe suas teorias mais arrojadas, dando vida e animação ao ambiente. Tive ali a sensação de viver entre o povo mais civilizado do mundo. Paris, em que pese aos pessimistas que falam eternamente em decadência, ainda é e será por muito tempo o cérebro do universo.

Depois de outras revelações sôbre artes e artistas da França de hoje, Mr. Da Cunha passa a falar da Itália:

— A Itália deu-me a impressão de um imenso museu. Ainda não se refez inteiramente da crise de após-guerra. O passado dêsse país é tão grandioso que oprime o presente. Existem, entretanto, individualidades marcantes, principalmente na pintura, no teatro e no cinema (talvez o mais avançado do mundo). Mas não há ambiente.

O melhor da produção artística é destinado a Paris, e de lá, para o mundo. Pareceu-me que o artista moderno italiano, tal como sucede no Brasil, não tem público. O gôsto dêste se dirige principalmente para a arte acadêmica, fotográfica e dos continuadores do impressionismo.

Já que o nosso entrevistado falara em arte acadêmica, desejamos saber em que pé estamos, agora que se esboça uma reação contra a chamada corrente modernista, corrente que é, por sua vez, produto de uma reação contra o academismo.

RETÔRNO AO REALISMO

— E' exato que há, atualmente, em Paris, uma tendência para a volta ao academismo?

— Não ao academismo, na verdade, mas ao realismo, o que é muito diferente. Numa trajetória rápida pela história da pintura, desde os fins do século passado até nossos dias — continua Carlos da Cunha — devemos considerar três fases principais: o prolongamento paralelo do academismo e do impressionismo, a conseqüência dêste último, que é o cubismo, e a atual volta ao realismo, isto é, a uma arte mais em contacto com a realidade visual. Trata-se de uma reação salutar às facilidades de uma arte abstrata e desumana, reveladamente limitada em suas finalidades. As complicações combinações geométricas da "pintura pura demonstraram-se impotentes pelo fato de se esgotarem em si mesmas.

E como se estivesse numa cátedra, o jovem professor em artes plásticas sentenciou:

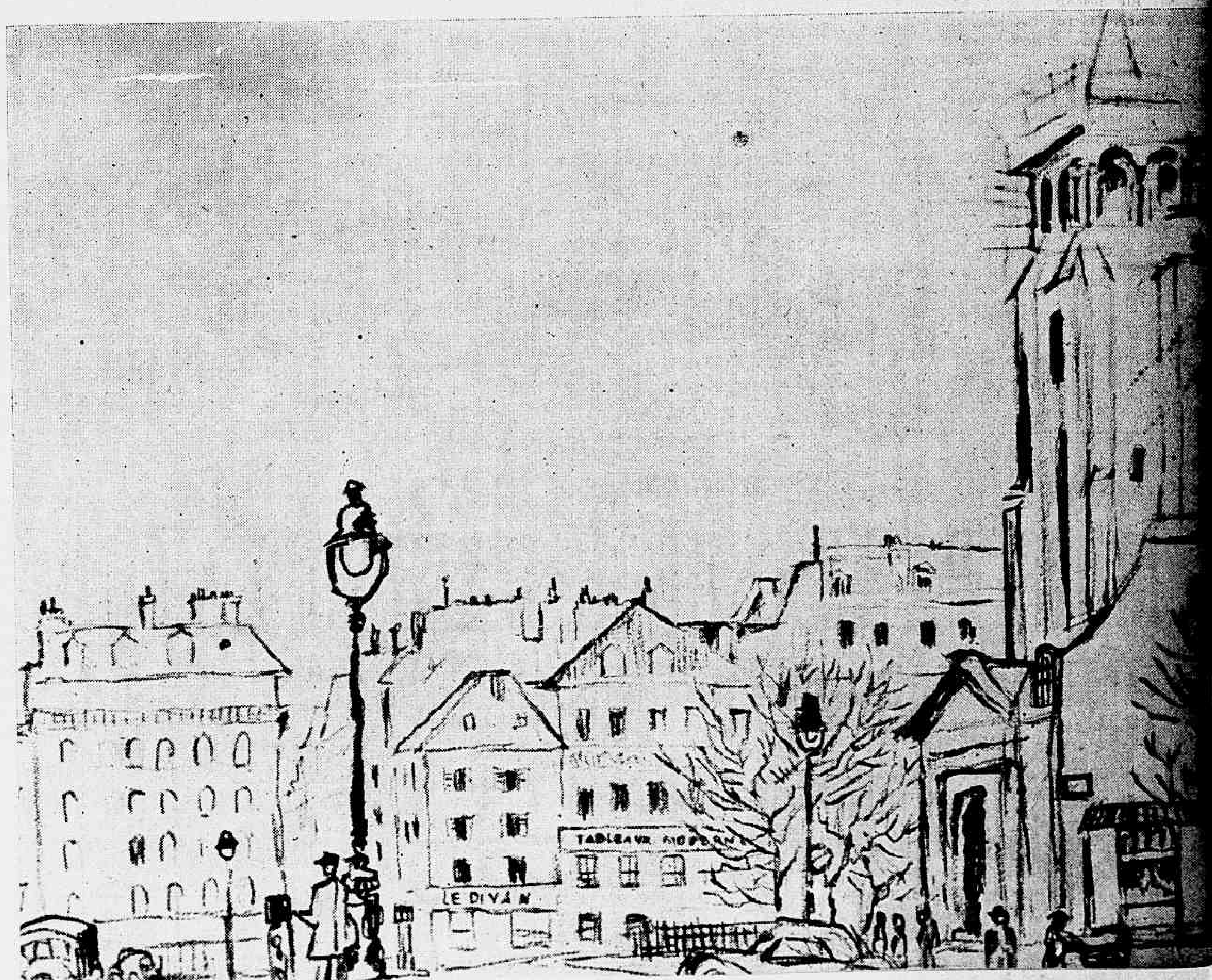
— Tal desumanização da arte, desde Picasso até Kandinsky, de permeio com os primitivistas e dadaístas, levara êsses exegetas a uma negação total da realidade e, como conseqüência, uma nova reação se esboçou e sua influência continua. Não é uma reação anti-moderna, mas anti-modernista, portanto.

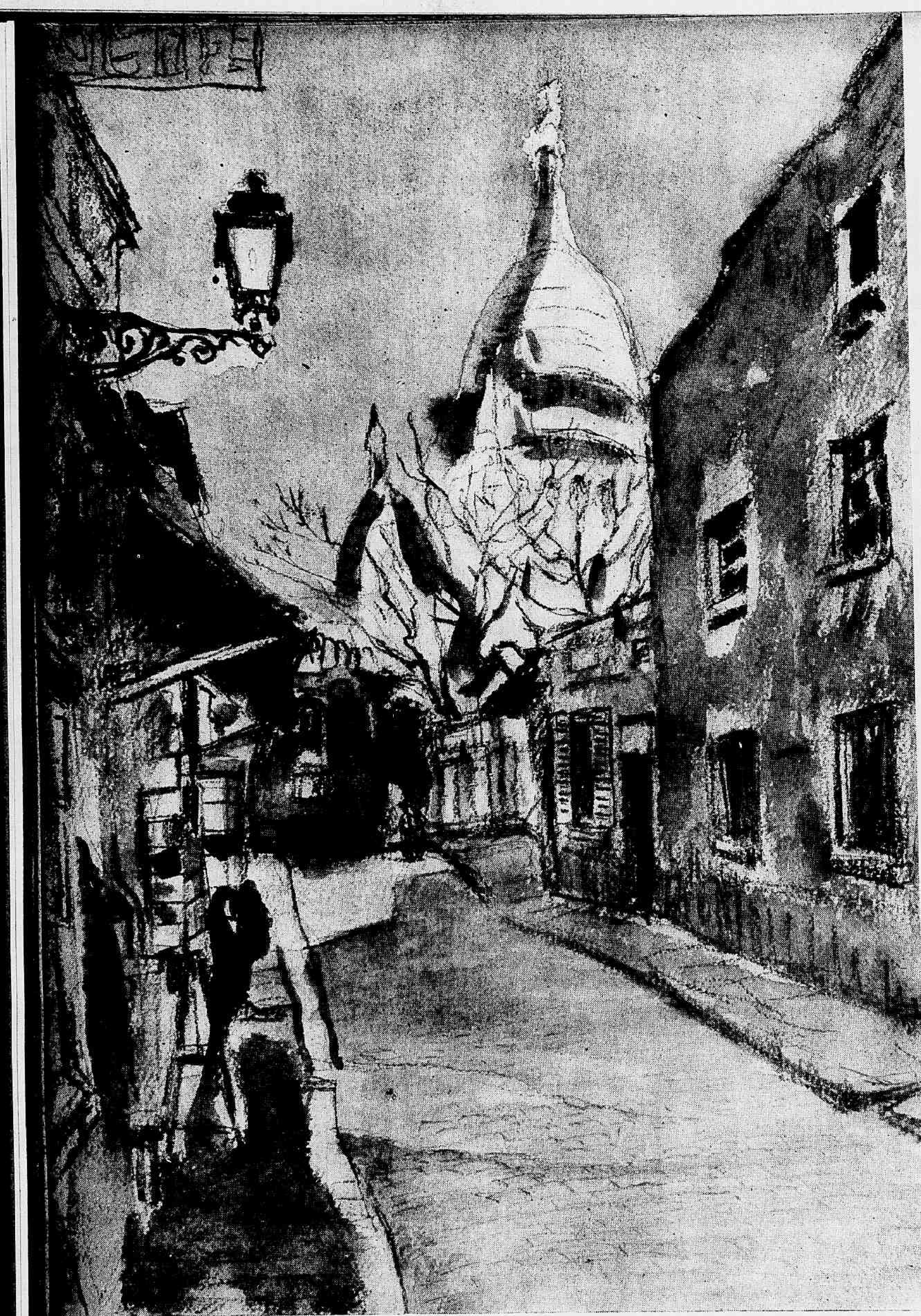
O BRASIL 50 ANOS ATRASADO EM ARTE...

Em seguida C. da C passa a falar da arte no Brasil:

— No Brasil, estamos ainda, no que concerne ao movimento moderno, 50 anos atrasados. Cubos, losangos, retângulos e elipses ainda nos impressionam. Enquanto lá fora, a velha pintura modernista vai sendo posta de lado, enquanto a volta ao assunto está na ordem do dia e os artistas se integram na época, participando das ansiedades e movimentos construtivos e dos dramas presentes, nós aqui nos divertimos

SAINT GERMAIN DES-PRÉS, **num bosquejo do artista que resolveu percorrer de ponta a ponta a Europa e fêz a vida dos artista boêmios peregrinando em Portugal, Espanha, Itália, Suíça. Mas em Paris descobriu que tinha espírito local e... pôs-se a pintar...**





AQUELA RUA EM PARIS... Quase com a brancura de um lírio, vê-se ao fundo a secular igreja da Madalena. Na quela rua, num hotelzinho das canções de Luciene Boyer, êle conheceu «une blonde» que lhe recorda a Mimi Pinson. E ela foi seu nume tutelar...

MONTPARNASSE E BAIRRO LATINO

VISTOS PELO PINTOR CARLOS DA CUNHA

QUAL é a última de Montparnasse: Essa era a pergunta que se fazia dez anos atrás, antes da guerra, em qualquer centro artístico de qualquer capital do mundo. Tal como os costureiros da rue de la Paix, Montparnasse ditava a moda em arte; estabelecia teorias e fazia circular os novos cânones a serem adotados por todo o universo. Hoje, o bairro caro a Serusier e Denis, onde Picasso, Pascin e Marc Chagall sonharam e lutaram, onde Modigliani, o último pintor maldito, levou uma vida nômade e miserável, já não é nem sombra daquilo que foi. Ali nasceu a famosa Escola de Paris. Os alemães expulsaram os seus representantes mais típicos e pitorescos. Perseguido pela Gestapo, Soutine morreu numa clínica em fevereiro de 1943. Um Feder, um Epstein e trinta outros Montparnos, pintores de qualidade, acabaram nos campos da morte. Onde estão os grupos alegres de americanos que enchiam os seus cafés e frasseries; Onde estão as neves de antanho? como diria Villon.

Acresce que outros centros de arte nasceram pelo mundo. Nova York tem o seu bairro de artistas, a jovem pintura mexicana impõe-se e criam-se do outro lado do Atlântico movimentos independentes da tradição européia.

Um homem, porém, Montparno de pura cêpa, resolveu não se conformar facilmente. A França recupera-se com rapidez e não é admissível que o bairro que foi durante 25 anos a Meca da arte contemporânea, renuncie sem mais nem menos, à sua mensagem. Êste homem é Marc Vaux, antigo fotógrafo. Relacionado por sua profissão nos meios culturais, empenhou-se com figurões da política, visitou mecenas estrangeiros, arranjou apresentações para ministros e acabou fundando o «Foyer Montparnasse». O que é o «Foyer»? Uma espécie de club-cantina, pró-renascimento de Montparnasse, onde os artistas pobres têm uma refeição por 50 francos (Cr$ 2,30).

Ainda que seus cafés e bars estejam às moscas, numerosos artistas trabalham em Montparnasse. Vindos da provincia ou do estrangeiro por sua própria conta, êsses peregrinos apaixonados que tudo sacrificaram por um ideal, vivem em extrema pobreza. O grande público que lê o rol das vendas do Hotel Drouot e registra os preços astronômicos dos quadros de Utrillo ou Derain, dificilmente acredita na existência dos artistas pobres. O «Foyer» acolhe essa mocidade simpática, entusiasta, curiosa de tudo o que se relaciona com os problemas de arte e da cultura. Ao lado das «nourritures terrestres», encontra ela o alimento do espírito, exposições, concertos, conferências, livros, etc.. O «Foyer» publica ainda um hebdomadário ilustrado «Montparnasse — Carrefour des Arts» e organiza anualmente um baile para eleição da rainha dos modelos.

★

Um pouco mais adiante, em direção ao Boulevard Raspail, passando pela antipática e burguesa «Rotonde», fica a rua da Grande Chaumière. Ali está a célebre academia do mesmo nome, velha e respeitável instituição de ensino livre. Possui várias salas e nelas ensinam mestres de renome, tendo uma freqüência diária de cêrca de duzentos alunos.

Por ocasião de nossa visita, a sala n. 1 (de croquis), está apinhada de amadores. Há de tôdas as tendências, desde o acadêmico «pompier» até o ultra-modernista, passando pelos yankees excêntricos que bancam o artista e os indefectíveis diplomatas sulamericanos (raro é o que não se dedica à pintura ou à escultura).

Quase diríamos não ser tanto o amor à pintura mas ao ambiente despreocupado e boêmio, o que atrái êstes rapazes e moças, verdadeiros turistas da arte.

Ao nosso lado, uma jovem desenha atentivamente. Um macacão de mecânico, as unhas sujas, o penteado em desalinho, linda, porém, no seu desleixo proposital. Sua indumentária e atitudes deixam para segundo plano o seu trabalho, um desenho que se esforça em vão por ser acadêmico mas que descamba, irremediàvelmente, em garranchos infantis, para o estilo caro aos estetas da «arte bruta».

Foi Picasso quem disse que o importante não é aquilo que se faz mas o que se é. Em outras palavras, não é a obra que conta, mas o artista, seus anseios e inquietações.

★

A propósito da decadência de Montparnasse falou-se na conseqüente decadência da boêmia parisiense. Nada é mais falso. Montparnasse é apenas um bairro de Paris e sua deserção pouco afeta o prestigio da cidade. Seguindo o Boulevard Raspail e

(Cont. na pág. 50)

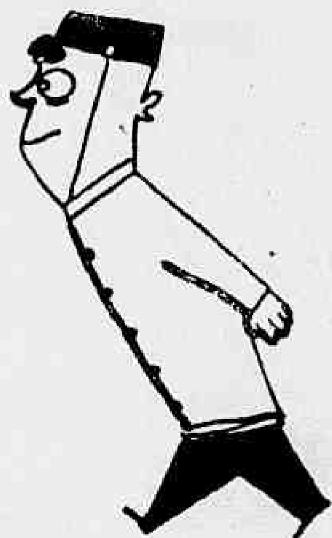


O pintor brasileiro Carlos da Cunha, autor dos «croquis» que ilustram esta página e a entrevista com Armando Pacheco.

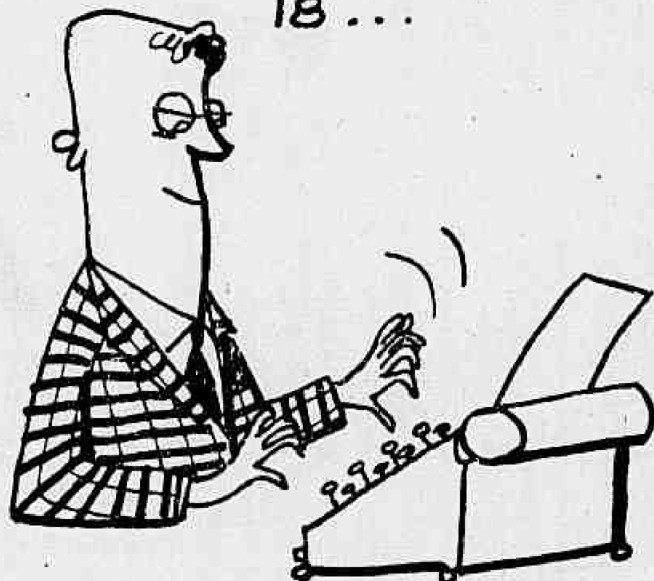
Nicodemus EXPLICA POR $\frac{b.h}{3}$ O CALCULO DA

PIRÂMIDE DA EXISTÊNCIA ...

OFFICE-BOY
AOS 13 ANOS ...

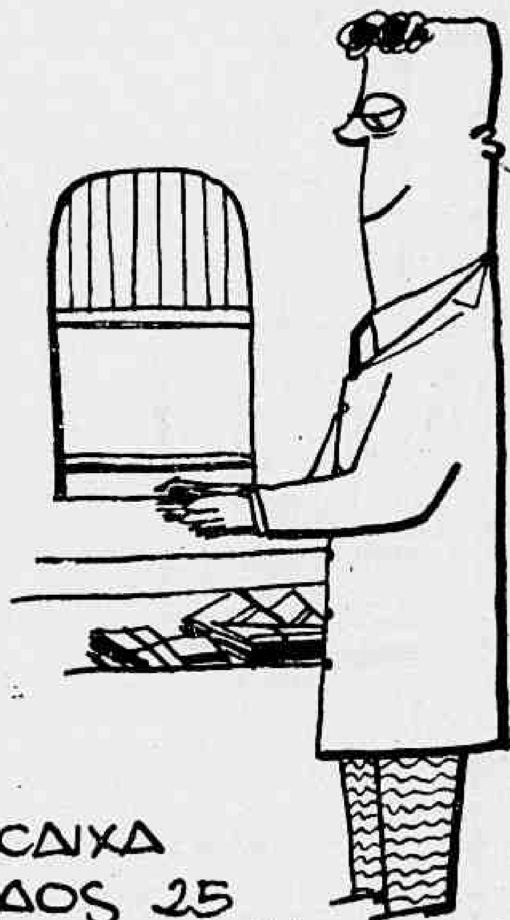


AUXILIAR DE
ESCRITORIO
AOS
18 ...





CHEFE DE VENDA
AOS 21 ...



CAIXA
AOS 25 ...



GERENTE
AOS
28 ...



AOS
28 $\frac{1}{2}$
DIRETOR-PRESIDENTE ...

... ENTÃO, NESSE MOMENTO PRECISO, QUANDO O INDIVIDUO PENSA QUE VENCEU, QUE JÁ ESTÁ COM TUDO E ESTÁ PROSA, PENSA QUE ORGANIZOU UMA BASE SÓLIDA NO VOLUME DA PIRÂMIDE DA VIDA, VEM UM VIRUS, PARASITA, ESPARADRAPO, SANGUESSUGA INSACIAVEL E SE ENCARAPITA, SEM CERIMONIAS, MANDACHUVAMENTE LÁ NA PONTINHA DA PIRÂMIDE ...





1 Numa sala decorada e mobilada de maneira extravagante — misto de escritório, belchior, circo, camarim de teatro — uma secretária (Dinorah Pera) e uma dactilógrafa (Aída Ferreira) discutem e trocam idéias sôbre o trabalho em que estão empregadas. Entram sucessivamente um pastor protestante (Jorge Diniz) e um ilusionista (E. de Castro), para reclamar sôbre suas atividades, sendo friamente repreendidos pela secretária, que diz que para servir a causa é preciso fazer sacrifícios. Tratam-se por números e não pelos nomes. Assim o padre, que já não veste mais a batina, sendo agora um pescador norueguês, chama-se F 34 e o ilusionista responde por X 31. O ambiente é mais ou menos suspeito.

2 Entram Maria Isabel (Suzana Negri), assustada, retraída, e pouco depois o velho sr. Balboa (Manuel Pera). Os dois ficam cada vez mais intrigados pelo que vêem e ouvem. Instintivamente procuram infundir-se coragem mùtuamente. De maneira misteriosa, através de uma estante, surgem um ladrão de jóias (Tony Jr.) e um caçador acompanhado de dois enormes cachorros. Os visitantes, que foram convidados por escrito a comparecer naquele lugar, não conseguem descobrir a natureza do mesmo. Fazem suposições e a moça, evidentemente mais nervosa que o velho, chega a assustar-se com os toques de campainha, com a descoberta de um roupeiro, e quer fugir logo, enquanto há tempo.



As árvores morrem de pé

(Los arboles muerem de pié)

COMÉDIA EM TRÊS ATOS DE ALEJANDRO CASONA, TRADUÇÃO DE VALDEMAR DE OLIVEIRA, APRESENTADA PELA COMPANHIA DULCINA-ODILON



3 Surge, porém, o diretor, que para aclarar tudo pede ao ancião para deixá-lo a sós com a moça enquanto êle será pôsto a par de tudo pela secretária. O diretor (Odilon) em seguida pede à moça para que confesse o que havia feito na noite anterior. Ela a princípio recusa, mas termina por dizer que, por haver perdido o emprêgo, teria se suicidado com veronal se não tivesse recebido um ramo de rosas com um bilhete em que se lia apenas a palavra "Amanhã". O diretor explica que aquela é uma instituição de beneficência pública, que procura auxiliar os que sofrem principalmente do espírito e cuja depressão nervosa os levaria a cometer loucuras. Isabel, reconhecida pela lição de esperança, promete auxiliar os outros no que puder.

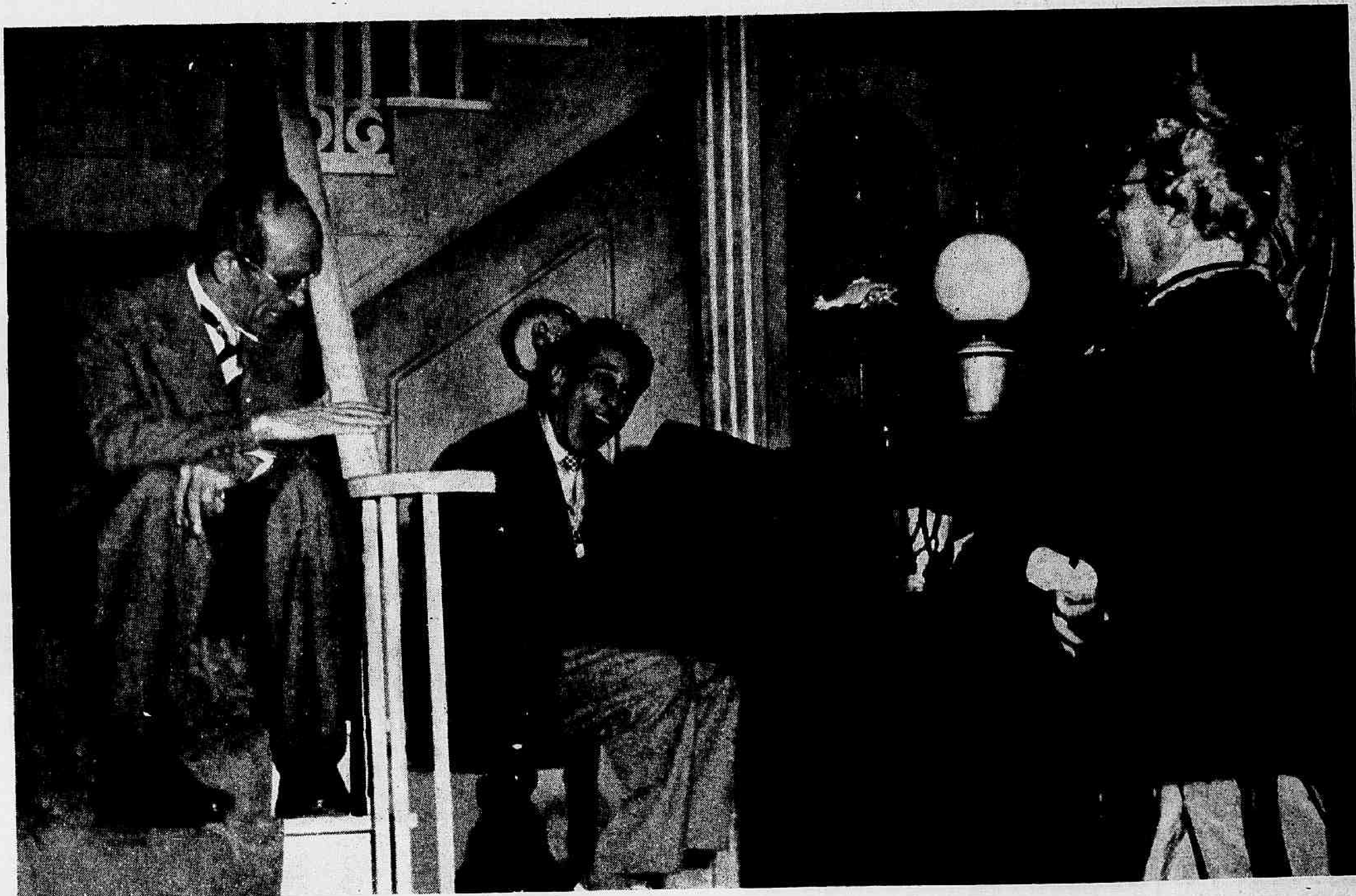
4 O diretor faz entrar em seguida o velho Balboa. Ciente da finalidade da instituição explica êle o porque de sua vinda. Êle e a mulher, remanescentes de numerosa família, haviam criado um neto com demasiada liberalidade. Isto prejudicou o menino, que se tornou um viciado, sendo afinal expulso pelo avô, que o surpreendeu roubando. A avó nunca lhe perdoou a precipitação. Então êle começou a escrever cartas falsas, como se fôssem do neto que no Canadá teria progredido, formando-se em arquitetura e casando. Agora porém chegou um telegrama, êste autêntico, do neto anunciando sua chegada. O navio em que viajava foi ao fundo. Alguém precisa se apresentar como o neto e sua espôsa. A avó nunca deverá saber da verdade. O diretor decide substituir o neto; Isabel será a espôsa.





5 Após haver estudado os detalhes de suas partes, orientados pelo avô Balboa, preparam-se os dois para entrar na casa. Enquanto isso, a avó (Conchita de Morais), juntamente com Genoveva (Antônia Marzulo), espera ansiosa pela volta do neto após vinte anos de ausência. Não pode esconder seu nervosismo e já imagina o neto a lhe pedir as coisas de que mais gostava na meninice. Com certeza terá os mesmos hábitos e é tremendo de emoção que ela escuta o carro se aproximar e vê finalmente realizado seu sonho de vinte anos: reabraçar o neto. Não se cansa de beijá-lo, de admirá-lo, de fazer-lhe perguntas. Apresentada à espôsa de Maurício (êsse o nome do neto), é logo captada pela simpatia da moça.

6 E' noite. Apesar disso a avó não quer ir deitar, quer saborear até o fim a alegria do momento, que ela declara ser o mais feliz de tôda a sua vida. Fica radiante de contentamento quando Maurício lembra as pequeninas coisas que o distraíam em criança e os doces de sua predileção. Maurício aprendeu muito bem a lição. Apenas comete algumas falhas quando descreve as paisagens do Canadá, que a avó conhece tão bem através das cartas que o neto lhe escrevia. Surprêsa agradável ela tem quando Isabel faz a descrição minuciosa da casa, guiando-se apenas no muito que lhe falou Maurício. Isabel faz a sua parte de modo quase perfeito. Ela não está fingindo, está vivendo o papel que lhe foi imposto.



7 Sòzinha no mundo, sempre sentiu falta de uma família, de um lar, de uma vovòzinha. Justamente o que ela tem agora, mas de ficção. Sentimental, não pode se conter mais e lança-se nos braços da bondosa avó, chorando de momentânea alegria, de ilusão, de mágoa. A avó pede-lhe para tocar ao piano, conforme diziam as cartas. Ela porém não sabe e, para livrar-se, finge cortar a mão com o vidro de um copo. Maurício, para despistar, toca êle uma canção de sua autoria. Lembra ainda e pede um famoso licor de fabricação caseira. Genoveva traz, todos gostam e Isabel quer a receita. Maurício toca ao piano, todos acompanham cantando e a avó consente em se retirar para o quarto sòmente depois de se sentir um pouco tonta.



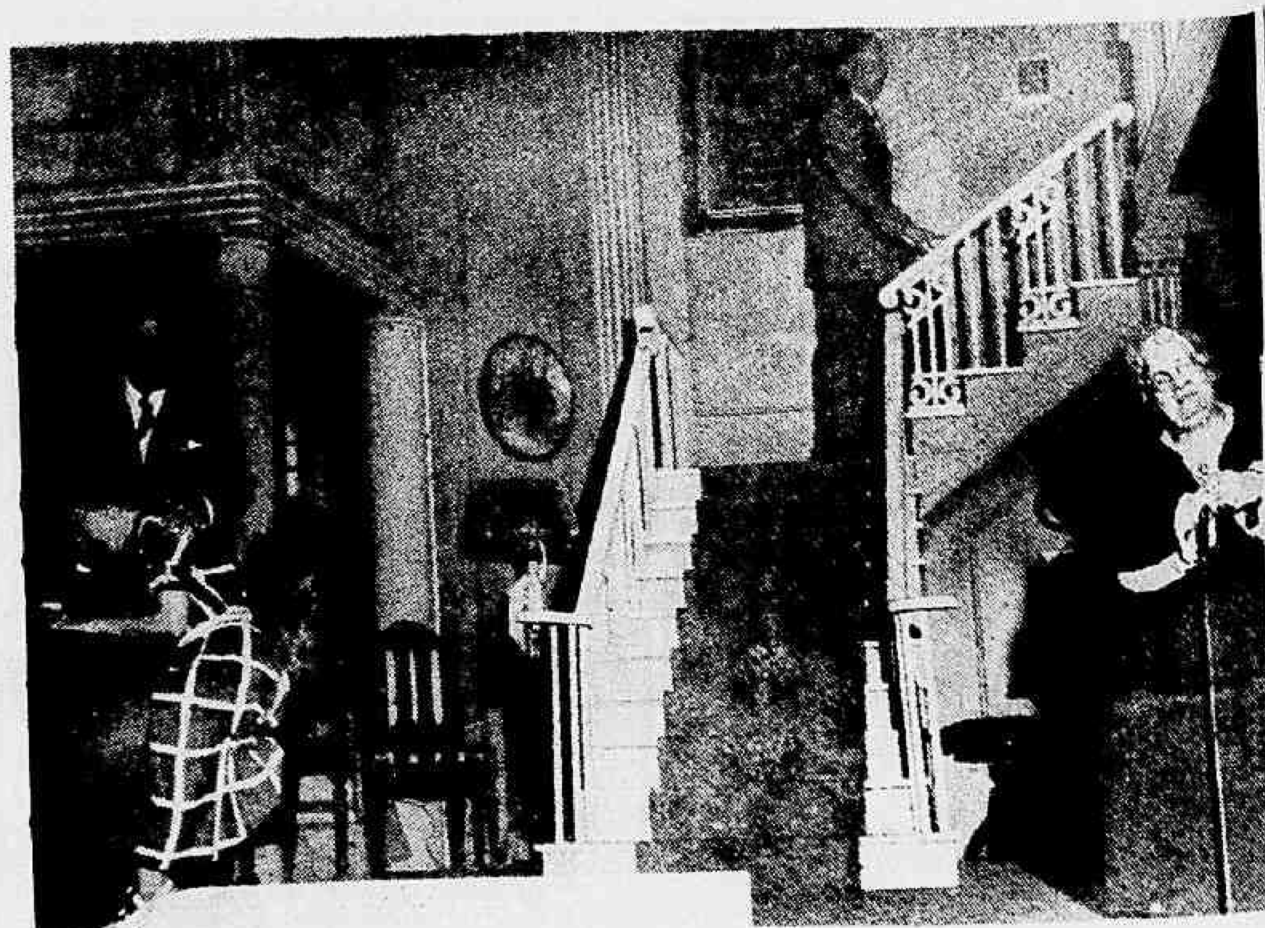
8 Ficam os dois, Maurício e Isabel. A moça, comovida pelos acontecimentos do dia, não pode esconder sua perturbação. Maurício aponta-lhe as falhas da sua atuação: não deve beijá-lo como o fêz, isto é, de maneira tão fria ou tão arrebatada, não deve deixar-se levar pelo sentimentalismo e chorar; também não era necessário se cortar de verdade para evitar de tocar piano. Diz que ela nunca será uma boa artista, pois tem bom coração. Mesmo quando estão sós, devem continuar fingindo para se habituar melhor ao papel que estão representando. O primeiro momento foi superado e a avó não desconfiou de nada. Êles deverão continuar por alguns dias mais até fingir um chamado urgente do Canadá. Isabel gosta de verdade de Maurício e promete não repetir as falhas.



9 Durante uma semana Maurício consegue enganar a avó; porém, chamado por outros afazeres, decide sair da casa e para tanto telefona para o seu escritório pedindo à secretária que lhe envie um falso telegrama do Canadá ordenando o seu regresso imediato. Genoveva e a avó, no entanto, haviam descoberto que o neto dormia separado da espôsa, em quartos diferentes. A avó faz perguntas a Isabel, quer explicações para essa atitude que acha estranha. Ela teme que os dois não estejam mais se querendo. Isabel tranquiliza-a, diz que é uma resolução momentânea e que mesmo que Maurício fale pouco com ela e se mostre pouco carinhoso, está disposta inclusive a serví-lo para não perder o seu amor e só a sua presença lhe é bastante para enchê-la de felicidade.



10 Enquanto a avó estava no jardim com os netos, chega uma visita para o velho Balboa. E' o verdadeiro Maurício que, havendo escapado do naufrágio, se apresenta exigindo dinheiro para desaparecer, já que seus inimigos o ameaçaram de morte se não pagar sua dívida. Exige muito, o avô não concorda e êle ameaça fazer escândalo e apresentar-se à avó de quem saberá obter o dinheiro. Chama pela avó, mas surge o falso Maurício e adverte-o da aproximação da avó. Se êle se der a conhecer, será capaz até de matá-lo. Convida-o portanto a saírem juntos. Lá fora explicará tudo. O rapaz obedece e quando a avó e Isabel entram na sala limita-se a cumprimentá-las, saindo em seguida acompanhado do outro, para se entenderem longe dos ouvidos da avó.



11 Isabel está arrumando as malas quando chega Maurício e diz que o outro, pôsto a par da verdade, quer fazer chantagem e se não houver dinheiro pedirá a venda da casa. Voltará dentro do prazo marcado, findo o qual revelará tudo à avó. Isabel diz que após o que se fêz não se pode desistir; devem achar um meio para terminar bem. A desilusão para a velha avó seria a pior coisa. Sabe-o ela por experiência: já se habituara à ficção, a ter um lar e um marido, e agora deverá voltar para o seu quarto frio e sem flores. Maurício compreende que êle também a estava amando e se declara. Quando chega o outro, Isabel quer enfrentá-lo sòzinha, mas nada consegue. Durante a discussão entra inesperadamente a avó que pede a Isabel para retirar-se, ela falará com a visita.

12 O mau neto revela-lhe o que sabe das cartas, da sua falsa vida, do casamento e da presença dos outros. A avó revolta-se. Tinha uma última esperança, já que desde o seu aparecimento no dia anterior suspeitara da realidade e soubera da verdade pelo próprio marido. Esperava que o neto não descesse tão baixo ao ponto de acusar os outros. Nega-lhe o dinheiro e expulsa-o de casa, embora sabendo que talvez êle vá ao encontro da morte. Consolada pelo marido, deseja que os dois jovens que a fizeram tão feliz durante aquêles dias não saibam que sua obra não teve resultado. Diz que a visita nada disse e retirou-se. E enquanto dita a receita do licor para Isabel, pede ao neto para escrever-lhe sempre, para não esquecê-la e se um dia tiverem filhos . . .

sto
nda
vó.
ter-
cia:
seu
se
que.
-se,

UMA SOMBRA NO PÁTIO

NOVELA DE **ALUISIO FURTADO DE MENDONÇA**

ÀS vêzes, fico pensando que sou covarde. Vêm-me medos repentinos de coisas mesmo que não sei precisar. E me assombro. Torno-me capiongo ou uma pilha, e qualquer rumor me assusta, me sobressalta. Certa ocasião, perseguido que estava por estranhos pressentimentos, cheguei a contratar um moleque valente e desordeiro para me guardar, para me defender. Desconfiava que alguém me estava seguindo, todos os dias, quando de regresso da fábrica. E o meu invisível perseguidor continuava na sua ronda silenciosa e ameaçadora em tôrno da casa, pela noite a dentro. Mas o moleque botou as unhas de fora, deu para ordinário, andou me roubando e terminou por declarar-me em conversa que a sombra que me seguia era êle próprio, à espera apenas de um cochilo meu para me assaltar.

Agora, novamente, chegam-me outros estranhos receios. Sinto-me inseguro em tôda parte. Desconfio que existe uma sombra no pátio, tôdas as noites, a partir de determinada hora. E não durmo mais. Ouço até passos e vozes no silêncio noturno. Quero crer, em certos momentos, que seja mais de uma sombra. E pressinto mesmo rostos macilentos colados, pregados, de encontro aos vidros frios da janela, e me espreitando, me observando, estudando meus movimentos. Evito, porém, constatar a veracidade dessas minhas suspeitas porque tenho mêdo. E as noites tornam-se assim, para mim, longas e medonhas, cheias de pesadelos, desesperos e sonhos maus.

Tenho certeza de que se criasse coragem, um pouco de coragem apenas, e abrisse a janela que dá para o pátio, veria uma sombra ou talvez mais de uma, passeando sôbre a grama, confundindo-se misturando-se, embaralhando-se com as outras sombras dançantes do quintal. Momentos há em que ainda avanço. Seguro o ferrolho. Tento levantá-lo. Mas os dedos se vão tornando duros, dormentes, grossos. As mãos pesadas, imensas, enormes, se relaxam e escorregam inúteis sôbre as coxas. E prostrado ao pé da janela, como um guerreiro vencido, vejo-me incapaz de soerguê-las, de levantá-las outras vêzes no desejo já rio. As pernas também se tornam trêmulas e inúteis. Os olhos baços e vesgos. A voz rouca e cavernosa, prêsa na garganta. Sinto febre ardente e suores gelados me lavam o corpo todo. Recolho-me, então, à cama na minha covardia de homem velho e sòzinho, para levar uma noite sem fim de ausências e insônias, de desejos e renúncias, de presenças e temores noturnos.

Talvez, já pensei, se procurasse a causa disso tudo, com calma, no materialismo ou no espiritismo a encontrasse, e sem dificuldades. Herculano, há dias, me aconselhou, como ateu, que procurasse uma moça rica e me casasse:

— Há tantas por aí doidas por um velho como você! Se quiser ver, é só se balançar!

E Gustavo Maranhão, como espírita praticante, chamou-me para tomar "passes" numa sessão. Não vou, no entanto, com êsse negócio de mexer, de bulir com quem está quieto, com quem está morto, com quem já deu as carnes aos bichos da terra. Se gostasse, invocaria comadre Joaninha, pediria um remédio para meus males, perguntaria a ela se já estava no inferno, e relembraria partes de nossa vida na terra, pedaços apenas, principalmente aquêles roubados a compadre Francisquinho. Em nada disso acredito, porém, motivo pelo qual acho que vou morrer dessas leseiras de velho, sem uma dose de alívio sequer.

Lembrei-me um dia dêsses de dar um mergulho no subconsciente mas desisti. Não gosto de pensar. Enfada-me. Faz-me um mal danado. Começo a bocejar. A bôca fica amargando. Sinto tonturas e termino adormecendo. Inútil, pois, tentar tomar êsse caminho. O melhor que faço é cruzar os braços e ver aonde é que isso tudo vai parar.

Esquecia-me. Ainda ontem vesti-me para ir ao médico psiquiatra. Na hora "h", porém, fui obrigado a afastar a idéia. Dizem que êle também anda maluqueando, anda fazendo asneiras na rua. E por que não se curar a êle próprio? Não é doutor? Tolice minha! Não devia dizer essas coisas! Nem tudo que a gente vê ou sabe deve dizer! O povo mesmo que investigue e se defenda. Mas começo a desconfiar que nasci com uma aduela de mais. Insisto: ignorância minha! O doutor talvez seja um homem bom! Quem não presta sou eu que sou falador. Às vêzes, quero pensar que, além dos outros grandes defeitos que tenho, sou mais indiscreto. Amanhã mesmo, vou me corrigir, procurar um padre virtuoso e contar os meus pecados... Perdoado, começarei uma nova vida.

★

Quando a mãe de Maria Helena morreu, tinha ela três anos apenas. A pobre mulher era minha lavadeira de longa data. Conhecera minha mãe e elogiava-me sempre as suas virtudes. Apreciava Dona Branca por causa disso. E antes de empreender a longa viagem para a terra onde o sol é realmente *frio*, mandou-me chamar para entregar a garotinha. Criança feia e doente. Amarela. Sem nenhuma graça. Sem nenhum encanto particular que a distinguisse das outras meninas pobres do bairro.

Tomei-a sob meus cuidados. Criei-a desde aquela data, desde aquela idade, como se fôsse mesmo minha filha. Nada lhe faltava. Hoje, está uma mocinha. Morena. Corada. Os olhos grandes e castanhos. Esbelta. Vaidosa. Os lábios carnudos, sensuais, abertos à maneira de uma rosa de côr encarnado-intenso. Os cabelos longos, dourados e bem crespos. A voz macia, leve, sonora, branda. Voz de gente grande e educada. Os modos, os gestos também são finos e elegantes. Estudou às minhas custas, em colégio de freira, fala francês, inglês e espanhol, namorou americano e toca piano que só se vendo. Muitas vêzes, esqueço por segundos apenas que é minha filha de criação e sinto estranhas sensações. Negócio de velho. E as palavras de Herculano, indiretamente, também concorrem para isso:

— Há tantas por aí doidas por um velho como você! Se quiser ver, é só se balançar!

Mas, me controlo sempre em tempo nesses momentos de tentação:

— Maria Helena, onde está você, minha filha?

— Aqui, meu padrinho!

Sempre a mesma fuga. Sempre a mesma resposta da menina.

E é Maria Helena quem orienta os negócios da casa. E' ela quem traça as diretrizes do dia de trabalho. Quem serve de intérprete com a preta velha Emengarda. E por falar em Emengarda, um dia dêsses tive raiva da cozinheira. E' que, com os olhos muito aboticabados, procurou-me no retiro do quarto que ocupo para falar de enxerimentos da menina com seu colega de côr, o Damião, meu capanga, sujeito que dizem por aí que é valentão e que contratei ao vizinho, por uma fortuna, para me defender, para me proteger da sombra do pátio. Zanguei-me com a história. Sentei-me na cama, engasguei-me com saliva. Tossi para limpar a garganta sempre lotada de baba crônica de asma de velho, procurei os chinelos desorientadamente em baixo da cama e explodindo de repente, esfreguei o dedo indicador da mão direita para lá e para cá nas ventas da negra. Gritei. Faltou-me fôlego. Engoli várias vêzes em sêco. Ameacei dispensá-la se ainda me voltasse com aquelas mentiras. Achei que era pouco, sentia ainda os bofes inchados, falei em monstruosidade. Pecado mortal. Inferno. Emengarda é beata, freqüenta as Missões, arregalou os olhos, abriu a bôca em sinal de espanto e temor. Enchi-me de gôsto. Aumentei. Dilatei meu campo de protestos. Diabo côxo, com um espêto de fogo na mão. Os olhos de hiena. A língua de fora. Os dentes arreganhados, dois apenas, as duas prêsas! A cozinheira, de joelhos, prostradas nos meus pés, a cabeça baixa, as lágrimas grandes molhando o taco do quarto. E eu me babava com o sofrimento da preta.

Calúnia! Só podia ser calúnia! Não era possível que fôsse verdade. Menina prêsa, mimada. Êle, um negro chamboqueiro. Canguleiro. Assassino profissional. Sujeito sem família. Sem tradição. Sem recursos. Isto é, sem outro recurso que não seja o crime, a sombra do crime que o acompanha sempre com um espectro horrendo de noite e o punhal enorme, negro, negro como sua própria alma, punhal que leva consigo para tôda parte, na cintura, no côs da calça pôdre de suja, num prenúncio de morte, de luto, de viuvez. Malandro. Feiticeiro. Sim, bem dito: feiticeiro. Talvez, tenha feito bruxaria para a menina. Só pode ser. Pago, afinal, para matar os outros, quantos eu quiser, sem conhecer ao menos as pessoas que mata. Monstro! Não, não posso, nem o poderia se quisesse, acreditar na história da preta velha Emengarda. Ela mentiu. Continuo a suspeitar que a cozinheira anda caducando, que a espolêta dela já começou a falhar:

— Maria Helena, onde está você, minha filha?

— Aqui, meu padrinho!

De repente, não sei por quê, me surgem certas suspeitas. Acho Maria Helena com traços, com certas características no falar e no andar com o prêto Damião. E me atormento. Talvez Emengarda tenha mesmo razão. A menina anda se enxerindo, se peneirando, se botando para o meu perigoso capanga. Mas redobrarei de cuidados e investigações. Em último caso, irei ao vizinho, o coronel Bonifácio, chefe político da Oposição do Estado, sujeito de muito dinheiro e prestígio, autor também de multas desgraças e pedirei o afastamento do negro que êle me mandou para guarda-costa. Em seu lugar, que me envie outro que seja respeitador, que conheça o seu lugar. Tenho Maria Helena para um doutor, para homem formado, de anel no dedo, nem que seja para matar também os outros, como Damião, mas pelo menos posso ter certeza que é de uma maneira mais legal, humana e democrática. Não



(Cont. na pág. 48)



UMA DAS velhas ruas de Lincoln, tortuosa e íngreme, onde se acha a Casa dos Judeus, célebre e poderosa organização, sob a proteção do Rei, de há séculos. Em baixo, o rev. dr. Maurice Harland, bispo de Lincoln, diante do Altar da RAF, na Catedral de Lincoln, durante a colocação de livros com os nomes dos 21 mil mortos da Fôrça Aérea, na última guerra

LINCOLN

UMA CIDADE DE CONTRADIÇÕES

DE UMA CIDADE ARCAICA, TRÊS VÊZES MILENAR, A UMA FORJA DE FERRO, AÇO E CARVÃO ★ OS INGLÊSES SE ORGULHAM DAQUELA TERRA QUE TANTO PRODUZ PARA O MUNDO INTEIRO ★ EPISÓDIOS CURIOSOS

DONALD MacROW

(Exclusivo BNS para a REVISTA DA SEMANA

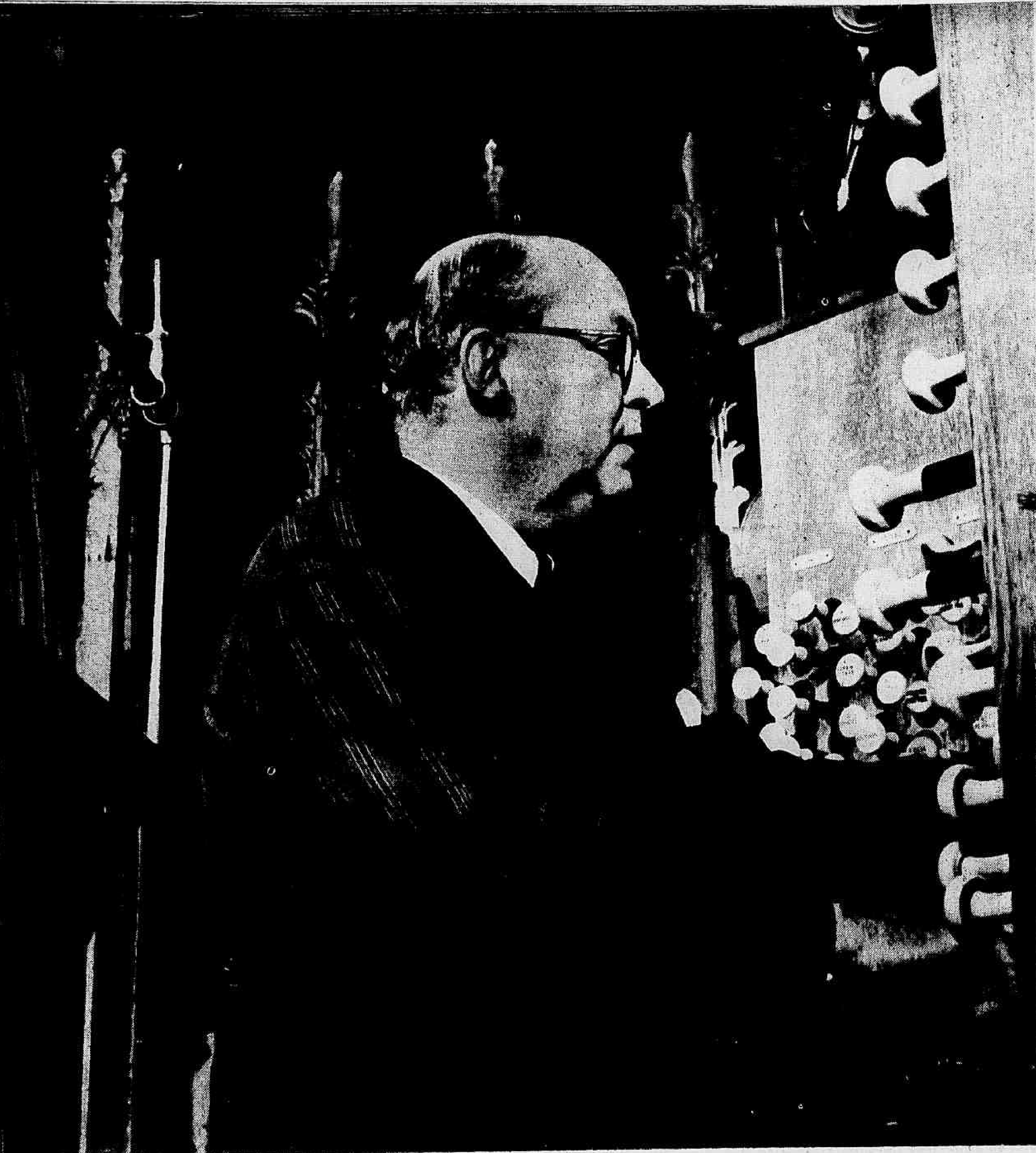


LINCOLN é uma cidade de contradições; mas sua prosperidade é universalmente conhecida. Houve moradores no monte de Lincoln, há mais de três mil anos, e, pode-se afirmar que nas casas encantadoras ao redor da Catedral, século XIX, ainda há edifícios a findar. Entretanto, morro abaixo, a menos de quilômetro e meio de distância, se edificam fábricas para produção normal e de vida longa.

Lincoln está prosperando e suas fábricas se empenham em atingir alvos de produção sempre maiores; não obstante, a prosperidade local não está inteiramente baseada na indústria. Ao redor existe o maior condado agrícola da Grã-Bretanha e os lavradores estão prósperos nos dias atuais.

E' interessante registrar que as próprias indústrias surgiram de motivos agrícolas, pois que os motores a óleo, bombas, máquinas e elevadores de minas, etc., que tornaram Lincoln famosa no mundo inteiro, são todos feitos por firmas que começaram há cêrca de um século construindo máquinas agrícolas.

No comêço dêste século, eram exportados noventa por cento de tôda a produção, principalmente máquinas a vapor e agrícolas. Com a irrupção da primeira grande guerra mundial, morreu êsse comércio, e, atualmente, sòmente





A VIDA industrial de Lincoln tem como símb[...]ell (à esquerda), da firma Robey Ltd., especializada em elevadores para minas, bases de artilharia, et[...]avam máquinas agrícolas, mas hoje as exigências mudaram

trinta homens estão registrados como operári[...] dos na fábrica de máquinas agrícolas na cidad[...]

Entretanto, mais de onze mil homens tr[...] construção mecânica, que absorveu completame[...] indústria de artigos para as fazendas das [...] Lincoln.

O solo sôbre que se ergueu a cidade é tam[...] minérios de ferro, e, a poucos metros do lo[...] está erguida a Catedral, já foi extraído miné[...] de bom teor. Contudo, atualmente não se exp[...]queza nem se funde mais minério na cidade[...]

O aço que é usado pelas indústrias vem das [...]dições localizadas ao norte do condado e o ca[...] a cinquenta quilômetros de distância, em Notti[...]

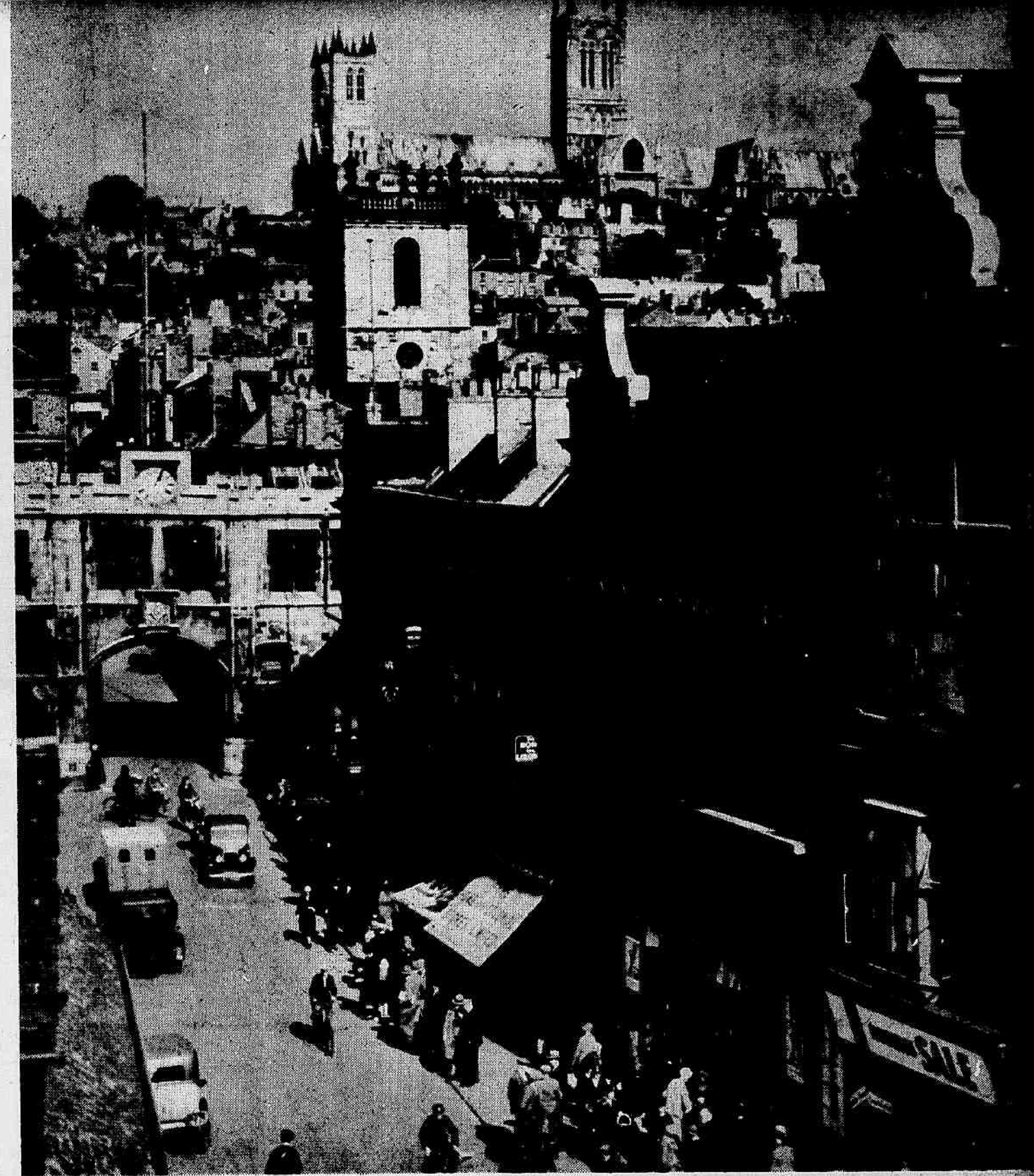
Como o grande desenvolvimento das in[...] Lincoln, surgiu um problema muito grave: a [...]radias para os trabalhadores que acorriam à [...] dos pelo bom salário e elevação do nível de[...] apesar de providências, sente-se que a mão [...] rareando, justamente pela escassêz de casas d[...] Além disso h ainda êsse outro lado do problem[...] pela indústria cada vez mais crescente e p[...] de três mil pessoas que, até agora, se entreg[...]bores da agricultura nas vizinhanças, procura[...] e suas indústrias e aumentaram a crise de [...]

Poucos dos habitantes de Lincoln sabem que[...]minhões, quando levam os produtos da cidad[...] percorrendo as estradas de rodagem, estão rodando sôbre leito de rodovias que foram construídas pelos romanos! E é ainda interessante citar que os habitantes da cidade dão mais fama ao rio Fossdyke, pela abundância de pescarias em suas águas, do que pelo fato de ter sido um canal construído pelos romanos e ainda hoje em pleno uso!

E' claro que, para os habitantes de cidades históricas, essas coisas não interessam muito e passam mesmo despercebidas de grande parte de suas populações; mas, para os que vêm de fora, atraídos pela propaganda turística, êsses aspectos têm a mais agradável das sensações.

Imaginar-se, pois, que, em determinada rua de Lincoln houve primitivos especimes do homem europeu erguendo ali suas cavernas e que depois foram atacados por celtas e romanos que deram à fisionomia da cidade, até hoje, os mais contraditórios aspectos arquitetônicos, é coisa que impressiona o naturalista, o historiador, o homem de ciência que busca entre ruínas e populações os vestígios para suas obras muitas vêzes imortais.

Lincoln, passando de distrito rural e simplório, para uma forja de ferro, aço e carvão, de cujo centro saem monstros de metal para tôdas as partes do mundo, não perdeu, porém, seu romantismo de cidade lendária, derramando-se por uma colina de três mil anos de habitação humana e se espraiando pelas encostas como sinal de um povo que trabalha, progride e enche o seu mundo de esperanças de paz e felicidade.



A CIDADE de Lincoln se caracteriza pelos curiosos e ecléticos aspectos: a influência de celtas, romanos e edificações da idade média. Na foto abaixo: encontro de fazendeiros, cujo leader é Mr. E. J. Biekett, Rei do Açúcar e da Cevada, no seu distrito

ÊSTE é o dr. Gordon Slater, organista da Catedral de Lincoln, juiz de Paz e membro do Colégio Real de Organistas. A outra foto é o flagrante de um dos concertos de celebridades promovi-dos pela Galeria de Arte Usher. E ali está o dr. Slater ao piano





TRADICÃO

O Museu da Cidade, em Belo Horizonte, conservado até hoje em sua primitiva construção. Ali se encontram relíquias do Arraial de Belo Horizonte, antigo Curral del-Rei, chaves enormes, velhas, enferrujadas, cadeados das últimas casas da primitiva terra mineira e muitos outros objetos de relevante aprêço. Tudo carinhosamente guardado para os vindouros.

NO ANTIGO CURRAL DEL-REI

EVOCANDO AS ÚLTIMAS CAUSAS DO ARRAIAL DE BELO HORIZONTE, ONDE EXISTE HOJE A GRANDE CAPITAL MONTANHESA ★ VISITA AO MUSEU HISTÓRICO DE BELO HORIZONTE ★ CURIOSAS REVELAÇÕES FEITAS PELO PROFESSOR ABÍLIO BARRETO

Reportagem de
YOLANDA CARNEIRO RIBEIRO LORENZÀTO
(Fotos de BRUNO ROBERTO)

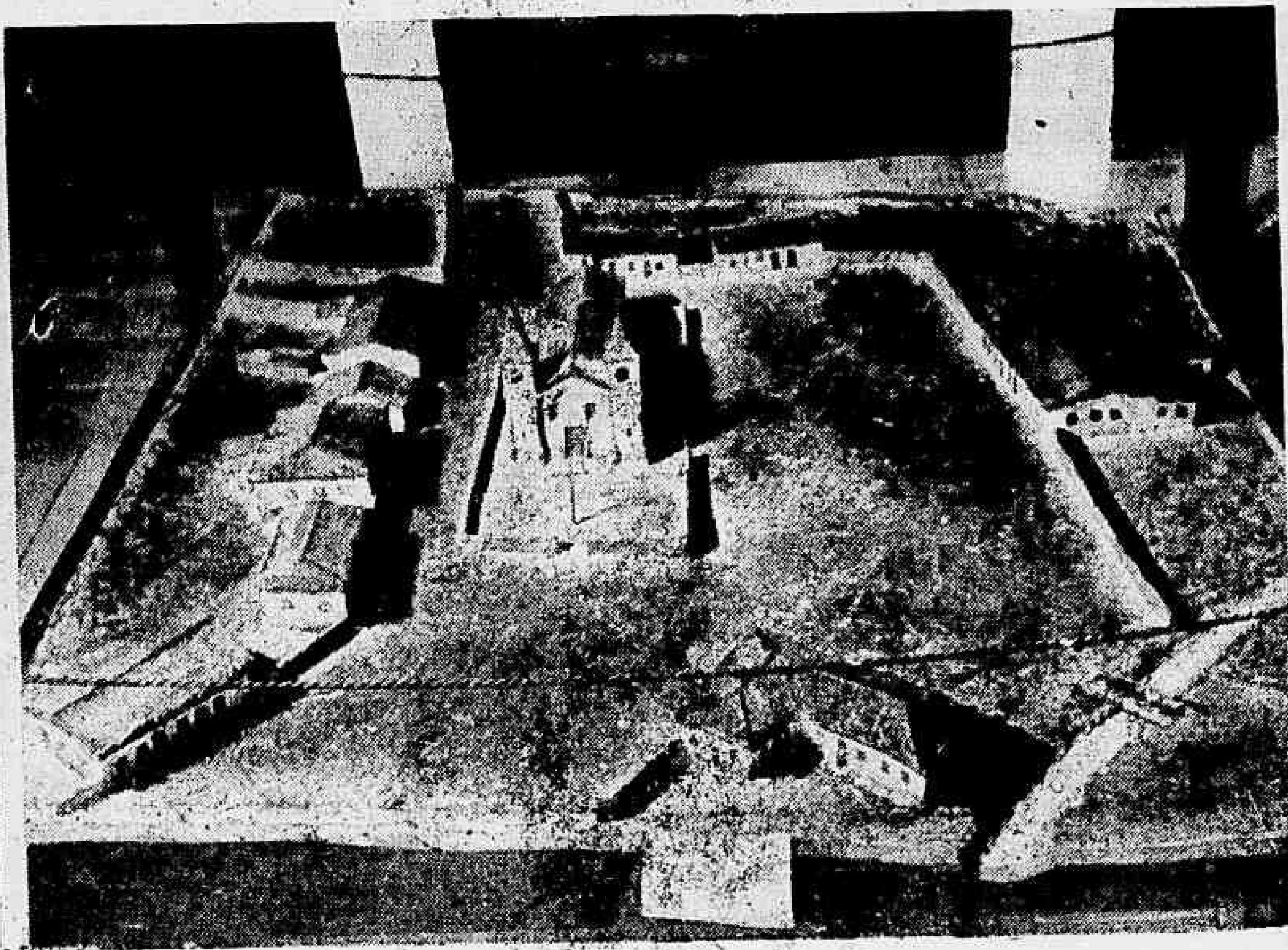
NO dia 22 de outubro de um ano, distante dêste Ano Santo, a primorosa terra dos diamantes, a jóia-cidade, incrustada na Serra, cujo casario até hoje ostenta os velhos telhados coloniais, foi despertada por acontecimento de grande projeção na sociedade. O sr. Francisco Velho Barreto e sua espôsa D. Josefina Vieira Barreto, participavam aos parentes e amigos o nascimento de robusto pimpolho que, na pia bastimal, recebeu o nome de Abílio.

Com o secretário de Prefeitura de Belo Horizonte, o dr. Abílio Barreto, a repórter conversou demoradamente, admirando-lhe a figura patriarcal, a lhaneza do trato e o espírito brilhante. O ilustre historiador mineiro começou a escalada da vida como o gigante do pensamento da América do Norte, o saudoso presidente Roosevelt. Lutando com diversos fatôres de ordem material, Abílio Barreto fêz-se por si. Pela fé no trabalho, pela serena confiança em sua capacidade de ação e pelo ânimo combativo de tempe-



REI ALBERTO

A caneta de ouro do rei Alberto I, por êle usada quando visitou o Brasil no ano do Centenário da Independência, é mostrada ao «repórter-mirim,» pelo prof. Abílio Barreto.



MATRIZ DA BOA VIAGEM

Largo da Matriz da Boa Viagem, antigo Arraial de Belo Horizonte, como era em 1894. A gravura reproduz a «maquette» do arquiteto uruguaio Miguel Royer, que se acha no Museu

ramento, foi, aos poucos, galgando o cimo da montanha.

Foi-lhe dura a ascensão! Entretanto, com que prazer sua memória nos relembra os fatos do passado! Mudando-se, aos 12 anos, com a família para Belo Horizonte, o menino pobre fôra pau para tôda obra. Comerciário, distribuidor dos dois primeiros jornais de localidade, o "Belo Horizonte" e "A Capital", aprendiz de tipógrafo da Imprensa Oficial, ganhando 50 centavos por dia, revisor e repórter, antes havia trabalhado nos serviços subalternos da construção da nova Capital. Mais tarde, em 1897, cheio de orgulho e júbilo, assistiu à sua inauguração. "Um sonho gigantesco, concretizado num tabuleiro de pedras", eis a "minha" linda cidade, disse consigo o jovem montanhês.

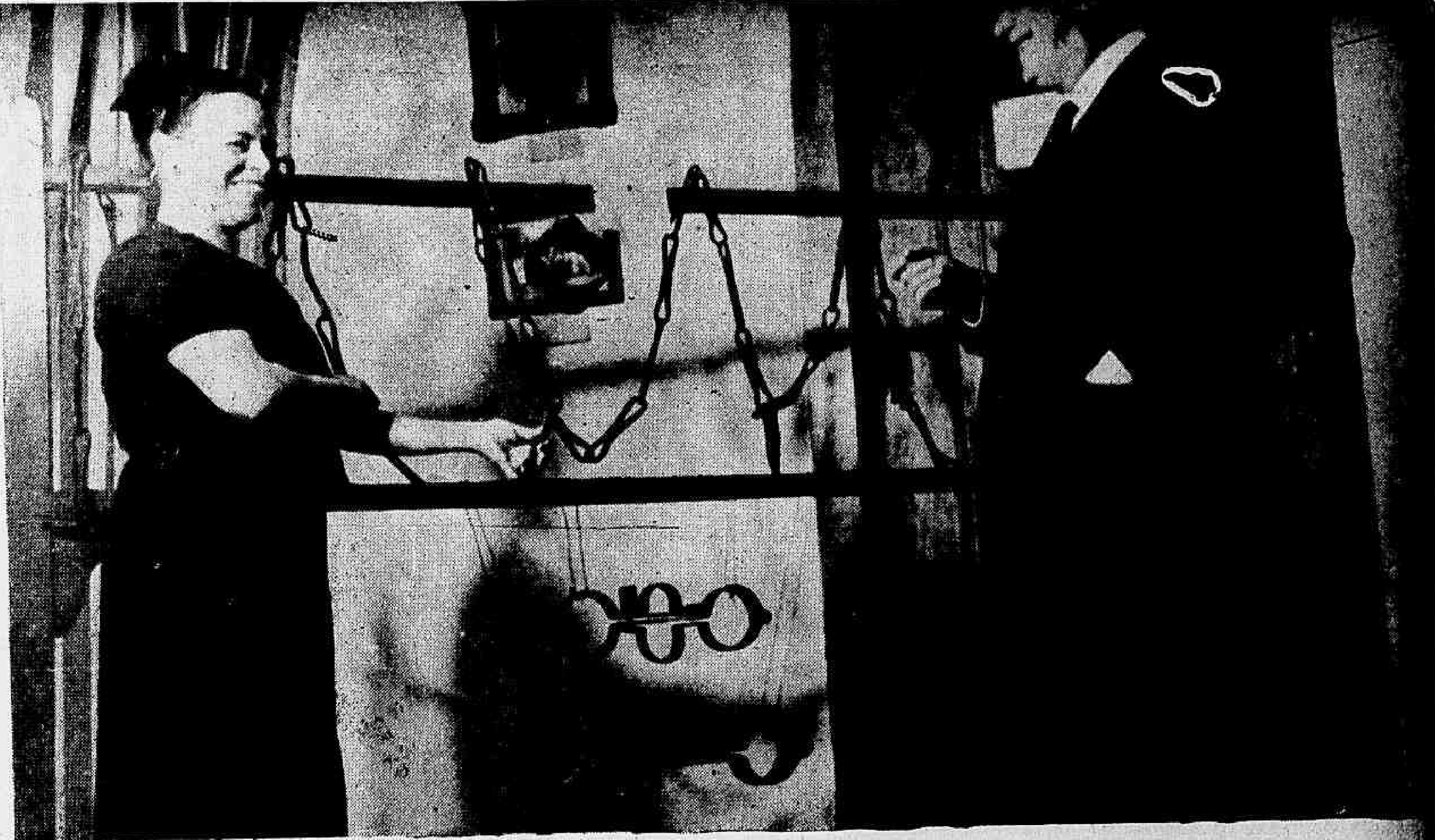
No Museu da Cidade, fundado em 1941, situado no bairro grã-fino de Lourdes, conservado até nossos dias em sua primitiva construção histórica, figura, com especial dedicação, a coleção de chaves e de cadeados das últimas casas do Arraial de Belo Horizonte, antigo Curral del Rei, encontrada pelo "pai da Cidade". Chaves enormes, velhas e enferrujadas, quantos segredos de amor, abrigasteis em vosso passado de tradição histórica? Vós, amorosas anfitriãs, curvadinhas de velhice, à passagem de S. Majestade o Tempo, mesmo assim faríeis as delícias de S. Pedro no seu respeitável cargo de porteiro do Céu!

Abílio Barreto honra com o talento de seu espírito e de civismo, altamente construtivos, os quadros da Administração mineira, emprestando segura cooperação ao Arquivo Municipal de Belo Horizonte e à Organização do Museu Histórico. Dêsse tradicional e interessante Museu da Cidade que, em suas silenciosas salas, abriga, com devoção especial, vultos e coisas de um passado autênticamente histórico! Entre outras lembranças, aí figura a caneta de ouro com que S. Majestade o rei Alberto I registrou a "real" impressão, quando de sua visita ao Conselho Deliberativo, em 2 de outubro de 1920. Em seu passeio à Capital mineira, S. M. o rei Alberto I veio acompanhado por sua espôsa a rainha Elizabete.

Percorremos vários dos pavimentos do Museu, repletos dos objetos, quadros, retratos, carinhosas reminiscências que nos falam, além da história, das artes mineiras. Com significativa legenda, vemos a "Pena Simbólica", oferecida ao grande jornalista Azevedo Júnior por seus amigos e companheiros de redação o "Farol", de Juiz de Fora, em 1909: "A uma grande pena uma pena grande".

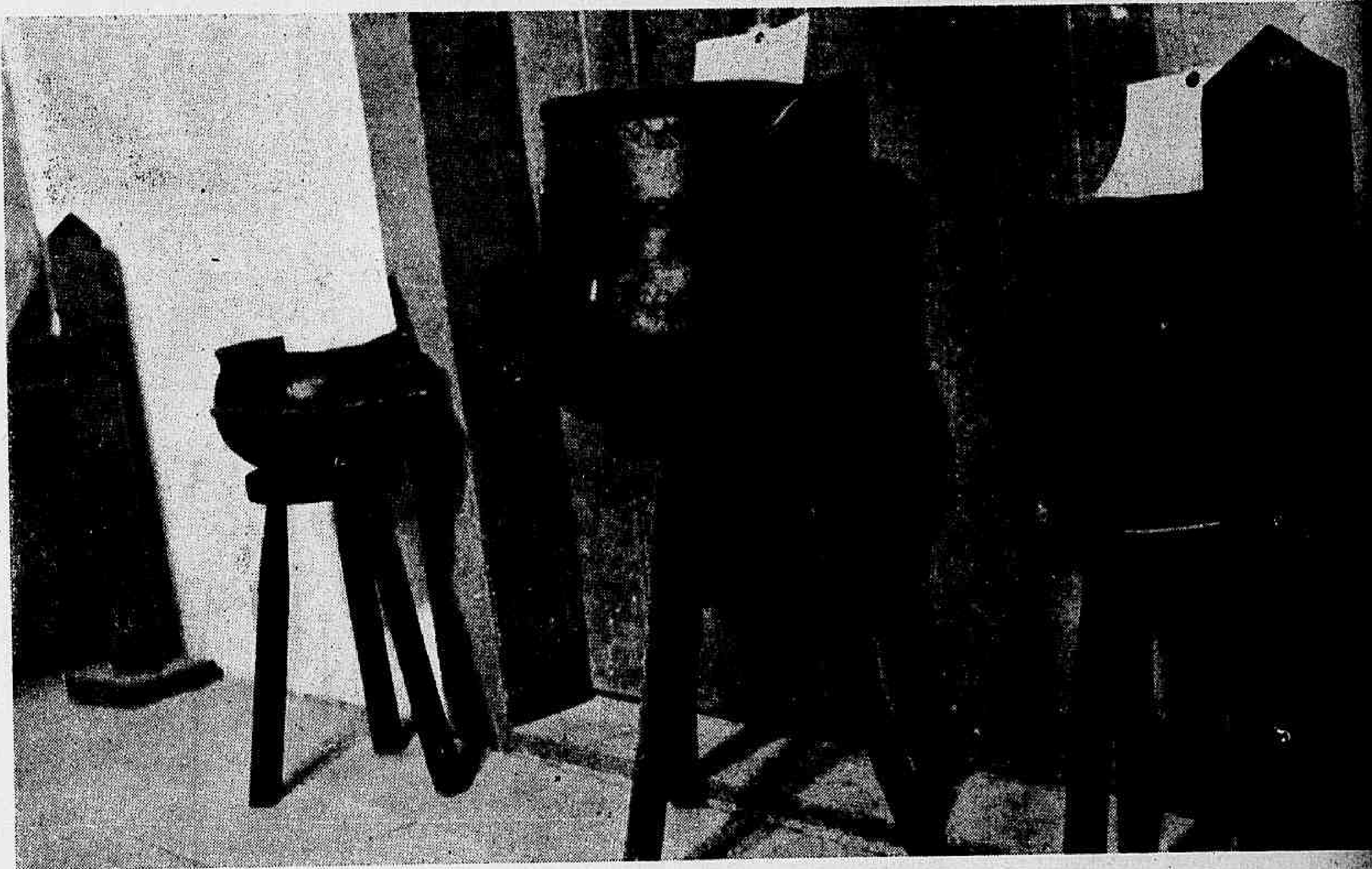
Num dos mostruários de vidro figuram as relíquias de frei Eustáquio Van Lieshout: o breviário, o ritual de bênçãos, retratos, carteira de identidade e o estôjo de barbas. Lembrou-se a repórter do plácido semblante do franciscano, dos bondosos olhos azuis, das singulares mãos esmaecidas a descrever no ar o sinal da cruz, a espalhar bênçãos à multidão contrita e sofredora que no Rio, numa ansiedade indescritível, o aguardara, esperançosa, no pátio e no auditório do Colégio Sion.

No cemitério Bonfim, aqui na Capital belorizontina, seu corpo descansa numa campa humílissima —



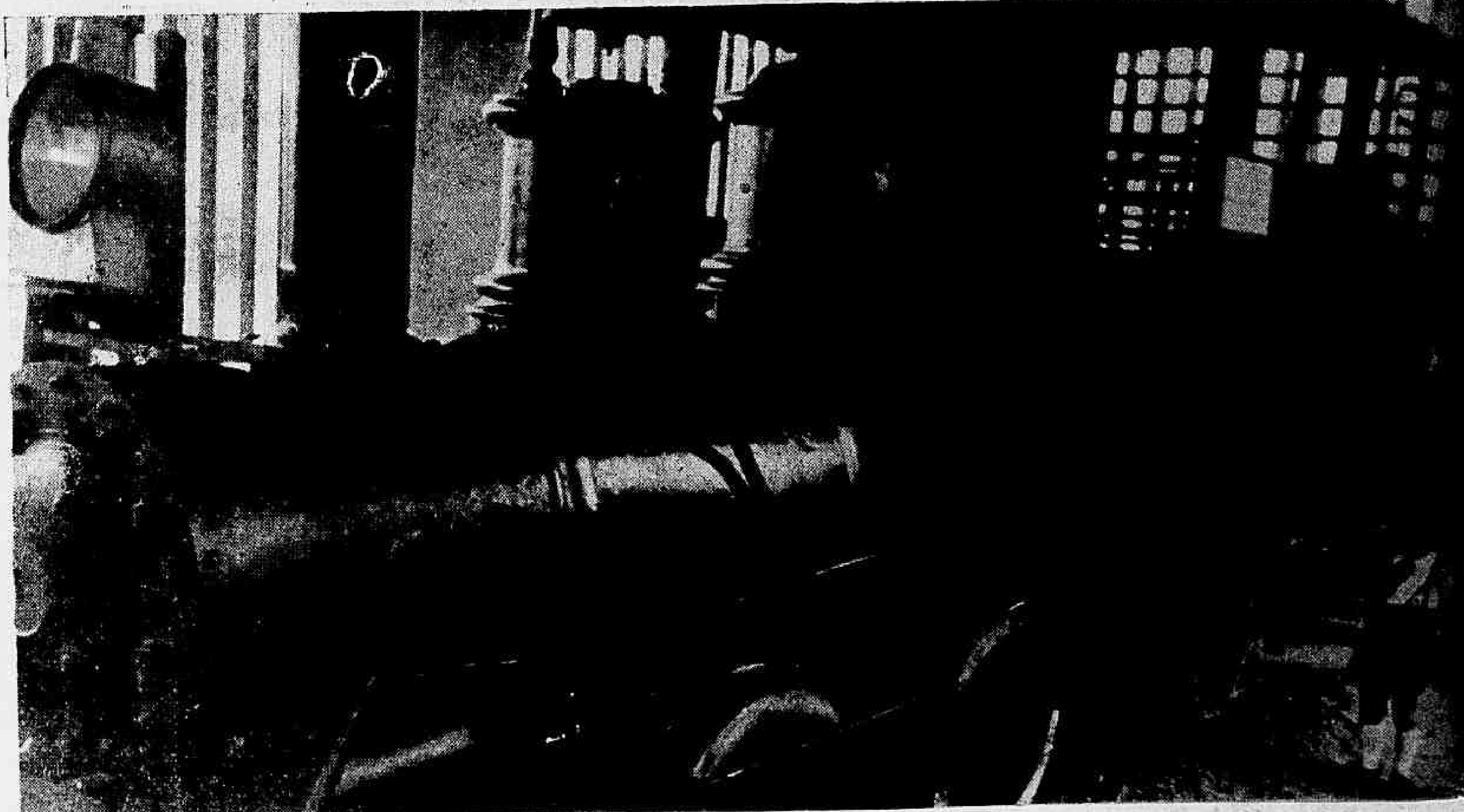
TORTURAS

O prof. Abílio Barreto e a repórter contemplam os instrumentos de tortura que se aplicavam aos antigos escravos nas fazendas feudais. É uma preciosa coleção, atestado vivo dos tempos da escravidão, essa qu a reportagem encontrou nas dependências do Museu mineiro



MAIS DE UM SÉCULO

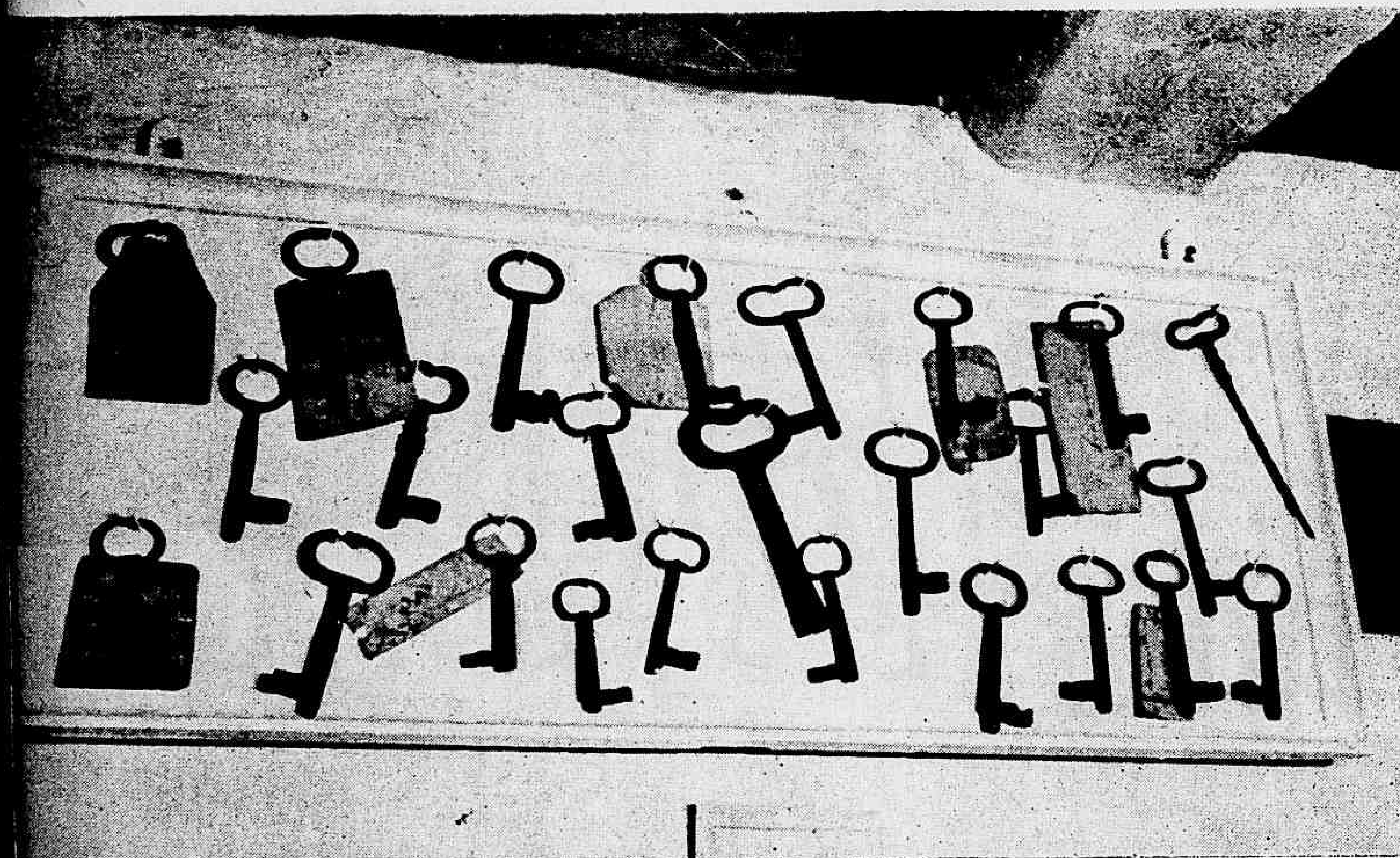
Potes ou bujões da antiga Fazenda do Calafate, fundada por Antônio Mertins da Costa Eiras. Contam de 120 anos e foram usados até nove anos passados. Na outra gravura, «Mariquinha» em pôse paraa REVISTA. Visitar o Museu é sentir o éculo das gerações passadas.





CHAVES ANTIGAS

Uma coleção de chaves, das últimas casas do Arraial de Belo Horizonte. Em baixo, vários tipos que mostram como poderiam ser as fechaduras daquele tempo, e ao alto, a repórter examinando duas chaves exibidas pelo diretor do Museu, que é jornalista e historiador



"VÊR PARA CRÊR"

E' o que diz à repórter o sábio mineiro, mostrando-lhe o primeiro prelo adquirido pela Imprensa Nacional, ao tempo que começou a ser publicado o «Minas Gerais», então editado em Ouro Preto, que era a capital do Estado de Minas Gerais. Isso aconteceu em 1892.



exemplo de uma vida simples e abnegada.

Túmulo santo, onde oram, contritos, fiéis que buscam minorar os males e dali levam consigo as milagrosas relíquias: florinhas, fôlhas, arbustos, pétalas ou simplesmente pedaços de fita e grãos de areia que a todos e a tudo cura. Milagre da fé e do coração dos humildes, sois o filho legítimo.

Na outra sala do Museu, transportamo-nos a eras remotas; um frio de morte perpassa-nos pela espinha. Com a breca! Pelas paredes sombrias nos chega o eco doloroso dos mártires escravos a nos implorar proteção "Uai, mô sinhô, num mate sô nêgo véiu; juro p'êsses óio qui a terra há di cumê qui tô inocente"! Vemô-los, no retrospecto da imaginação, pendurados ao pelourinho, bàrbaramente açoitados, aprisionados nos vira-mundos, grilhêtas, bridões, correntes e coleiras de ferro, ali expostas, num eloqüente depoimento de eras de comprovada crueldade. Pobres escravos dos tempos feudais, obrigados fostes a trabalhos forçados, bem haja em paz a alma de vossa princesa, Isabel, a redentora!

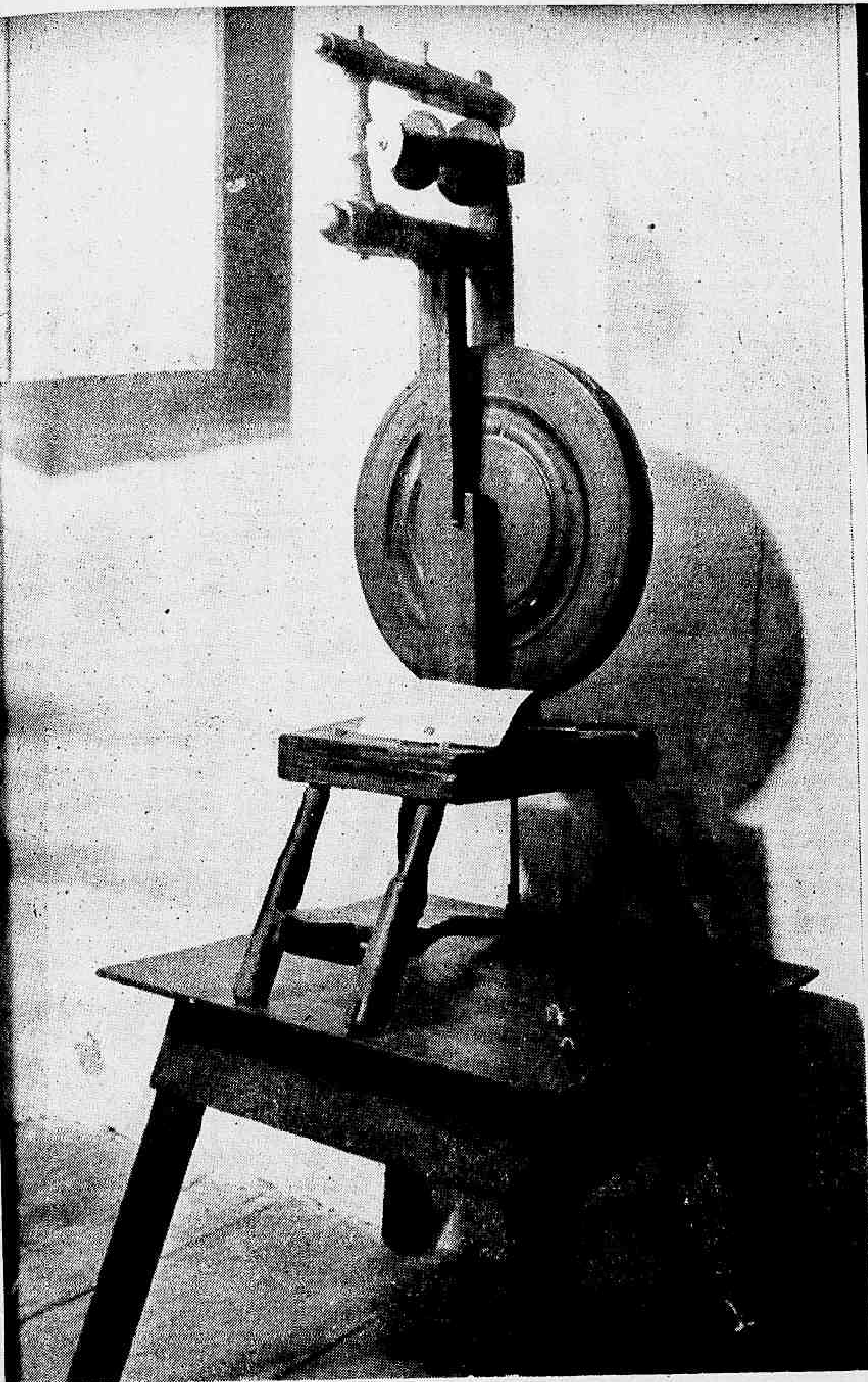
Na sala próxima, vemos o primeiro Prelo Impressor adquirido pela Imprensa Oficial no tempo em que se publicou, em Ouro Prêto, o "Minas Gerais", órgão do Govêrno do Estado. Não sòmente ao Museu Histórico estendeu o sábio mineiro sua capacidade criadora. Ei-lo, em seu idealismo, de encontro às prensas de Guttemberg. Rezando pelo manual de Assis Chateaubriand, acendeu em si a chama crepitante da "fé jornalística em que se acredita furiosamente com a cegueira do carbonário". Abílio Barreto se fêz romancista, historiador e poeta, igualmente brilhantes. Em 1926 foi eleito membro da Academia Mineira de Letras, sucedendo a Estevam de Oliveira. Fundou vários jornais e agremiações literárias. E' sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Minas e faz parte da Academia Fluminense de Letras. Possui seleta bagagem literária consagrada pela crítica, prosadores e poetas de seu tempo: Luiz Guimarães Filho, Aníbal Machado, Djalma Andrade, Afonso Taunay, José Oiticica, Rocha Pombo, Mário Matos, Olavo Bilac.

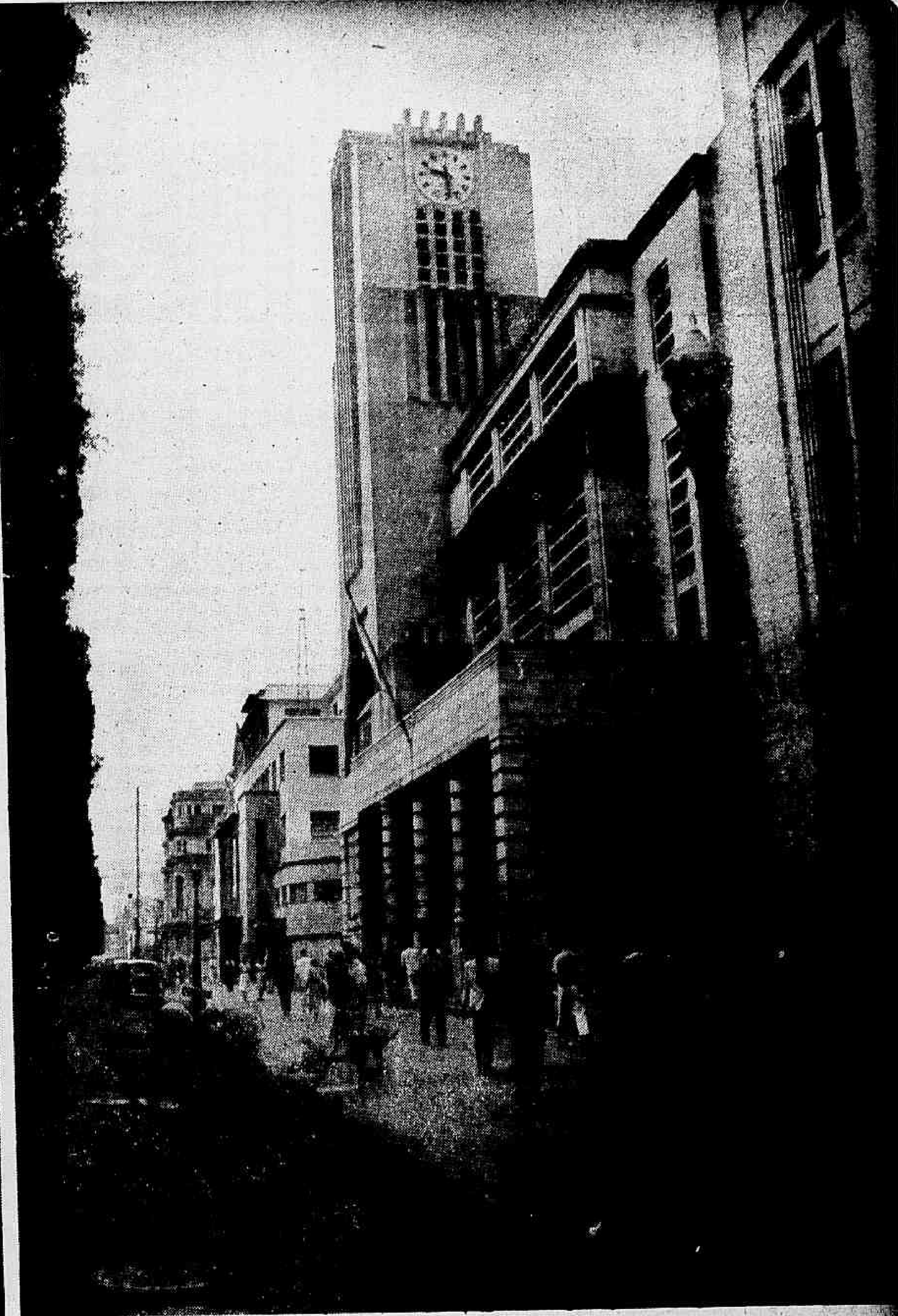
Do então jovem vate carioca, conta-nos o historiador mineiro: "Olavo Bilac, já nos galarins da glória, visitando o Arraial, trocando as pernas pelas ladeiras, embevecido a ouvir e a ver estrêlas, queda espantado ao cantar fanhoso de um piano, mal ousando crer na existência dessa "tortura da civilização" na plena ingenuidade primitiva de um povoado, ainda em cueiros."

Eis algumas das obras do cultor das letras mineiras: "Vernais", "Coralinas", "Matizes", "Liz", "O Avô", "Viagens e Conferências", "Belo Horizonte", "Fundação do Arraial del Rei", "Diamantina e o descobrimento dos diamantes", "A noiva do tropeiro", "Estevam de Oliveira", "A última serenata", "Sua Excelência, o Amor", "Cromos", etc.

"Cromos" é licor que embriaga o espírito. Um livrinho de sonetos que nos são interesantes crônicas, pitorescos flagrantes da vida rotineira, em alegre, suave e poético co-

(Cont. na pág. 48)





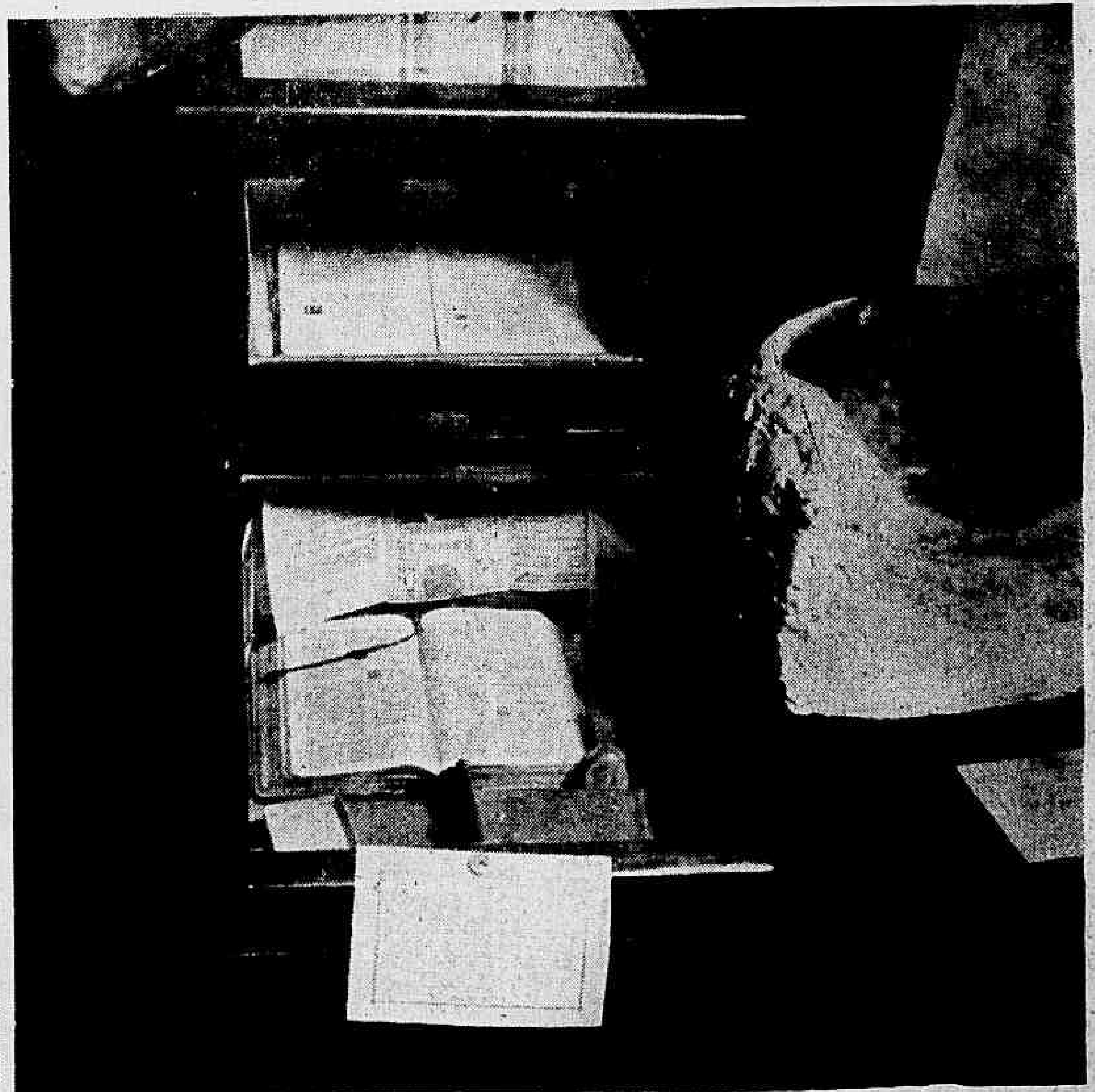
RODA DE FIAR

Esta roda de fiar foi utilizada na Fazenda do Cercado e cumpriu generosamente sua tarefa, servindo a duas gerações que ali viveram. Hoje descansa, merecidamente, no Museu

CONCURSO

A Prefeitura de Belo Horizonte patrocina um concurso permanente de contos, com prêmios de mil cruzeiros e outros menores, mensalmente, para os jovens intelectuais mineiros





PADRE EUSTÁQUIO

Busto, máscara mortuária e relíquias do Padre Eustáquio, conservados em lugar de honra no Museu. Em suas dependências, vamos encontrar recordações preciosas das velhas Minas Gerais. Terra que foi o berço de grandes patriotas, e onde fortes lutas do espírito foram travadas e muitos capítulos de bravura foram escritos, pela emancipação do Brasil!

O LOUCO

A minha familia não era o que se podia denominar uma familia equilibrada. Meu avô, pelo lado paterno, cujo retrato a óleo, descorado, estava pendurado na parede da sala de jantar e falecido, naquela ocasião, há uns dez anos foi um louco varrido. Praticou tanta estrepolia e causou tanto transtôrno até que um dia deu com os costados num hospicio e de lá nunca mais saiu a não ser para o cemitério. Meu pai, apesar do perigoso antecedente era, no entanto, um homem bem sossegado e inofensivo e seria mesmo uma pessoa absolutamente normal não fôsse a sua esquisita mania de colecionador. Gastava a maior parte das suas minguadas rendas adquirindo bugigangas antiquadas e bizarras as quais abarrotavam as prateleiras existentes no seu quarto de viúvo. Passava os dias varejando as casas de antiguidade e quase nunca voltava de mãos abanando. Sempre trazia algum objeto ensebado e grotesco, do qual, naturalmente o antiquário se livrava com prazer e nô-lo exibia orgulhoso e satisfeito, certo de haver feito a aquisição de inestimável preciosidade. Era u'a mania lastimável que nos consumia o dinheiro e nos enchia a casa de trastes.

Minha irmã Carolina, uma solteirona que já andava raspando a casa dos trinta e três, também não regulava muito direito. Era feia, a coitada, mas, mesmo assim, se vangloriava da sua hipotética beleza, principalmente da sua fotogenia e, com freqüência, dizia que, mais dia, menos dia, seria contratada com ordenados fabulosos, pelo cinema americano. Escrevia cartas em um inglês que só ela mesma entendia, aos grandes empresários e como nunca houvesse recebido qualquer espécie de resposta culpava o correio e um dia chegou mesmo a desfeitear o pobre carteiro que nos servia e que nada sabia ou tinha a ver com a história dos seus fracassos.

Meu irmão Carlos, êsse sim parecia um sujeito bem equilibrado e normal. Era um rapaz modesto e trabalhador. Tinha uma oficina mecânica e aplicava-se de verdade ao serviço. Ganhava bom dinheiro e estava sempre salvando o orçamento de casa, geralmente desajustado, devido à mania colecionadora do velho.

Eu tinha, pois, as minhas razões para viver vigilante e apreensivo. Temia ser, a qualquer momento, acometido de crises de loucura e muitas vêzes padeci angústias terriveis acossado por essas idéias. Em primeiro lugar eu considerava a possibilidade devido à tara familiar, depois levava em consideração aquêles impulsos inopinados que me assaltavam de praticar atos estranhos e contrários ao senso comum. E' verdade que sempre os refreava a tempo, embora seguidamente me aproximasse bastante da sua execução. Um dia, por exemplo, veio-me o súbito desejo de despir-me e, muito naturalmente, pus-me a tirar a roupa. Livrei-me da gravata, do paletó e já estava com as fraldas da camisa para fora, quando Doroti, que andava a meu lado, no jardim, surprêsa com a minha atitude gritou bruscamente, assustada:

— Paulo, você está louco!?

Eu despertei perplexo e aterrorizado. Foi como se eu tivesse recebido inesperadamente uma ducha de água fria, e, não fôsse a valiosa advertência de Doroti era muito provável que naquela ocasião eu tivesse perpetrado o meu primeiro ato de loucura. Fiquei perturbado e confuso e, imediatamente, procurei salvar a situação queixando-me de súbita indisposição. O calor escaldante favoreceu a explicação e tudo teria terminado a contento se eu não tivesse abandonado a minha namorada sem mais aquela no movimentado passeio do jardim.

Mas aquela palavra "louco" gritada assim de repente buliu profundamente na minha sensibilidade. Sim, Doroti tinha razão. O germe da loucura estava crescido dentro do meu espirito. E embora eu ainda não estivesse louco, a verdade é que estava à porta da insanidade. Mais dia, menos dia eu acabaria estourando. Um dia qualquer eu arrancaria as roupas do corpo em plena rua e sairia dando pinotes grotescos diante dos transeuntes surprêsos e amedrontados. E era bem possivel até que me tornasse violento também e desse para avançar, quixotescamente, contra as vitrinas luminosas das casas comerciais, pondo-me a quebrá-las, ou então, poderia revelar-me um megalomaniaco e, nesse caso, subiria no coreto da praça e fixando a igreja, à guisa de pirâmide, eu gritaria empolgado e eloquente:

— "Soldados, quarenta séculos vos contemplam!"

Não, isso, provàvelmente, eu não faria, pois tal idéia nunca me ocorrera antes. Caminhava para casa apressdamente e, no caminho, ia remoendo os pensamentos e



as idéias mais disparatadas. A figura sediça e furiosa do meu avô bailava na minha frente e, por vêzes, via-o metido no suplício da camisa de fôrça as estantes de quinquilharias dos antiquários admirando enlevado os objetos sórdidos e inúteis. Aparecia na minha frente a figura adiposa de minha irmã Carolina e, por momentos, imaginava-a diante de uma câmera, revirando lânguidamente o corpo balofo, cantando com aquela sua voz esganiçada. Quando cheguei em casa, fui diretamente para o quarto, apanhei os livros de psicologia e pela centésima vez submeti-me aos testes mentais. Os resultam eram surpreendentes mas, por mais que me esforçasse não me compenetrava da sua evidência. Além de normalidade indicavam ainda um elevado indice cerebral. Mas as palavras espontâneas e sinceras de Doroti estavam ali, ressoando inexoráveis confirmando o contrário. Elas revelavam, é certo, um fortuito estado de demência mas êsse estado podia degenerar-se e se tornar duradouro. As idéias me subiam à cabeça e rodopiavam vertiginosamente! Meu corpo, sob o influxo do nervosismo e da ansiedade, tremia. Um frio odioso fazia-me bater o queixo e dentro em pouco estava febril. Delirei tôda a noite. A figura de meu avô louco, demente, saracoteava pela casa e lembro-me, claramente, tê-lo visto descer da moldura dourada do quadro dependurado na parede, gargalhando estrepitosamente e pondo abaixo as bugigangas do velho. As estatuetas caiam ruidosas no chão e se esmigalhavam, as peças de metal rolavam tinindo enquanto meu pai trânsido de mêdo, sem articular uma palavra, parecia dotado de elasticidade e se movimentava àgilmente, pulando nas prateleiras. De repente vi-o correndo na direção do meu leito. Aproximou-se resolutamente e saltou a meus pés. Na mão direita trazia um objeto de forma exótica que eu não distinguia bem. De pé, contemplava-me com os olhos enigmáticos e matreiros. Depois rompeu uma gargalhada poderosa e insana e foi vergando o corpo sôbre mim. O movimento executado com o corpo causou um ruido de ossos estalando-se. Quando êle se aproximou bastante vi, apavorado, a lâmina reluzente de um punhal ponteagudo descendo sôbre meu peito. Eu me encolhi e êle rompendo uma gargalhada ainda mais fragorosa, brandiu a arma e vibrou o golpe. Gritei tomado de horror e mêdo e não vi mais nada.

Uma semana depois eu convalescia e admirado verificava que meus temores, a minha obsessão declinara sensivelmente, embora a vida em casa continuasse a mesma, isto é, Carolina escrevendo o seu inglês macarrônico, meu pai absorvido na sua excentricidade e Carlos enfiado na oficina, trabalhando ativamente, ganhando dinheiro.

Um dia, porém, notei atitudes estranhas e misteriosas em Carlos. Parecia inquieto, sentava-se e levantava-se bruscamente. A sua conversa sempre muito concentrada e sensata, era incoerente. Olhava-me, durante o almôço, com uma insistência e uma ansiedade idiota, semelhando desejar comunicar-me qualquer coisa. Mais tarde constatei que a minha suspeita não era infundada. Irrompeu inesperadamente no meu quarto e sem qualquer preâmbulo, agarrando-me pelo braço, foi dizendo:

— Descobri! Sim senhor, descobri o motu-continuo.

Falou e ficou me devorando com os olhos como se esperasse uma exclamação efusiva da minha parte. Ria, um riso alvar e agitado. Eu estava chocado de espanto e surprêsa. Carlos? Sim, Carlos, o normal, o equilibrado, o esteio da familia falando em motu-continuo! Tudo aquilo parecia um pesadelo. Os seus olhos tinham um brilho estranho. Subjugado pelo imprevisto fui-me deixando levar por êle e só despertei, pròpriamente, quando penetramos na água-furtada, nos fundos da oficina. Êle abriu, cautelosamente, o cadeado da porta voltando-se para os lados, como se temesse ser surpreendido pelos empregados; depois arrastou-me para o interior do cômodo e apontava-me triunfante o emaranhado de fios e chaves elétricas, o motor enferrujado colocado ao centro. Em seguida pôs-se a falar, a dar explicações sôbre o funcionamento. Eu não ouvia nada a não ser uma incongruência de palavras absurdas e misteriosas.

Na rua, quase correndo, eu sentia os sintomas da loucura renascendo dentro de mim, e, quando o automóvel em marcha muito lenta passou raspando em mim tive impetos de saltar no pára-lamas e estrangular o motorista.

Depois dêsse incidente não tive mais paz de espirito. Passei a viver isolado, fugindo de tudo e de todos. Carlos ensandecia a olhos vistos até que um dia armou um tumulto dos demônios na oficina e foi uma luta séria para acalmá-lo. Suspeitou que um dos empregados tentava apossar-se do seu segrêdo e por pouco não trucidou o pobre rapaz. Depois disso abandonou totalmente a oficina e encerrado na água-furtada ultimava e aperfeiçoava o seu invento. Às vêzes se tornava violento e assustava a vizinhança urrando selvagemente. Outras vêzes se tornava tão dócil e meigo parecendo o mais normal dos sêres humanos. Aos poucos, porém, acabou constituindo um perigo coletivo. Suspeitava sem mais nem menos de qualquer pessoa e chegou a repetir a agressão, o que culminou com a intervenção decidida da policia e encarceramento. Visitei-o na prisão. Êle estava plácido e queixava-se sem mágoa definida falando em injustiça. A policia foi breve e clara — ou tomariamos providência ou, então, o rapaz seria ecaminhado imediatamente para um manicômio público.

No mesmo dia, após as deliberações familiares, embarquei acompanhado de Carlos. Êle deixou o presidio satisfeito e encantou-se quando anunciei a viagem. Mas, foi uma viagem terrivel. Acossado pelo mêdo e pela sugestão voltou-me a sensação de loucura. Enquanto o trem rodava minha cabeça fervia transtornada pela imaginação. Vinham-me idéias fantásticas e creio que se o trem não tivesse parado exatamente naquela hora em que chegamos ao lugar do nosso destino eu teria perdido o senso das coisas e da realidade. Lembrome que dei o braço a Carlos e descemos. Êle estava sossegado e sorria. Eu parecia o louco. Tremia convulsivamente e lutava tentando controlar os nervos. Examinei os olhos, no espêlho de bôlso, e fiquei sobressaltado — estavam encovados. Os cabelos despenteados e a palidez davam-me um aspecto quase assustador. Olhei, de relance, para a fisionomia de Carlos e estabeleci detidamente um confronto. Sim, não havia dúvida, eu parecia mais louco que êle.

Na psiquiatria, conduziram-nos para uma sala branca onde a todo momento cruzavam enfermeiros uniformizados. Lá de dentro, de vez em quando, vinham rumores estranhos e impressionantes. O estado do meu espirito piorou naquele doentio ambiente de demência. Carlos, todavia, continuava sorridente e despreocupado e, não sei porque, comecei a perceber, outra vez, nos seus olhos, algo de misterioso e enigmático. De repente êle levantou-se e encarando-me perguntou:

— Você está se sentindo bem? Está pálido...

Na porta, nesse momento, surgiu um rapaz. Êle ergueu um dedo no ar e fêz um sinal significativo, chamando-nos. Carlos, pos-se de pé, solerte, e entrou resolutamente no consultório, deixando-me para trás. Eu tinha as pernas bambas e quando entrei já Carlos estava a lado do doutor e falava a meia-voz enquanto o médico sacudia afirmativamente a cabeça. Apontou-nos as cadeiras e quando nos viu acomodados, falou:

— Então, o quê há rapaz?

Ergui-me constrangido, e olhando Carlos de soslaio, informei:

— E' meu irmão, doutor. Êle precisa de um exame.

Carlos piscou enigmàticamente para o doutor e interferiu:

— E' o que eu disse... vê doutor?

Eu estranhava as atitudes de Carlos e atalhei imediatamente:

— Disse o quê? Que está você querendo insinuar?

Carlos não ligou às minhas palavras e voltando-se bruscamente para o médico avisou:

— Acho bom o sr. pedir refôrço porque é assim que êle começa a ficar violento. A mania dêle é dizer que o louco sou eu.

O médico olhou-me inquieto e, em seguida, fêz um gesto ao rapaz postado ao lado da mesa. Êle atendeu e esgueirou-se sorrateiro, abrindo a porta para sair. Num relance eu compreendi que ia ser manietado e apavorado saltei da cadeira, procurando alcançar a saida. Carlos, no entanto, pulou como um tigre enfurecido, interceptou-me a passagem envolvendo-me nos seus poderosos braços. Tentei desvencilhar-me lutando irado e gritava possesso. Sùbitamente, porém, aquietei-me e deixei que os enfermeiros me envolvessem na horrenda camisa de fôrça.

★

Passei dois anos no hospicio. A principio cheguei mesmo a ser um louco. Aos poucos, porém, fui voltando à normalidade e um dia deram-me alta. Nunca mais vi minha familia e até hoje não compreendo bem o ardil, o repente de lucidez de Carlos, mas de uma certa maneira sou grato a êle porque hoje vivo sossegado e reconheço que o mundo exterior tem muito mais loucura que o mundo fechado dos loucos.

CONTO DE **ROMEU M. CABRAL** ★ ILUSTRAÇÃO DE **J. RIBEIRO**





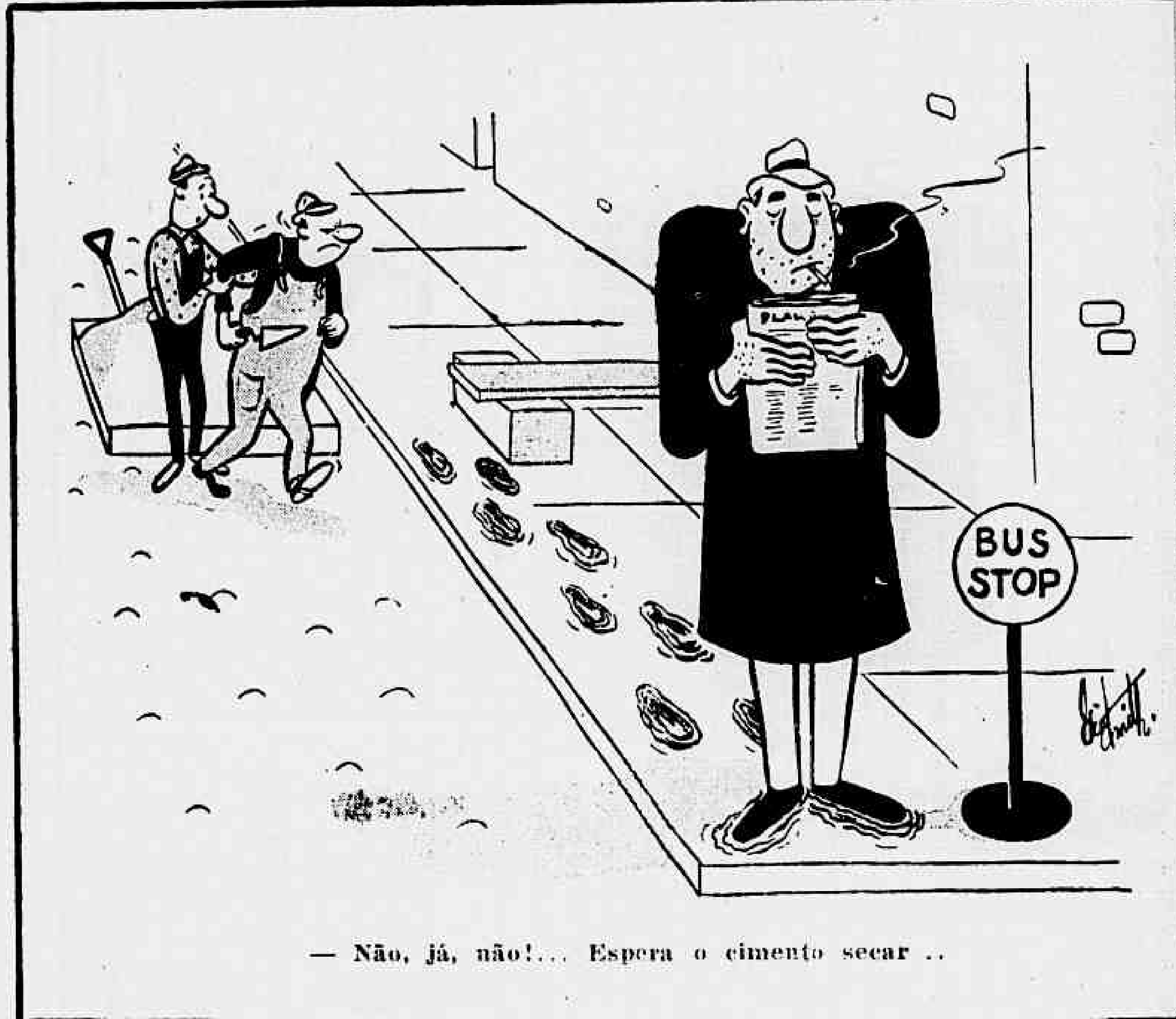
— Êle é um dos nossos melhores empregados. E' pena ser tão baixo!



— Que tal, gostou do anel?



— Alô, é o diretor? Está aqui alguém que quer reclamar contra as receitas para enxertos das roseiras.



— Não, já, não!... Espera o cimento secar ..

BOM HUMOR



— Por favor, Jericó, acorda, todo mundo est olhando...

PONTOS DE VISTA



BAILES DE ALELUIA



Na noite de sábado de Aleluia, nos bailes, revive-se o Carnaval, mas nos clubes e nas **boites** só é permitida a entrada de fantasias de luxo ou traje a rigor. Êstes modelos ainda poderão servir para o baile de Aleluia, pois apesar de serem de linhas elegantes e modernas, são de fácil execução. À esquerda uma criação em querda. Paquin apretafetá prateado, a saia alarga-se nas cadeiras formando dois drapeados e estreita-se para baixo. À direita, dois modelos: Jacques Fath e Marcel Rochas. O primeiro em cetim, saia drapeada na frente formando uma pequena cauda atrás. Corpo bordado e costas nuas. O modêlo de Rochas é também de cetim, saia ampla, corpo de alças, bordado na altura do busto: o mesmo bordado adorna o bolero. Em baixo: encantadora criação de Pierre Balmain. Corpo drapeado, saia bem justa, aberta em baixo, com uma peuena cauda. Dão beleza e elegância à toilette a rosa prêsa à direita do decote e a grande mantilha de renda preta.





FALANDO DE FEIAS...

ESSE crime que elevou às manchetes dos jornais metropolitanos um humilde barraco de Niterói, nos sugere algumas considerações a respeito dos assomos bovaristas dessa pobre mulher, envolvida na sangueira de uma tragédia pelo fato de ser bonita, ao menos mais bonita do que as outras mulheres do seu meio, essas lutadoras desnutridas e modestas, para quem a vida não abre as portas floridas da fantasia — por onde tantas vêzes as mulheres vão até a aventura mais perigosa.

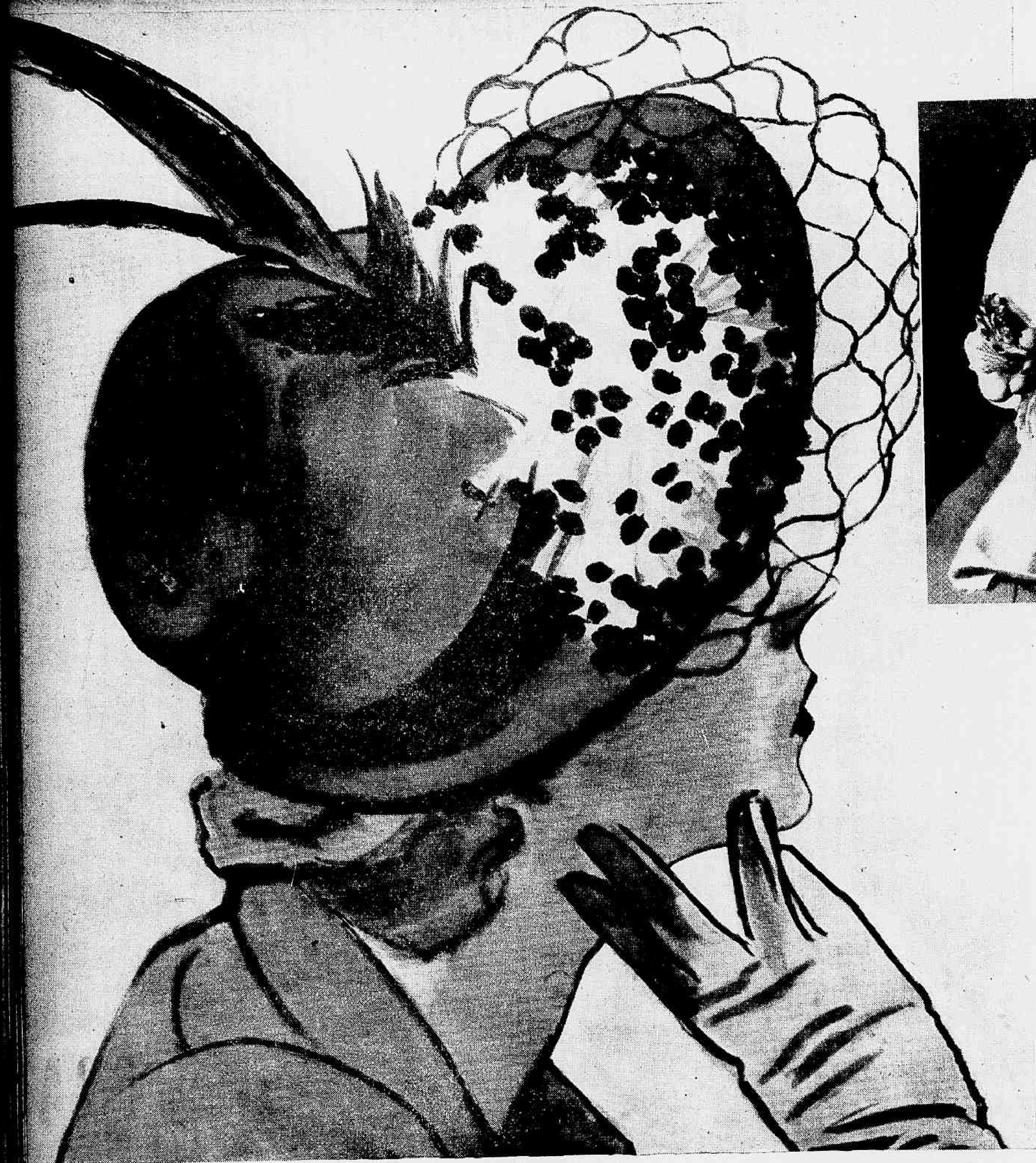
Bem já dizia o austero Sylvestre Bonnard que "une jolie figure c'est une malediction du ciel". E' mesmo. Em geral. Raramente, só muito raramente, uma mulher bonita escapa a essa maldição que o mestre da ironia ensinou a Teresa e que tôdas as mulheres deviam aprender. Essa infeliz moça do barracão de Niterói também não escapou. E por isso seu pobre casinholo feito de caixotes de bacalhau se besuntou no sangue do marido desventurado.

Tôdas as lições de felicidade ensinam que as feias são preferíveis. Um moralista como La Bruyère fêz mesmo o elogio das feias; quando elas se fazem amar, inspiram paixões tremendas. Êle não citou exemplos, mas o da Rainha Elizabeth da Inglaterra seria suficiente, se não existisse também a Grande Catarina.

Na minha Minas aprende-se com os pensadores roceiros, e os poetas matutos, que as mulheres feias representam o ideal da felicidade matrimonial, penhor de fidelidade e eficiência nos lares, garantia de paz e tranquilidade doméstica. Assim preceituam aquêles filósofos montanheses, dando uma receita completa:

— Quem qué vivê sossegado,
nestes meus conseios creia;
— Deve tê carro ferrado,
deve tê casa de têia,
deve tê pasto cercado,
mas de cêrca de candeia;
não andá enrabichado
por muié que seje aiéia,
deve sempre sê casado
com muié que seje feia;
invitá o ajantarado,
não comê de mais na ceia.

(Continua na pág. 48)





COM a vinda do outono saem de moda as palhas que dão lugar ao veludo e ao feltro. Os ornamentos principais para os chapéus de outono não: as penas, as plumas e as fitas.

Os chapéus pequenos continuam usando-se com a copa bem enterrada e quase sem aba. Anne Marie — chapéu em jersey rosa, copa franzida e bem enterrada, aba recortada. Arrematando, um ramo de cerejas e um pano caido. — Chapéu de Maud e Nano — Penas de galo recurvadas sôbre a testa e outras mais compridas caindo para o lado são o ornamento dêste modêlo. — Rose Valois — Chapéu formado inteiramente de penas. A auréola é composta de penas de galo que vão fundir-se com um apanhado de penas vermelhas. — [illegible]lude St. Cyr é o criador dêste mo[illegible]lo em feltro, com a copa e duas [illegible]das em cetim pérola.

CHAPÉUS PARA O OUTONO



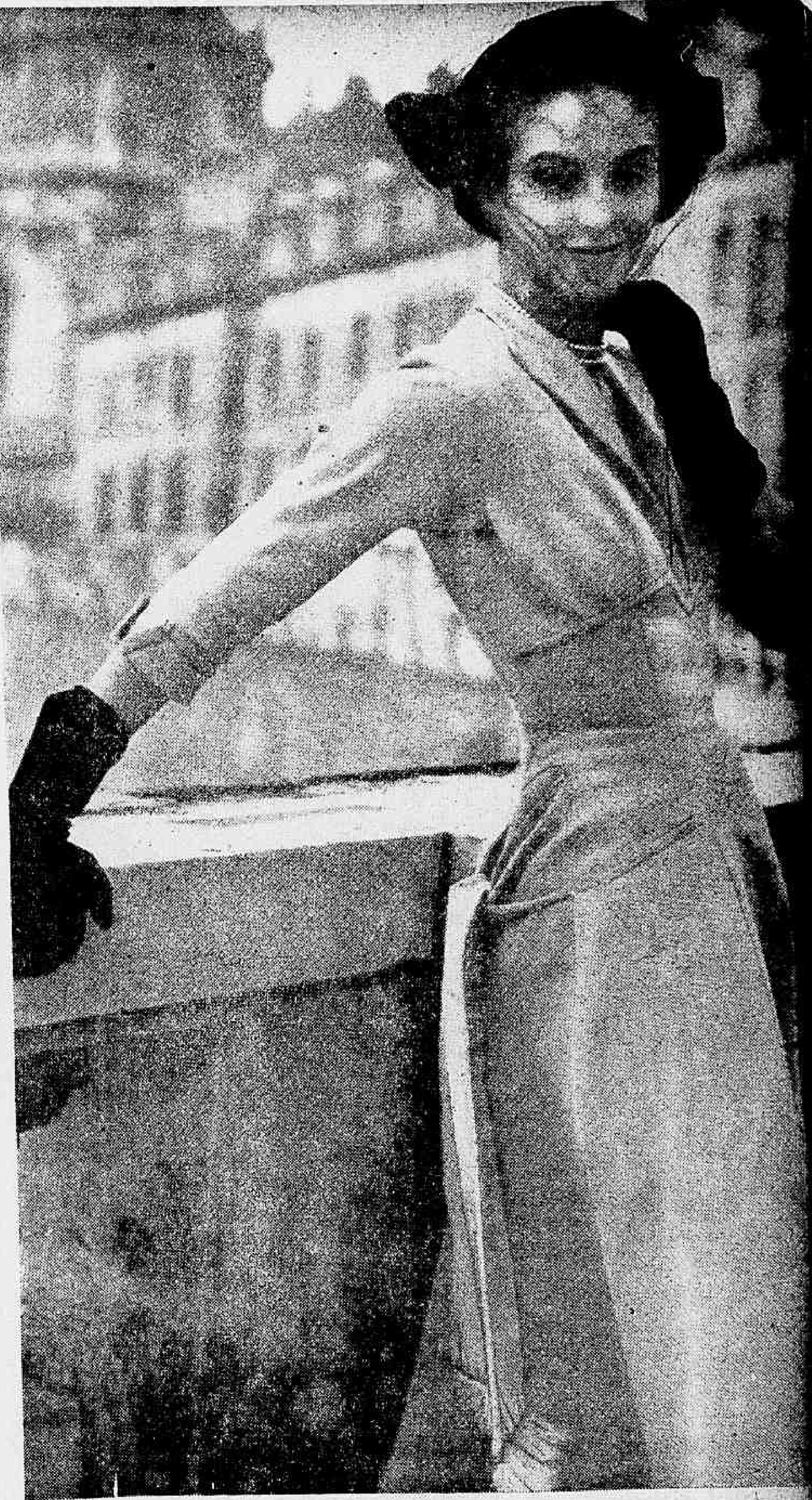






PELA Páscoa, assim como pelo Natal e Ano Novo, é costume estrear-se alguma "toilette" nova. Mas, na Páscoa parece que o "chic" é maior, principalmente nas missas solenes de domingo, embora no Rio não haja por essa ocasião uma parada de elegância como em Nova York.

As últimas criações americanas e francesas são aqui exidas; é interessante notar que tôdas as "toilettes" são acompanhadas de chapéus. Por serem modelos já para outono, são de linhas mais sóbrias e executados em fazendas pesadas.





DESFILE DE PÁSCOA









NO guarda-roupa feminino há sempr alguns vestidos que não são nem simples, nem «toilettes» demais e que servem para diversas ocasiões. Conforme as variações feitas com os complementos, servem para manhã, tarde ou noite. À esquerda: Conjunto de saia preguecada e blusão vindo bem até às cadeiras, mangas quase três quartos e decote em V. Ao centro: Simples porém mais «toilette», é êste vestido em crepe negro. Saia plissada, corpo sem mangas com amplo decote. À direita: Vestido de duas peças em gaze listada. O casaco forma uma aba franzida e um grande laço no pescoço. Chapéu largo em palha rendada. Em baixo: Tafetá é o tecido escolhido para êste vestido sem mangas, com saia franzida e grandes bolsos. Dois modelos para saídas à tarde, ambos são confeccionados em fazendas quadriculadas e têm as golas e punhos brancos.

PARA TODAS AS HORAS













Sugestões de Micheline Presle

A atriz francesa Micheline Prelle é considerada como uma das mais elegantes no meio cinematográfico. Os costureiros franceses tomam-na sempre como modêlo para as suas novas criações. Nestas fotografias ela exibe trajes para diversas ocasiões. À direita: Audacioso vestido de noite, corpo de renda e saia justa, em faile. Da altura da cintura, atrás, cai uma grande cauda. À esquerda, de cima para baixo: Conjunto para jantar. Saia justa em sêda, e blusa em lamé. Gola alta e na cintura um laço com duas pontas. Vestido preto para tarde, gola e punhos em fazenda branca; a saia tem atrás um largo pano podé, sôlto. Vestido de linho, saia franzida, aberto na frente, a bola e os punhos em linho branco, bordado. Em baixo, finalmente, um traje esporte: blusa de algodão quadriculado e saia de corte simples.





MUITÍSSIMO
MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientificamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...



Polvilho Antisséptico

GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO



WEEK-E

TOMATES COM ASPARGOS

Cortam-se os tomates ao meio e tiram-se as sementes com uma colherinha. Enchem-se as cavidades com maionese. Sôbre cada meio tomate colocam-se 3 aspargos, que se guarnecem com tiras de tomates de modo a dar a impressão de que as tiras de tomate estão amarrando os aspargos em feixe.

SORVETE COM CHANTILLY

Bate-se ½ litro de nata, que se mistura em seguida com um pacotinho de açúcar de baunilha e mais 50 gr. de açúcar. Com uma colher que se vai mergulhando em água quente, vai-se tirando porções ovais de ½ litro de sorvete de baunilha, porções estas que se vão arrumando no centro de um prato redondo. Em volta do sorvete, colocam-se 6 a 8 merengues, guarnecendo-se, por fim, tudo com creme Chantilly. Serve-se imediatamente.

OVOS À ESPANHOLA

Batem-se 2 ovos com "curry" e nêles se passam fatias de pão que se frigem em gordura quente. Sôbre cada fatia se coloca um ôvo poché. Cobre-se tudo com môlho de tomates e trufas e pepinos em conserva picados. Por fim guarnece-se o prato com aspargos passados em manteiga quente.

PANQUECAS COM MILHO VERDE

Duas xicaras de milho verde cozido, destacendo das espigas, 4 ovos, 2 colheres de farinha, sal, noz moscada, 1 pimentão doce picado, ¼ de xicara de água. Mistura-se a farinha com os ovos, água, sal e noz moscada. Em seguida, juntam-se os grãos de milho e a pimenta. Desta massa fazem-se 1 ou 2 panquecas, que se servem com açúcar.

CARAMELOS DE CAFE':

Para 40 caramelos: Desmanche num tacho, 250 gr. de açúcar, com um pouco de água, junte o caldo de ½ limão e ¼ de litro de creme de leiteria. Leve a ferver durante uns 4 minutos, e sempre mexendo, adicione 4 colheres de café forte. Deixe ferver ainda e quando deitar uma gôta de calda em água fria e enrolar com os dedos, adicione mais 2 colheres de café forte e 1 de manteiga. Deixe derreter e derrame sôbre um pequeno tabuleiro untado. Depois de frio, corte em quadrados.

PASTELÃO DE PÃO

Tome 75 gr. de pão dormido e deite de môlho em leite; junte 1 pitada de sal, 6 gemas, açúcar até adoçar e pedacinhos de baunilha. Leve tudo a ferver, deixe esfriar, encorpore 6 claras em neve e leve ao forno em fôrma untada.

AMANDINES

Soque 150 gr. de amêndoas, e junte aos poucos 150 gr. de açúcar e 1 clara. Perfume com baunilha ou água de flor. Amasse tudo, e enrole como avelãs. Molhe cada uma em clara de ôvo, passe em amêndoas picadinhas, deixe secar por 2 horas e leve ao forno brando, por alguns instantes. Se ficar mole junte mais açúcar.

SANDUICHE GIGANTE

Tome um pão alemão de forma, corte todo em fatias de 1 cm. sôbre o comprido, e passe manteiga dos dois lados. Tome ½ quilo de camarões, cozinhe e pique miudinho, misture com 2 ovos cozidos picadinhos e 3 colheres de leite, para ligar. Corte a polpa de 1 pepino, bem picadinho, e tempere com sal e gôtas de môlho inglês. Corte alface bem fininha e tempere com sal e gôtas de limão. Tome 2 tomates regulares, pele e corte em fatias, sem sementes. Cozinhe 6 ovos, retire as gemas, reserve e pique as claras. Coloque 1 fatia do pão num prato, espalhe por cima uma camada de alface e outra fatia de pão. Espalhe sôbre esta 1 camada dos camarões e cubra com 1 fatia de pão. Espalhe os pepinos, cubra com 1 fatia de pão e assim repita a operação até completar o pão. Amasse as gemas reservadas com 2 colheres de leite, manteiga e passe a pasta sôbre todo o pão. Guarneça em cima com rodelas de tomate e folhinhas de agrião formando desenhos. Na hora de servir, parta em fatias de alto a baixo. Também pode variar o recheio com patês, queijo, etc., e cobrir todo com môlho maionese.

LOMBO SALGADO FRITO

Tome 1 quilo de lombo salgado, e escalde para tirar o sal. Deite numa panela, com gordura, 2 colheres de cebolas picadinhas e um pouco de água. Deixe secar e ficar depois bem frito e dourado. Parta em fatias e sirva sôbre um leito de couve a mineira, ou então com couve à mineira com farinha. Pode servir também com farofa de água, à parte.

MACARRÃO COM CAMARÃO

Ensope camarões e parta em pedacinhos. Cozinhe em água e sal um pouco de macarrão fino, não deixe amolecer, deve ficar bem sôlto. Tome um prato de ir ao forno, coloque no meio de uma fôrma com um pêso dentro. Deite ao redor o macarrão em camadas, polvilhadas de queijo e com pedacinhos de manteiga por cima. Bata 3 ou 4 claras em neve, junte as gemas, e despeje sôbre todo o macarrão e leve ao forno por alguns minutos, só para cozinhar os ovos. Retire a fôrma e na cavidade deite os camarões com 2 ovos duros picadinhos. Também pode substituir os camarões por outro qualquer picadinho.





A COZINHA







SANDUICHES DE PATO E LARANJA

Asse um patinho novo e corte a carne em tirinhas. Tome umas laranjas e tire os gomos sem as peles. Corte um pão de fôrma em quadrados de ½ cm. de grossura, passe bastante manteiga e coloque um gomo no meio de uma tira do pato de cada lado. Pode servir aberto ou coberto com outro quadrado de pão.

PANQUECAS COM CEREJAS

Meio a três quartos de quilo de cerejas das quais se tiram os caroços, 3 pãezinhos de leite, 3 colheres das de chá de amêndoas socadas, ou 3 colheres de manteiga derretido, 100 gr. de açúcar, 3 ovos, 1 pitada de sal. Colocam-se os pãezinhos no leite, espremem-se e passam-se na peneira. Misturam-se com as gemas, amêndoas ou manteiga, açúcar, casca ralada de 1 limão, cerejas, sal e as claras batidas em neve. Coloca-se esta massa em uma fôrma untada com manteiga e pulverizada com farinha de rosca. Assa-se em forno regular, durante três quartos de hora.

BLIS

Trezentas gramas de farinha, 4 ovos, xicara e meia de leite, 20 gr. de fermento, sal, 100 gr. de nata. Com a farinha, o fermento, leite, sal e ovos, prepara-se uma massa que se põe de lado até crescer o dôbro. Em seguida junta-se a nata morna à massa, deixando crescer mais um pouco. Frigem-se pequenas panquecas que se levam à mesa com ou sem açúcar.

SPETZELI DE SEMOLINA À VIENENSE

1 colher de manteiga, 3 ovos, semolina, sal e noz moscada. Bate-se muito bem a manteiga, juntam-se os ovos, bem batidos, um pouco de noz moscada e sal e quantidade de semolina necessária para fazer uma massa mole. Deita-se esta massa em uma fôrma untada com manteiga e leva-se ao forno. Quando estiver assada, deixa-se esfriar um pouco, corta-se em quadradinhos ou tiras que se colocam na sopeira e que se cobrem com sopa. Com esta mesma receita, mas acrescentando-se um pouco mais de semolina à massa, podem se fazer spitzelis comuns que se vão deitando na sopa fervendo e, quando subirem à superficie, tira-se a panela do fogo, deixa-se ao lado durante 10 minutos, devendo a mesma se conservar tapada.

OVOS COZIDOS COM CEBOLAS

Refogam-se as cebolas picadas em manteiga, tendo-se o cuidado de não deixá-las corar. Em seguida acrescentam-se môlho branco ou Bechamel e um pouquinho de rhum e deixa-se o môlho descansar por alguns minutos em fogo bem brando. Cortam-se os ovos cozidos em rodelas, que se arrumam em um prato que possa ir ao forno, uma sôbre a outra, dispondo-se como escamas. Cobrem-se com o môlho, pulverizam-se com queijo ralado, juntam-se pedacinhos de manteiga e leva-se o prato ao forno por alguns instantes.

MANTEIGA DE SARDINHAS

100 gramas de manteiga que se misturam com 50 gr. de "filets" de sardinhas passados por uma peneira.

Êstes pãezinhos, sempre muito apreciados, vão muito bem com qualquer bebida quente ou fria. Servem também para guarnecer frios. O pão que melhor se presta para isso é o pão de fôrma cortado em fatias muitos finas (ou torradinhas nas quais se passou manteiga). Naturalmente, pode-se empregar qualquer pão. Deve-se, em primeiro lugar passar manteiga nas fatias que sempre devem ser muito finas. Para isso emprega-se manteiga simples ou manteiga de ervas ou ainda manteiga de sardinhas. Os pãezinhos, isto é, as fatias podem ser cobertas com qualquer assado frio, lingua, frango, etc., cortado em fatias finas. Os bordos ou o centro podem ser enfeitados de modos variados, ou com clara ou com gema raladas, ou com rodelas de beterraba, pepinos em conserva, alcaparras, rabanetes, cebolinhas em conserva, geléia de carne, etc.

PÃOZINHO COM PRESUNTOS

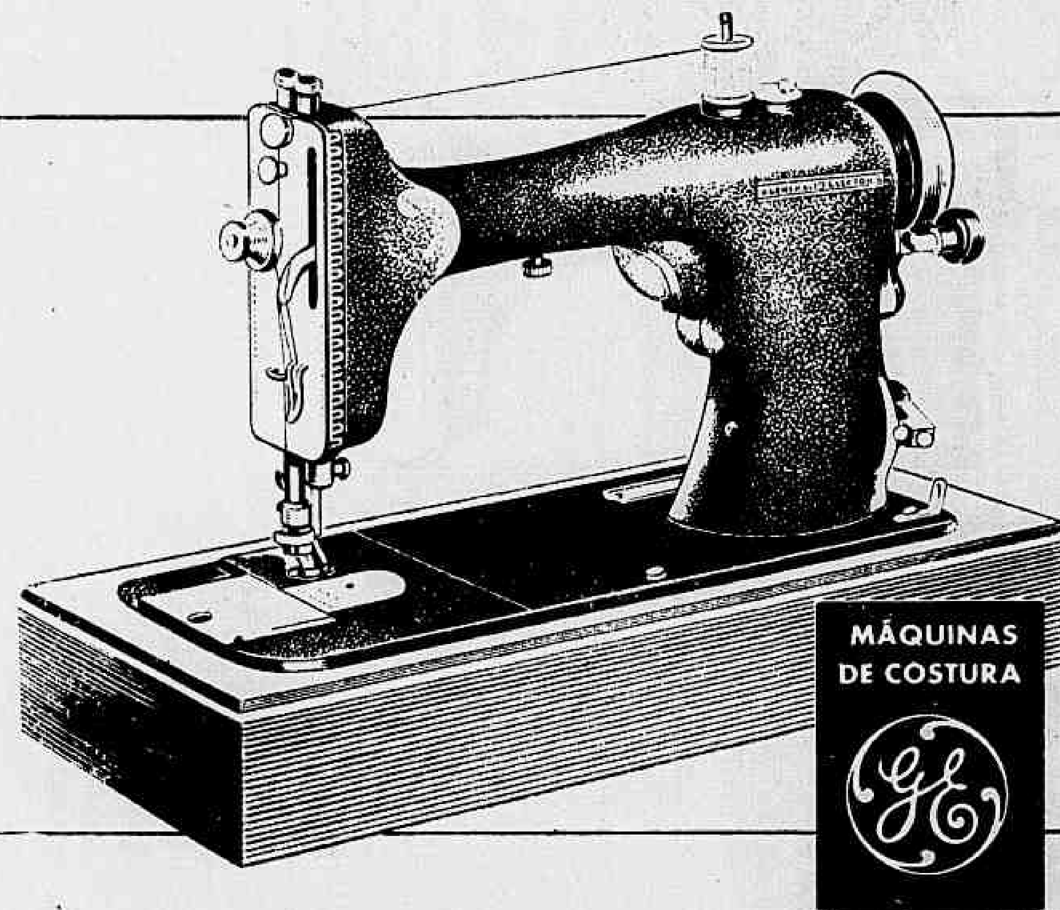
Tomam-se fatias de pão de fôrma com 1 cm. de grossura. Cobrem-se com manteiga de ervas e com fatias de presunto de igual tamanho. Guarnecem-se com rodelas de pepinos em conserva.

SALADA MISTA

No centro de um prato redondo arrumam-se salada de batatas, de alface, tomates, metades de ovos cozidos que se salpicam com salsa picada, guarnecendo-se a salada de batatas com salsichas dispostas em forma de estrêla. Êste prato é muito apreciado em ceias. Esta salada deve ser arrumada de modo que a salada de batatas forme um cone bem alto.

A QUALIDADE G-E TAMBÉM

NAS MÁQUINAS DE COSTURA



DURABILIDADE, RESISTÊNCIA E EFICIÊNCIA — QUALIDADES ESSENCIAIS QUE FAZEM DA MÁQUINA DE COSTURA G-E UM SÁBIO INVESTIMENTO DE CAPITAL

- COSTURA PARA FRENTE E PARA TRÁS
- LUZ EMBUTIDA NO BRAÇO
- ENROLADOR AUTOMÁTICO DA CARRETILHA
- REGULADOR NUMERADO DE PONTOS
- MOTOR EMBUTIDO COM RESFRIAMENTO A AR
- 12 ACESSÓRIOS STANDARD, *para preguear, acolchoar, aplicar soutache, debruar, embainhar, guiar a fazenda, ourelas, franzir, etc.*

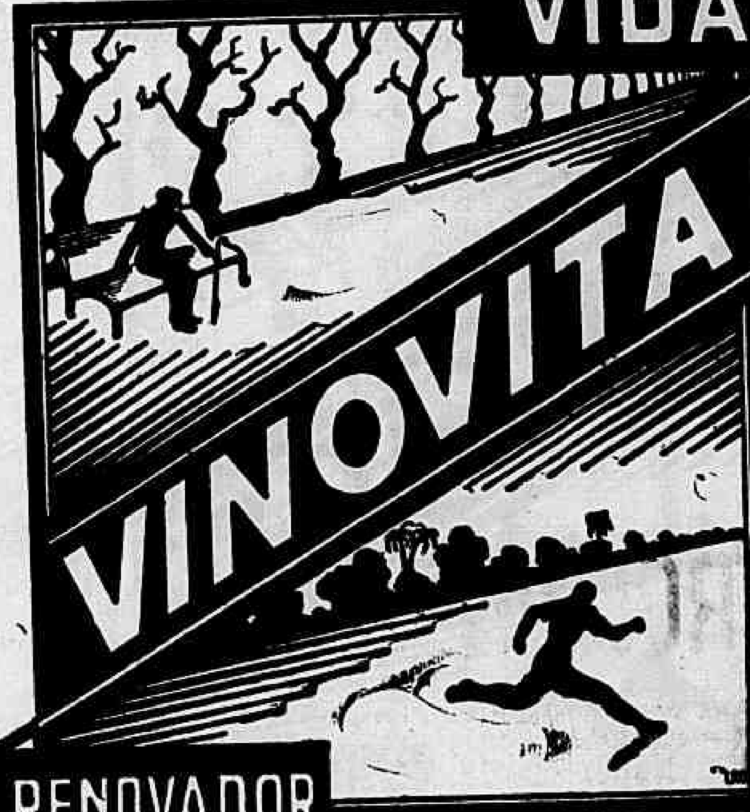
Vá vê-la hoje mesmo nos revendedores da

GENERAL ELECTRIC

SOCIEDADE ANÔNIMA

8.422

RIO — S. PAULO — RECIFE — SALVADOR — CURITIBA — P. ALEGRE







BLUSAS ORIGINAIS

ORIGINAIS e bastante originais são estas quatro bl sas que aqui apresentamos. Ao alto temos, à e querda, Peggy Castle, «estrêla» da U-Internationa com uma sugestiva blusa em sêda branca, decote alto, ma gas três quartos, tôda bordada em missanga, e pedr multicores. À direita, Patricia Medina, também da U-I ternational com sugestiva blusa em malha de sêda azu marinho e branco. Em baixo, temos novamente a encant dora Peggy Castle com duas ótimas blusas, uma em sê bordada e outra em renda branca. Ambas com decot amplos.





A SAÚDE DO BEBÊ

DISCIPLINA DA CRIANÇA

DR. SABOIA RIBEIRO

A educação da criança começa, por assim dizer, desde seu primeiro dia.

A disciplina alimentar é a primeira medida a instituir-se. O intervalo entre uma e outra mamada deve ser-lhe impôsto com perfeita constância. A observância dessa providência não é sòmente medida que lhe condiciona um desenvolvimento corporal normal, senão que é também — acentua um mestre — o primeiro treinamento no domínio dos impulsos. Patenteia-se claramente essa necessidade, diz êle, quando se oferece ocasião de observar crianças privadas dessas medidas educativas. Se se observam recém-nascidos criados ao seio sem obediência a intervalos regulares entre as refeições, dando-lhes estas, seja dia ou noite, tôda vez que dão mostras de fome, constata-se, sempre, que semelhantes crianças oferecem as maiores dificuldades por ocasião do desmame, pois não existe alimentação artificial tão à mão e sempre pronta como o próprio seio materno, a que se afizeram dia e noite. O resultado é que muitas adoecem por ocasião do desmame, criando situações verdadeiramente dramáticas, em que, ou se adotam prescrições médicas antes severas, ou perturbações nutritivas graves sobrevirão à criancinha, *tão mais caprichosa e agressiva quanto mais idade já adquiriu, a ponto de desesperar os que com ela lidam*.

"As crianças que no domínio da alimentação não sofreram o necessário refreamento de suas tendências individuais resistem pertinazmente a quaisquer outras medidas educativas".

A glutoneria, isto é, o hábito de fazer repastos excessivos, não tem outra origem, muita vez, senão êsse hábito, que vem da primeira infância, de mamar a tôda hora e desordenadamente. "A voracidade dos glutões não é exigência da natureza; deriva-se puramente da intemperança, cujo início já se observa nas primeiras semanas ou meses de vida".

A educação no domínio de si mesmo é outro ponto essencial na formação do espírito da criança. Essa educação consiste nem mais nem menos do que em não permitir que o bebê alcance tudo quanto almeja ou peça, ou que faça tudo quanto queira ou entenda.

Quando se tenta, mais tarde, disciplinar a criança, depois de a ter deixado longo tempo com a liberdade de tudo querer ou fazer, então a sua reação vai até a própria cólera, manifestada em verdadeiros acessos.

As crianças que, em conseqüência de um desejo não satisfeito, se jogam no chão, gritam e esperneiam, tais crianças não fazem essas cenas por uma questão de temperamento particularmente impulsivo, mas, antes, por motivo ùnicamente de graves erros disciplinares. Neste particular, os afeiçoados da criança — avós, tias e os criados de estimação — exercem uma influência das mais desastrosas, como que se julgando todos na obrigação de adivinhar e cumprir os menores caprichos do bebê, descendo às vêzes até o ridículo.

Tenho visto avós andando de gatinhas, pendurados em postes, às vêzes de cabeça para baixo, soltando cacarejos, urros, guinchos e silvos, dignos de um jardim zoológico — escreve Chiaffarelli com sua grande experiência no campo pediátrico.

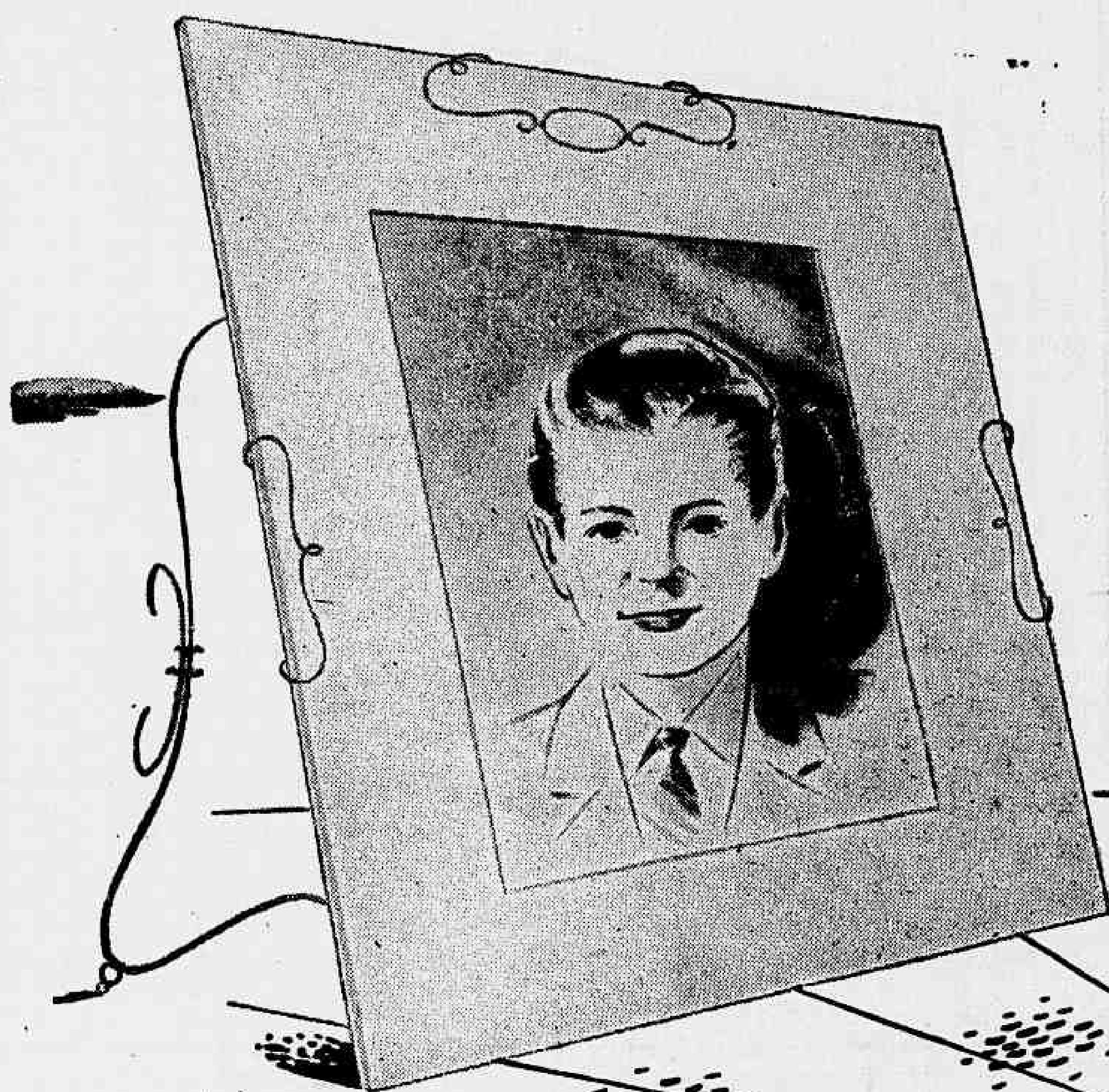
A disciplina dos hábitos é outra norma a que obedecer na formação educacional da criança. O banho, a satisfação de certas necessidades a horas certas, o momento de ir pra a cama, estão neste número. A constância nas ocupações deve ser iniciada o mais cedo.

A pertinácia no lidar com determinado objeto é o mais sólido fundamento da capacidade produtiva do homem futuro, além de impedir sobrevenha, provocada por troca demasiado rápida de atividades, superexcitação condenável, doutrina Czerny. E acrescenta: "As crianças não acostumadas durante os seis primeiros anos de vida à persistência no manuseio de determinados objetos, entram mais tarde em sérios conflitos no cumprimento dos deveres escolares, porque se passa, então, a exigir delas pelo ensino uma qualidade de caráter que até então não cultivaram. O dêsejo de mudar a miúde de ocupação não é natural na criança normal."

A convivência entre adultos com participação nas suas conversas representa um êrro pedagógico. A regra deve ser: crianças entre crianças, e até 7 anos suas únicas atividades devem consistir nos exercícios musculares próprios de sua idade, já praticáveis aos 2 e 4 anos. Nesse particular as corridas pedestres e os jogos de mãos combinados favorecem um desenvolvimento harmônico das massas musculares, assim da metade inferior do corpo como da superior. Trepar em varas, cordas, escadas, são exercícios sempre recomendáveis por exercerem-se simultâneamente sôbre as musculaturas do tronco e dos membros, superiores e inferiores. Se se pretende, portanto, proporcionar à criança o máximo de satisfação e proveito, não se devem esquecer os benefícios dos exercícios físicos que na época da puberdade, principalmente, exercem o efeito de um verdadeiro derivativo. A êsse respeito já escreveu um mestre: "Um organismo cansado, suado, alquebrado nas lides esportivas quer cama, descanso, sossêgo. A ambientação esportiva, a ânsia de quebrar um "record", o preparo que tal cometimento exige, desvia a atenção do adolescente dos atos reprováveis, ocupando todo o seu tempo e todos os seus pensamentos."

O que, porém, se vê tantas vêzes? Crianças metidas entre quatro paredes no meio de adultos que conversam sôbre tudo e muitas vêzes sôbre moléstias. Nenhum ambiente mais impróprio. Conversações sôbre doenças diante de crianças sugerem-lhes, habitualmente, certos estados, de que passa a queixar-se o petiz, depois, a ponto de quase todos os pediatras poderem arrolar, nas suas observações, não poucos casos de crianças queixando-se de enxaqueca, apendicite, moléstias do coração, simples resultado de conversas entre adultos.

Existe um clima próprio para o entretenimento da criança. Dentre os processos de estimulação nenhum mais adequado que os exercícios de habilidade manual, ou a narrativa por meio de *fábulas* ou *lendas*, excluídas, naturalmente, as histórias fantásticas, capazes de gerar o mêdo e povoar o sono da criança de sonhos maus, pesadelos.



Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

Vinho Chico Mineiro

SEJA INTELIGENTE! NÃO ESPERE ENGORDAR DEMAIS. TOME DE HOJE EM DIANTE VINHO CHICO MINEIRO QUE CONSERVARÁ O SEU PORTE ELEGANTE. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

À venda nas boas Farmácias

Para completar a sua beleza e personalidade use êstes produtos da Multifarma:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

O segrêdo de uma LINDA CABELEIRA sem CASPAS e CABELOS BRANCOS está em EUTRICHOL ESPECIAL. EXPERIMENTE E VERÁ. Remessas pelo Reembolso Postal

MULTIFARMA

Praça do Patriarca, 26 — 2.º

S. PAULO

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:
RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL. 43-8966
Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio



A melhor ornamentação do lar resume-se na conservação dos móveis e isso se obtém com óleo de peroba.

NO ANTIGO CURRAL...

(Cont. da pág. 34)

lorido. Dêle irá, para os leitores da REVISTA DA SEMANA o nectar dêsse cromo rural:

Bate, bate noite e dia,
Bate, bate sem cessar,
Na grota funda e sombria
O munjolo a triturar.

Sua alma é monotonia
O seu destino é britar,
E assim, batendo anuncia
Que há fartura pelo lar.

Tam, tam, tam de longe escuta
Quem vai ou vem na labuta,
À luz do sol do luar.

Ouví-lo ao campônio é doce,
Como se o munjolo fôsse
Uma araponga a cantar.

UMA SOMBRA...

(Cont. da pág. 28)

mata de tocaia, à traição, por qualquer dinheiro. E isso me conforta. Com aquêle sujo terminaria nos bordéis, apanhando de gente baixa. Tenho diante dos olhos a visão dêsse quadro horrível.

★

Sim, o coronel Bonifácio me mandou o prêto Damião. Negro feio e valentão. Dizem que êle é muitas vêzes assassino, andou com o bando de Lampião. Mas o diabo do prêto não tem pinta de gente braba. Alto, magro, dentuço, só sabe é fazer movimento na cozinha com a preta Emengarda. E ouço a risada nervosa de Maria Helena, em apoio indireto às gracinhas do cabra. E as palavras da cozinheira me voltam frescas à cabeça, numa advertência:

— Seu Marinho, a menina anda se enxerindo com o negro Damião na cozinha! O sinhô, se tem cuidado na sua fia, veja lá!

Acho que a negra tem tôda a razão. Eu é que fui estúpido, desalmado, selvagem, malagradecido, tratando-a daquela forma. Desumano! Um monstro mesmo! E desconfio agora, cegamente, que o prêto não tem boas intenções. De vez em quando, dá uma risada escarninha, joga com o corpo, e sai gingando, falando sòzinho, mexendo com as mãos grandes e cabeludas em gestos desordenados, como se discursasse para o silêncio da casa. Passa pelo meu quarto, espia bem para dentro me procurando, os dentes brancos de tapioca do lado de fora, se assusta quando me encontra e vai no terraço para escarrar:

— Damião!

— Inhô, meu patrão!

O negro tem uma vantagem: é serviçal. Mas, desconfio que seja valentão. E é justamente êsse temor que me apavora, agora mais do que a própria sombra do pátio:

— Damião, onde está você, negro?

— Tô aqui, às suas orde, meu patrão!

— Não se afaste, cabra!

O negro vem no seu andar lanzeiro de galo sem esporão, toma a porta tôda com o corpo e os braços abertos em forma de cruz e me pergunta com a voz mole de moleque de morro:

— O patrão tá com mêdo? De quê, meu patrão?

Falo da sombra do pátio. Confio-lhe os meus receios. Traço mesmo planos de ataque. O negro fica calado, mudo, petrificado. Noto mêdo nos seus olhos. Mêdo ou desconfiança? Não sei. Amanhã mesmo, se não fugirem de mim essas suspeitas de agora, dispensarei êsse negro safado. Ainda não é do tipo que quero. Desconfio que seja valente e me angustio.

★

Escurecia. No quarto onde me embalava na rêde, velho costume herdado à minha avó, um pé trepado, outro na parede, sòmente sombras fugidias de móveis antigos e o chôro melancólico e acabrunhador dos armadores. O guarda-roupa, a estante de livros, a cadeira que me serve de mesa para refeição, tudo enfim nada mais nada menos que objetos vagos, de contornos mortos, de formas quase indistintas. Em síntese, sombras que de vez em quando me lembravam os espectros noturnos que vagueam no pátio, tôdas as noites. E me arrepiava todo, como gato acuado. Boa comparação. Sentia mesmo os pêlos do corpo se levantando, suspendendo o pano fino do pijama listrado. E me vinha a certeza de que se fôsse ao espêlho e me olhasse, veria os cabelos para cima, os olhos estreitos, as feições e os modos de gato. De gato com raiva.

(Cont. no próximo número)

MONTPARNASSE...

(Cont. da pág. 22)

atravessando o Jardim de Luxemburgo estaremos em pleno Bairro Latino. Os estudantes já não se vestem à maneira romântica de Rodolfo ou Marcelo nem as garotas à moda de Mimi ou Musette mas são os mesmos de 1830, sob os «pullovers» e «canadiennes» modernas. A atual boêmia parisiense mantém-se à altura de suas tradições. Ela impera, irreverente, por todos os recantos do Bairro Latino. Ao contrário de Montparnasse, êste é um ambiente que respira dinamismo por todos os poros. As novidades se espalham pelos cafés e livrarias onde os «vient de paraître» e as exposições são criticados. E não faltam os escândalos e as tragédias como o recente assassinato de Lise Cansot, a célebre modêlo, crime imputado a um existencialista que o teria cometido não só para dar vasão à sua tara como para se apoderar de preciosos quadros de propriedade da vítima.

Aos sábados e domingos realiza-se no Boul'Mich' a «foire aux croutes».

Quem quer que tenha aptidões para sujar uma tela ou rabiscar uma folha de papel, pode expor a «obra» ao julgamento crítico de um público alegre e pouco exigente. Diante da pior pintura do mundo, a multidão aplaude e confraterniza. Verdadeiro «páteo dos milagres», na «foire aux croutes» há de tudo, desde a miniatura sôbre ossos, pomposamente batisada por seu inventor de «pastologia» até o quadro de grandes dimensões, tipo Romeu e Julieta, especial para barbearia de subúrbio.

O número de sucesso da feira, porém, é Savari, o pintor-fakir que pinta de cabeça para baixo e cujas obras são uma crítica viva à chamada arte de vanguarda.

Estamos agora em St. Germain-des-Prés, no «Café des 2 Magots». Numa noite de inverno como esta, em 1909, ali sentavam-se Jasinto Benavente e Ruben Dario diante de um absinto, para observar, silenciosos, Paris viver estrepitosamente a sua vida de Arte e de Beleza. Como agora, uma mocidade turbulenta e excitada comprimia-se na «terrasse chauffée», discutindo, gritando, gesticulando.

— Por que a alegria deles nos deixa indiferentes? — perguntou don Jacinto.

— Meu amigo, — respondeu Ruben Dario depois de uma pausa — a Paris deve-se vir quando se tem vinte anos...

E tinha razão. Paris é a cidade da mocidade, da mocidade eterna iluminada pela fé, aquecida pela esperança...

FALANDO DE FEIAS...

(Continuação da pág. 39)

Como vemos, aí está a orientação esponsalícia: deve sempre ser casado com mulher que seja feia.

Nesse compêndio de sabedoria em doze versos encontramos também lições de higiene e sociologia, de política, de economia. Mas o que nos interessa aqui é o capítulo sentimental. E êle é tão importante que outro La Rochefoucault das Alterosas sintetizou em uma quadrinha de versos de quatro sílabas tôda a ciência da vida, e a mulher feia, como base da felicidade afetiva, lá está também:

Pasto cercado,
Casa de têia,
Porco de ceva
E muié feia.

Aí está, amigos; essas criaturas lindas e cintilantes que costumamos encontrar na Avenida e em Copacabana — são lindas, sim, são... Mas o segrêdo da felicidade amorosa as feias é que o sabem.

Lyse.

TERREMOTO! NO MERCADO DE PERFUMES

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	[illegible]
Crepe A — Super ...	12,00	22,00	30,
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,
Jasmin Super	10,00	22,00	30,
Violeta B — Super ..	13,00	22,00	30,
O. Fleurs — Super ..	15,00	25,00	35,
Fl. Amor — Super ..	15,00	25,00	35,
Mitzko — Super	18,00	25,00	35,
Arp. S — Super	20,00	35,00	40,
Tabac B — Super ...	21,00	35,00	40,
Tabul — Super	25,00	35,00	40,
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,
Cuir R — Super	25,00	35,00	40,
Narcisse N — Super..	25.00	35,00	40,
Pretx — Super	35,00	45,00	55,
Rumores — Super ...	35,00	45,00	55,
Escandalo — Super ..	35,00	45,00	55,
Tabul GR — Super ..	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	70,
Soupplesse LF	50,00	70,00	70,
Biarritz LF	50,00	70,00	70,
Monte Carlo LF	50,00	70,00	70,
Arabesque LF	60,00	80,00	80,
Heno del Campo LF..	60,00	80,00	80,
Casino LF	60,00	80,00	80,
Violette Feuilles LF ..	85.00	105,00	105,
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	105,
Despesas Reembôlso..	6.00	6,00	6,

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

✶

À boa aparência é tudo. Embora velhos os seus móveis, torne-os novos aplicando óleo de peroba.

✶

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

CORREIO DA REVISTA

A. V. (Cuiabá) — Não foi aceito o "Cego". Procure dar mais vigor aos seus contos e armar sempre desfechos imprevistos. A senhora possui qualidades literárias; mas precisa exercitar-se em estilo e pensamento criador. Continue.

Aluizio Furtado de Mendonça (Natal) — "Uma sombra no pátio" foi aprovado e vai sair na página de novela Continue a remeter-nos seus contos.

G. de C. F. (Rio) — "Sonhos de Estudante" não foi aproveitado. Muito curto e pobre de enrêdo.

Shangri-La (Rio) — Seu conto "Para uma vida nova" não foi aceito. A narrativa é monótona e contém várias expressões que comprometem outros méritos literários. Veja esta: "Retinia êste (o telefone) estridentemente com uma espécie de alegria sã". Evite dessas tiradas em seus contos.

R. Q. P. (Rio) — "O Regresso", embora com qualidades para ser aproveitado, teve que ser recusado em face de certas cenas como aquela da Amância. Não se presta para uma revista como a nossa.

A. B. M. (Rio) — Não pudemos aproveitar "A Pedreira". Muito trágico e sem outras qualidades literárias.

R. G. (Rio) — "A outra Dolores" tem aspectos de dramalhão. Nada feito.

J. B. de P. P. (Alegre, E. Santo) — Não apresenta qualidades literárias para um conto o seu trabalho "Voltarei" (ex-Chuva). E procure também aperfeiçoar os seus conhecimentos de português.

Visconde de Guararapes (Cuiabá) — Seu conto "Caminhos opostos" estava com vários defeitos, inclusive a de estar a narrativa num estilo muito arrastado e sonolento.

G. W. S. (Lajes, Sta Catarina) — Muito infantil o seu "A tatuagem".

R. A. M. B. (Rio) — Bastante fraco o seu conto "A dança das ondas".

T. N. (Rio) — O mesmo sucede com o seu trabalho "O estranho João Lúcio". Leia a resposta ao seu antecessor.

J. de O. N. (Rio) — Aperfeiçoe sua capacidade de escrever ficção e evite lirismos como êste: "O sol brilhava e os passarinhos faziam algazarra na copa das árvores". Nada há de mais vulgar de que isso que anda por aí em tôda composição colegial. Por estas e outras não foi aceito o seu conto "Encontro em junho".

J. de M. (Rio) — Seu conto "Boêmios" estava muito curto.

J. N. N. (São Paulo) — Muito fraquinho "A decepção de Júlia".

L. N. de O. (João Pessoa, Paraíba) — A literatura das sêcas tem que ser muito boa para interessar o leitor. Infelizmente o seu conto "O rio não corre mais", não encerra nada de novo.

VIDA DE PERIGOS A VIDA DA MULHER

SUJEITA continuamente às perturbações próprias do seu sexo, tendo o seu aparelho genital constituído de importantes e delicadíssimos órgãos cujas irregularidades facilmente se transformam em gravíssimos males, tem a mulher sua vida ameaçada por constantes perigos e precisa, pois, estar sempre vigilante. O seu fluxo mensal é um verdadeiro espelho de sua saúde íntima: se vem regularmente, em dias certos e em quantidade certa, sem dores, cólicas, tonturas, enjôos, etc., tudo está bem. Mas se aparece em abundância ou, ao contrário, diminuído, irregular ou retardado então urgem providências imediatas. Mas nada de recorrer a um remédio qualquer. Os seus males são de duas naturezas diferentes — os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta, atraso ou diminuição de regras — e, portanto, exigem remédios diferentes. O Regulador Xavier, atendendo a essas duas naturezas diferentes: o Nº 1 para os casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas e hemorragias e o Nº 2 para os casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas ou suspensas. Portanto, prezada leitora, o Regulador Xavier Nº 1 ou o Regulador Xavier Nº 2, conforme o seu caso, é o remédio único e insubstituível, capaz de combater eficazmente e afastar de maneira definitiva os seus males conservando-a a salvo de todos os graves e traiçoeiros perigos que ameaçam a sua saúde e a sua vida.

BIBI FÊZ REVISTA AOS TRÊS ANOS

(Cont. da pág. 10)

Teatro Carlos Gomes e estava preparando uma suntuosa revista, não poupando dinheiro nem idéias para deslumbrar. A maioria não acreditou. Qual! Então Bibi teria coragem para largar a comédia, que a havia tornado famosa e consagrado, para tentar um gênero no qual não tinha experiência alguma e em que tanta gente boa havia fracassado? Será que o teatro de comédia não dá mesmo mais nada? Que o povo do Rio está farto da prosa?

Aos poucos, porém, as notícias foram ratificadas pelas entrevistas que traziam a público os nomes dos autores da peça em preparação: Hélio Ribeiro e Chianca de Garcia; nos nomes de alguns artistas: Mara Rubia, Violeta Ferraz, Viviani, música de Vicente Paiva e ainda a promessa de "girls" argentinas e americanas. Uma vez aceita a idéia de ver Bibi fazendo revista, cada qual tratou de refrear a curiosidade e esperar a estréia. Agora já todos podem julgar pessoalmente e dizer se valeu a pena Bibi passar da comédia para a revista. Que foi preciso uma boa dose de coragem, isso ninguém pode negar, mas Bibi é jovem, pode se permitir tais luxos, pode ir de encontro à opinião dos conservadores pode perfeitamente fazer revista quando e como quiser; para isso sobram-lhe dotes artísticos, tirocínio precioso do palco ao lado de alguns dos maiorais do teatro, sangue e exemplo de desprendimento artístico dos próprios pais e, finalmente, conta com o apoio incondicional do povo, que aqui no Rio é, na atualidade, francamente da revista.

A CARREIRA DE BIBI

Achamos interessante relembrar o que tem sido a carreira de Bibi Ferreira até o presente para mostrar aos leitores que não conheçam suficientemente as várias fases da vida da artista, focalizando principalmente suas atividades em diferentes artes, provando assim a grande versatilidade da atriz "mignon" para tudo que diz respeito à representação. Nossa intenção era documentar o retrospecto da vida de Bibi com fotografias que porventura a própria artista tivesse. Infelizmente seu álbum de família, com tôdas as mais caras recordações, sumiu misteriosamente, privando-nos do prazer de reproduzi-las. Apenas uma foto escapou, e essa ilustra o nosso trabalho; o resto é do arquivo e umas são da revista.

Procuramos Bibi nos bastidores do teatro, no constante vai-e-vem dos carpinteiros, dos pintores, das "girls", dos ensaiadores, dos gritos dos cantos, dos pulos, das luzes do palco e do escuro da platéia. Fomos encontrá-la ensaiando uma canção acompanhada por Vicente Paiva ao piano. Quando nos atendeu, perguntamos qual a primeira impressão sôbre os ensaios da revista.

— E' tão diferente do que estava habituada a fazer para a comédia! Aqui há mais movimentação, mais barulho, muito mais gente; mas, apesar disso, sinto-me bem nesse ambiente. Aliás para mim não é novidade absoluta, pois foi na revista que eu estreei, quando criança.

Pedimos mais detalhes e ela nos contou que se encontrava em companhia da mãe, a atriz Aída Ferreira, que fazia parte do elenco que Velasco exibia então em Santiago do Chile. Bibi contava três anos e estreou cantando uma fábula. A Companhia Velasco percorreu tôda a costa do Pacífico até São Francisco da California.

— Nessa época você chegou a se exibir no Brasil?

— De volta ao Rio, ainda na mesma companhia, apareci no antigo Teatro Lírico, onde meu pai, assistindo-me, chorou. Aos cinco anos deixei a revista, até agora.

E foi assim que Bibi, carioca, nascida na Tijuca estreou fora do Brasil num gênero ao qual volta depois de muitos anos, durante os quais se dedicou a outras atividades artísticas.

— Antes, porém, tratei de estudar; fui aluna dos colégios Anglo-Americano e Aldridge, já que o Sion não me aceitou por ser eu filha de artistas. Cursei também escola de dança clássica. Adoro "ballet", fui aluna de Carbonel e depois de Oleneva. Como integrante do corpo de baile do Municipal, dancei em várias óperas, entre as quais "Orfeu" e "Carmem".

Atraída pelo rádio, foi cantando que nêle estreou Bibi Ferreira. Isso se deu em 1940, Na Mayrink Veiga. Então o programa "Cine-Rádio Jornal", de Celestino Silveira, era transmitido por aquela emissora, e Bibi, falando correntemente o inglês e entusiasmada pelos artistas de Hollywood, cuja chegada aqui no Rio constituía então verdadeiro acontecimento, aproveitava a entrevista que o citado programa ia fazer diretamente no aeroporto, para ir também e se familiarizar com os figurões do cinema. O trabalho artístico do pai, o famoso Procópio Ferreira, atraía e estimulava a filha para seguir o mesmo caminho e em 1941 comemorando Procópio o 25.° aniversário das suas atividades teatrais, presenteou a platéia e lançou aquela que considerava sua melhor obra — Bibi. Todos ainda estão lembrados do sucesso que ela alcançou interpretando a Mirandolina da "La locandiera", de Goldoni. Daí para cá o repertório foi se avolumando e Bibi, após trabalhar algum tempo com o pai, desligou-se e montou companhia própria, com a qual fêz tôdas as temporadas dos anos de 44 a 46 no Teatro Fênix.

CINEMA

Em 1947 embarcou para Londres. E' o primeiro vôo da artista. Na nevoenta capital inglêsa estuda na Royal Academy of Arts, onde aprendeu a dirigir. Além disso, prêsa por um contrato, tomou parte no filme que vimos com o nome de "O fim do Rio". De retôrno ao Brasil para

(Cont. na pág. 50)

MÚSICA

LAMBERTO BALDI E A INFLAÇÃO DE PRODÍGIOS

De ROBERTO LYRA FILHO

INAUGURANDO suas atividades, nesta temporada, a Orquestra Sinfônica Brasileira trouxe, mais uma vez, ao Brasil, o maestro Lamberto Baldi, regente já conhecido e admirado pelo público carioca que, o ano passado, teve oportunidade de aplaudi-lo, numa série de concertos. Artista consciencioso e diligente, o maestro Baldi prepara e dirige a orquestra com segurança. Sente-se a autoridade e a competência com que domina o conjunto e imprime à execução as suas concepções nítidas e firmes sôbre cada peça. É verdade que, em alguns casos, parece-nos que êle deforma um pouco a mensagem musical, não conseguindo transmitir, completamente, certos matizes mais delicados, o que lhe compromete a pureza do estilo. Essa restrição, contudo, não nos diminui o respeito pela sua sensibilidade vibrante e enérgica; apenas revela que o intérprete há de encontrar, fatalmente, melhores condições de rendimento artístico quando traduz uma obra portadora de poderosas afinidades com o seu espírito. Poucos são os que dispõem de uma intuição capaz de desvendar e exibir os segredos mais íntimos de todos os estilos; o sereno equilíbrio dos clássicos, a efusão transbordante dos românticos, a tensão dramática dos modernos.

Naquelas obras em que encontra âmbito para expandir a sua exuberância latina, Lamberto Baldi emprega, com maior efeito, os seus dons e alcança os momentos mais felizes de sua atividade como regente. E essas vitórias, tão frequentes em seus concertos, compensam, amplamente, os aquêles desencontros, que registramos, entre o teor musical de certas obras e a sua maneira de entendê-las. E, mesmo nestes casos, quando o seu discernimento não consegue fixar, inteiramente, o caráter da obra interpretada, o seu trabalho se recomenda, ainda assim, à nossa estima pelo cunho de sinceridade e integridade artística que reveste, sempre, o comportamento dele à frente de uma orquestra.

INFLAÇÃO DE PRODÍGIOS

A consideração do trabalho de um regente como Lamberto Baldi, o reconhecimento das dificuldades que devem ser subjugadas para que se atinja a transmissão mais fiel das intenções do compositor — tudo isso nos conduz à atitude de ceticismo com que encaramos os recentes sucessos de crianças no comando de conjuntos sinfônicos.

No ano passado, fomos visitados por Giannella de Marco e já se anuncia a chegada de Ferrucio Burco. Fala-se em Pierino Gamba. É uma verdadeira inflação de pequenos regentes.

Há um encanto na criança-prodígio que, com o condimento excitante da publicidade, nunca falha: o sucesso, desencadeado, colhe num turbilhão de palmas a infância gloriosa e o meninozinho ou a meninazinha segue, pelos teatros do mundo, em peregrinação pespontada de consagrações.

Mas, pondo de lado aquela simpatia que só a criança tem o dom de acordar em nossos corações, consideremos o problema artístico que êsses menores representam.

A arte da regência exige um preparo que não se conseguiria nem mesmo se êsses pequeninos maestros houvessem nascido com uma batuta nas mãos e já trouxessem arquivadas na memória noções que encaminhassem as qualidades inatas de que se revelam portadores. Não há intuição, habilidade, talento que consiga suprir o conhecimento da orquestra, dos instrumentos, isoladamente, e do agrupamento dêstes nos diferentes naipes, das possibilidades de combinação, dos recursos de colorido que se pode extrair das massas orquestrais: isso só a experiência traz, só o estudo garante. E, não há, também, gênio capaz de adivinhar a evolução da história da música, as características inconfundíveis de cada período, de cada compositor.

A regência pressupõe um estudo da partitura, a análise do corpo musical construído pelo criador da obra e a capacidade de reconstituí-lo, na interpretação. Essa capacidade não reside sòmente no amadurecimento intelectual indispensável para entender a obra, mas também na energia e na autoridade necessárias para transmitir à orquestra o comando que articulará as unidades, representadas pelos músicos, num conjunto coerente e harmonioso, acompanhando o complexo padrão musical traçado pelo compositor.

Êsse processo não se desenvolve em golpes de intuição, mas decorre da análise consciente de cada obra e depende, para seu sucesso, de uma cultura cuja formação requer maior número de anos do que os minúsculos regentes-prodígio têm de vida...

(Cont. na pág. 50)



Eva Todor, atriz detentora da medalha de ouro de 1949, que está obtendo no Teatro Serrador o maior êxito da temporada com a comédia de Nicodemi "A felicidade vem depois...", em tradução de Luis Iglésias e Carlos Lage.

BIBI FÊZ REVISTA AOS TRÊS ANOS

(Continuação da pág. 49)

rápida viagem, aqui ficou retida por grave doença do pai, de quem ela não quis separar-se até vê-lo completamente restabelecido, perdendo com isso os direitos ao resto do contrato londrino, por não se haver apresentado no dia determinado. O segundo filme seria "Blue lagune". Nunca mais voltou à Inglaterra. Reiniciou suas representações no Rio juntamente com o pai, montando a inesquecível peça "Divórcio", em que também pôs em prática seus conhecimentos de direção.

Em fins de 1948 casou-se com Hélio Ribeiro, que é também seu empresário e que se está revelando como um dos autores do libreto da atual revista. De teatro em teatro, percorrendo-os todos, por não possuir um próprio, continuou a carreira de Bibi. No ano passado fêz uma "tournée" nos Estados do sul. Voltou para o Rio, deu-nos ainda algumas peças inéditas e encerrou a temporada do ano para abrí-la no corrente com uma surprêsa: "Escândalos de 1950".

Perguntamos por que havia abandonado a comédia, tentando a revista.

— Não abandonei a comédia, apenas temporàriamente farei revista. Para isso tenho várias causas. Falta-me um teatro próprio, com o qual possa contar para os melhores períodos da temporada, sem estar sujeita à espera de uma vaga das outras companhias. Êste teatro (o Carlos Gomes) é muito bom, porém grande de mais e deslocado para se fazer nêle teatro de prosa. No Rio há falta de teatros para as muitas companhias em disponibilidade. Outra causa é a disposição favorável do público para com a revista. Parece que o povo está cansado da declamação. Acredito que isso é devido à má apresentação dêsse mesmo teatro de comédia por conjuntos improvisados e mal ajustados, ou por artistas de renome que, descuidando-se, ficam aquém de suas verdadeiras possibilidades. Apesar do que se diz, o público é inteligente e compreende quando o estão ludibriando com peças fracas e com desempenhos ainda mais fracos. Está saturado de mau teatro e prefere o gênero musicado, onde pelo menos se diverte e vê espetáculos bonitos. Isso tudo é temporário. No Rio sempre haverá platéia para bom teatro e eu mesma a êle voltarei após esta temporada.

— Na sua opinião qual é o melhor teatro como edificação?

— O Fênix.

E pensar que muitos o consideram "azarado" e não ousam representar nêle!...

— Entre o rádio, a comédia, o cinema e a revista, o que é de sua preferência?

— E' o teatro de prosa. Preferirei sempre a comédia.

— E na comédia de que mais gosta: do drama ou da comédia pròpriamente dita?

— Prefiro o drama.

— Qual o melhor autor?

— Eugene O'Neill.

— Quais foram seus melhores papéis dramáticos e cômicos?

— No drama o da peça "Divórcio" e na comédia o da "Pequena Catarina".

— O que pensa do cinema nacional? Não está tentada a filmar entre nós?

— Gosto muito de cinema, acredito no cinema nacional e já filmei aqui "Alma adversa", que dentro em breve será distribuído. Apenas acho que não sou fotogênica.

Assim encerramos a rápida entrevista da atriz que no momento está mais em evidência. Havendo trabalhado no rádio, na comédia, no cinema, na revista, canta, dança, traduz do inglês as peças que representa, ensaia, dirige e agora para a revista escreveu algumas das músicas. Não se lhe podem negar esfôrço, vontade de vencer e principalmente espírito de renovação e de adaptação ao ambiente do momento. A época é das revistas? Pois que se faça revista e que falem as cassandras, ela não recuará.

MÚSICA

(Cont. da pág. 49)

Isolados, fora do ambiente natural, do meio doméstico onde seria possivel cultivar seu talento para a floração oportuna, explorada prematuramente a sue inclinação para a música, os pequeninos artistas são submetidos a uma atividade que é exaustiva até para adultos, e gastam as suas reservas de energia, compenetrados, com os nervos numa tensão constante, nos palcos iluminados, como automatosinhos, bonequinhos mecânicos, de olhos arregalados, meio tontos.

Não é entusiasmo o que sentimos diante dêsse espetáculo; é consternação pelas infâncias que não se podem expandir, porque, para divertir os adultos, é preciso que sejam furtados os seus momentos mais felizes de despreocupação e alegria.

Não é dificil prever o epílogo emocionante da história dêsses «amadurecidos à fôrça»: a queda na mediocridade.

Lembremos as palavras prudentes e comovidas de Roberto Lyra:

«Não se fale no talento, carecido de estimulo e desenvolvimento. Nada mais contraproducente, para nutri-lo e aproveitá-lo do que a mordaça azinhavrada da indústria, do que a tortura da técnica, afeiçoando a impulsão criadora». E ainda: «A precocidade — e os exemplos dos meninos prodígios aí estão — em regra é um minuto de luz imprevista e anormal, a que sucede a constância da mediocridade, que muitas vêzes resulta do esgotamento.

Atenção, Portuguêses!

"Que homens seriam, então, os portuguêses, e que esforços extraordinários teria feito êsse povo de heróis? Tinha-se visto, porventura, até então, um país de tão limitado poderio desenvolver uma ação tão ampla? Os portuguêses em armas não eram mais de quarenta mil. Todavia, faziam tremer o império marroquino e todos os bárbaros da África, os mamelucos, os árabes e todo o Oriente, desde a ilha de Ormuz até a China". — Guillaume Raynal.

Do artigo "GÔA ERA PORTUGUÊSA ANTES MESMO DE CAMÕES ESCREVER OS LUSÍADAS!"

Publicado em EU SEI TUDO de abril

JÁ À VENDA NOS JORNALEIROS DE TODO O BRASIL

Pedidos à "CIA. EDITORA AMERICANA"

Rua Maranguape, 15 — Rio.



COMO APRENDER A DANÇAR

AGORA EM 3.ª EDIÇÃO

Ampliada, com os últimos passos de Bolero, Swing e Samba, contendo 94 gráficos e 254 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no principio sem companheiro ou companheira.

Método de ritmos modernos pelo Professor Gino Fornaciari, Diretor e professor de "Aulas Práticas de Danças Ritz". Aulas particulares e a domicilio

RUA DA LIBERDADE, 120 — PREÇO CR$ 41,00 — Pedidos pelo Reembolso Postal, com o autor — CAIXA POSTAL, 649 — S. PAULO

O ORIENTE REAGE

(Cont. da pág. 5)

dêsses povos, o que já ocorrera em séculos passados com outros povos do Novo Mundo. Quando o indivíduo humano atinge o seu estado de emancipação física e legal, procura viver a seu modo, independente da tutela paterna. O mesmo se dá com as nações coloniais.

O estimulo que recebem do exterior faculta êsse sonho de independência. Todos vimos o que foi a longa e sangrenta luta da Indonésia. Vivendo sob a tutela do Império Holandês, embora o govêrno dos Países Baixos fôsse muito bom, os indonésios viviam a suspirar pela emancipação e autonomia. Houve luta, mortes e ferimentos de ambos os lados, esforços de Haia para reprimir e vencer os insurretos; mas tudo em vão. A idéia estava amadurecida e os indonésios venceram, proclamando sua independência, hoje reconhecida por várias nações estrangeiras.

A segunda grande guerra trouxe modificações profundas entre os povos do Oriente e as convulsões dessas novas idéias avançam por tôda a imensa região. O antigo mundo oriental está morto. Agora vai surgindo um outro que os brancos do ocidente ainda não compreenderam nem viram.

ESTAMOS 50 ANOS...

Cont. da pág. 21)

com pastiches sem o minimo alicerce interior, insinceros e falsos porque não correspondem à nossa realidade psiquica. Se foi desde os tempos de Debret. Nenhum Picasso, Leger e Braque desprezam o ser humano, se a vida da alma para êles nada representa, que temos nós com isso? Que razão temos nós, artistas de um país jovem, para nos lançarmos na imitação dos esgares de amarguras realmente sentidas, contorsões de autênticas tragédias, criando obras que aprendem apenas o superficial, pelicula tênue sôb a qual nada se esconde a não ser um vazio lamentável?

Todavia, reconheço que já se vai fazendo alguma coisa aqui. Haja vista o nosso último salão. A parte chamada modernista, adendo inexplicável ao velho salão concorrente da fotografia colorida, revelou-se de tendências mais acadêmicas que os próprios acadêmicos. Aos discipulos da arte oficial francesa substituiram-se os discipulos da Escola de Paris. Que discipulos! Brrr! Vimos o espetáculo curoioso de ingênuos tentarem a arte cerebral e espertos ensaiarem a conduta de Rousseau...

ENFIM, PINTURA NO BRASIL

Concluindo a entrevista perguntamos ao pintor C.C. como via a nossa pintura atual:

— A conclusão a que chego sôbre pintura contemporânea no Brasil é que, com a realidade social, ela é hoje o que sempre: movimento coordenador, nenhum sucesso em vista da formação de um ambiente. Apanhadas as coisas de conjunto, vêm apenas personalidades marcantes, individualidades que surgem porque têm de surgir e que se impõem.

Agora, a respeito de nossos bambas, devo dizer honestamente que tivemos no passado o Aleijadinho e Almeida Júnior, como hoje temos Portinari, o maior. Temos também... Mas é bom parar. Paremos aqui. Ir mais longe seria adiantar-me à história que vai dizer quem ficará e cujo julgamento inexorável não faço absolutamente questão de esperar, falou sinceramente o mestre Carlos da Cunha, tão bom crítico de arte e tão bom pintor, que merece proteção oficial para retornar à velha Europa. Bons ventos o levem!

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio



SETE — CONTA DE VERDADEIRO

A partir da esquerda: Geraldo Romualdo, Wolner Camargo, Raul Brunini, Luís Mendes, Isaac Scherman, Galhardo Guayanaz e Fernando Jaques. O sete de ouro esportivo da Globo

A "COPA DO MUNDO" MOVIMENTA UMA EQUIPE

SETE BRASILEIROS NÃO ASSISTIRÃO DE CAMAROTE O DESENROLAR DA MAIOR PROVA DE FUTEBOL DO MUNDO ★ O RÁDIO SEGUINDO AS PÉGADAS DO PROGRESSO VAI AO ENCONTRO DA VONTADE DE SEUS INUMERÁVEIS FÃS ★ VENDO E DESCREVENDO ATRAVÉS DO SEM-FIO, OS MAIS IMPORTANTES "MATCHES" QUE SERÃO DISPUTADOS NO CERTAME FUTEBOLÍSTICO DE 1950!

Reportagem de ARMANDO MIGUEIS

DESDE o período de transição, quando o Mundo iniciava seus primeiros passos, que as atividades desportivas estão ligadas à vida dos povos. Já nessa época o nome de Juvenal corria fronteiras, através daquela célebre frase que, nos dias presentes, serve de lema aos jogos olímpicos. Referimo-nos ao "mens sans in corpore sano". Por isso, não causará espanto aos que acompanham o evoluir do século vinte, o interêsse demonstrado pelas atividades desportivas. Elas, como naquele período que falamos linhas acima, representam extraordinária parcela no desenvolvimento de um povo, sabido que o preparo físico do homem civilizado, constitui elemento essencial à salvaguarda dos interêsses pátrios. Não fôsse, aliás, o estado orgânico e físico do homem atual, inúmeras nações teriam sucumbido na avalanche que desabou sôbre a humanidade, através das ambições desmedidas dos povos totalitários.

Hoje, emprestando-se invulgar importância à prática dos diferentes esportes, é de ver-se com que carinho os próprios homens públicos voltam suas vistas para os diferentes problemas que se acham intimamente ligados a essas atividades, procurando, dentro de bases sólidas, amparar clubes e entidades desportivas. E, justamente, por intermédio destas, foi que nasceu a idéia da realização da "Copa do Mundo" em nossa Capital, levando a municipalidade à construção de um monumental estádio onde, dentro de alguns meses, serão travadas as mais sérias partidas futebolísticas, das quais participarão países amigos.

Com essa realização, o rádio começou a preparar seus elementos, a fim de que seus milhares de ouvintes possam ouvir, de poltrona ou "chaise longue", tudo quanto venha a se desenrolar nos antigos terrenos do Derby Club. Nesse páreo a Rádio Globo, cujo departamento esportivo é dos mais completos, estará valentemente representada, uma vez que dispõe de gente capaz e eficiente, basta relembrarmos suas transmissões por ocasião dos Jogos Olímpicos, levados a efeito em Londres.

Nada menos de sete figurões estarão de microfone em punho no Estádio Municipal. São rapazes que se dedicaram de corpo e alma às transmissões desportivas e que, de há muito, vêm informando com precisão todos aquêles que sintonizam o prefixo PRE-3. Dispondo de vastíssimos conhecimentos, possuindo longa e experimentada prática na arte de dizer ao microfone e fugindo a qualquer partidarismo, êsses radialistas patrícios firmaram-se no conceito dos senfilistas brasileiros que, em maioria, não lhes negam o preço de sua confiança e admiração.

Mas, quem são êsses rapazes?

Calma. Chegaremos lá.

O primeiro, ora à testa da equipe desportiva da emissora dos 1.180 quilociclos, veio lá das coxilhas gaúchas. Iniciou-se na apresentação de programas variados, conquistando, nesse gênero, regular público. Mais tarde, levado pelo desejo de expandir sua própria vocação, viu-se, uma



Luís Mendes, que está transmitindo da Europa os jogos eliminatórios da Copa do Mundo, a realizar-se no Brasil



AS DESPEDIDAS

Luís Mendes e Geraldo Romualdo ladeadas por Isaac Scherman e Galhardo Guayanaz, quando os dois primeiros faziam suas despedidas aos ouvintes, em vésperas de embarcar para Lisboa, onde agora se encontram



SETE RAPAZES... E UMA GAROTA

Joan Durelle, Miss Canadá, é fã da equipe desportiva da PRE-3 e quase passou a fazer parte dela para transmitir a Copa do Mundo. Mas ficou sendo a madrinha da turma, e comparece ao microfone com prazer



BATE-PAPO ESPORTIVO

As Resenhas Esportivas da Rádio Globo fizeram-se popularíssimas em tôda a cidade. Aqui estão os seus animadores: — Brunini, Luís Mendes, Jonas Barret, Geraldo Romualdo e Wolner Camargo, em um amável «bate-papo»

tarde, colocado frente ao microfone PRE-
fim de dar suas impressões sôbre uma par
do campeonato carioca de futebol. Por sinal
nessa primeira experiência, levou a direção
Rádio Globo a olhar com absoluta simpatia,
aproveitamento na equipe comandada por
rival Paz.

Foi assim, meus amigos, que o gaúcho
Mendes chegou às transmissões futebolísticas,
rebatando tôda uma multidão para suas irra
ções. Chegou mesmo a despertar a cobiça de
poderosa emissora, que lhe ofereceu aprec
proposta. Luís Mendes refutou-a, permanece
firme na onda E-3, onde tem tido as maio
chances possíveis. Viajou por terras estran
irradiou as mais variadas partidas, comento
atuação de inúmeros craques da pelota e, nos
presentes, é o narrador das principais pugnas
ridas em qualquer parte do território nacio
ou mesmo estrangeiro. Tanto assim, que, no
mento, êle se encontra na Europa, a fim de
crever para os rádio-escutas da Globo, as pel
a serem feridas entre Espanha e Portugal e
glaterra versus Escócia.

Ao lado de Luís Mendes, encontra-se o paul
Wolner Camargo. Narrador consciente, repór
e comentarista de fibra, sua palavra é ouv
com aprêço pelos que se deixam empolgar p
chamado "esporte das multidões". E' com
quando da realização de grandes jogos, ouvi
Wolner Camargo a desdobrar-se em atividade p
bem informar aos sintonizadores da PRE-3. Al
isso tem sido um dos principais fatôres da p
jeção do exclusivo da Globo que, embora n
nas atividades radiofônicas, tem seu nome p
nunciado por milhares de bôcas. Também já
cobiçado por outro prefixo, preferindo, por
continuar na equipe desportiva de Luís Mend
Wolner, quando da realização da "Copa
Mundo", contribuirá com seus esforços para
a estação a que pertence, mantenha sua per
mance.

Raul Brunini é outra figura de prôa dêsse te
de narradores e comentaristas. Locutor exp
mentado, não conhecendo mistérios para le
a bom têrmo suas funções, êle entrará no pá
dos ativos informadores do público-ouvinte, c
a sua palavra fluente. E' mesmo, diga-se a v
dade, um dos repórteres que não poderiam fi
à margem dos grandes acontecimentos desp
tivos da cidade, do Brasil e do Mundo. Deixá
na grade, seria relegar a plano secundário,
dos valores do "broadcasting" nacional que at
vés de atuações marcantes, se impôs a quan
possuem um aparelho receptor e acompanh
o desenrolar das atividades radiofônicas carioc
Assim, formando na homogênea equipe desp
tiva da Globo, êle, mais uma vez, irá mostrar s
qualidades.

Agora, temos o mineiro Geraldo Romual
Nome sobejamente conhecido dos fãs do esp
bretão, êsse componente da turma da PRE-3,
em terras do continente europeu, não é nov
na profissão. Dando duro na banca de jor
mostrou-se um excelente comentarista radiofôn
e não inferior repórter. Diàriamente, como sab
os sintonizadores da Globo, Geraldo traz sem
a "última" que, por sinal, é a primeira a che
ao conhecimento do ouvinte. Imparcial e ju
nos seus comentários, não perdoa os que err
nem deixa sem elogio os que o merecem. Sua c
tribuição à divulgação dos fatos relacionados c
o desporto é, sobremodo, valiosíssima.

Mas, não pára aí a equipe desportiva da Gl
Outro nome de primeira linha é Fernando
ques. Treinado nos mistérios da radiofonia,
be-lhe, quando da realização dos jogos olímpi
trazer o público brasileiro bem informado a
peito da participação de nossos patrícios
quele certame. Componente dessa família
diàriamente, leva a todos os lares brasileiros
notícias e informações sôbre o que se passa
campo desportivo, Fernando Jacques, pelo
completo tirocínio e pela prática adquirida
transmissões em que tem tomado parte, é o
figura que terá o encargo de trabalhar par
completo êxito da iniciativa que a PRE-3 le
a têrmo no decorrer dêste ano.

O carioca Isaac Scherman é, por sua ve
esmiuçador dos acontecimentos principais qu
relacionam com o futebol. Cabe-lhe devassar
binetes, ouvir gente importante, colhêr dados
ciosos, descobrir novidades e trazer ao con
mento dos ouvintes, tim-tim por tim-tim do
se passa nos bastidores. Missão das mais
nhosas, nem por isso êle foge à tarefa. E' de
sorridente, nos seus cem quilos, quando desc
algo capaz de despertar o interêsse público.
isso, muito se espera de Isaac Scherman, qu
do início e concentração dos disputadore
"Copa do Mundo".

Finalmente, Galhardo Guayanaz. Locutor of
do Jóquei Clube de Petrópolis, conhecedor
tôdas as "barbadas" e feroz para descobrir
landragens e "tribofes", êsse integrante da eq
desportiva da Rádio Globo, também empresta
indispensável colaboração ao melhor desen
da programação esportiva que a emissora
1.180 quilociclos põe no ar, todos os dias.



A TURMA QUE TRABALHA

Podem os ouvintes pensar que os comentaristas esportivos de rádio passam uma vida de privilegiados — e passam, às vêzes. Por fôrça do trabalho têm que correr mundo. Agora mesmo, dois repórteres da Rádio Globo estão na Europa, transmitindo os jogos de maior sensação. Mas para o noticiário, cada qual tem de escrever ou fornecer apontamentos

bora ligado ao turfe, nem por isso Galhardo Guayanaz deixa de conhecer os mistérios e segredos do esporte bretão. Êle, como seus demais companheiros, não assistirão de camarote os jogos da "Copa do Mundo", uma vez que terá de dar duro para trazer o público a par de tudo quanto ocorrer nas dependências do Estádio Municipal. Auxiliando a cobertura dêsses jogos, o homem dos cavalinhos revelará aos ouvintes, não ser nenhum neófito na arte de bem informar.

E' com essa gente, meus amigos, que inclui um gaúcho, três paulistas, um mineiro, um paraense e um carioca, que a Rádio Globo comparecerá às solenidades da "Copa do Mundo". E, é com essa mesma turma que, diàriamente, através do seu microfone, os rádio-ouvintes ficam conhecendo tudo quanto ocorre no campo das atividades desportivas do Mundo.



TERIA LANCE ENCONTRADO OUTRA JOVEM E DESPREZADO MARION?

















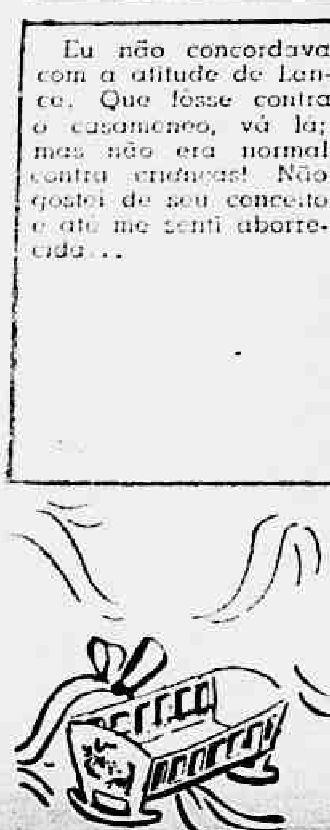
Eu não concordava com a atitude de Lance. Que fôsse contra o casamento, vá lá; mas não era normal contra crianças! Não gostei de seu conceito e até me senti aborrecida...











MARION NÃO QUER CASAR

TUDO ISTO ACONTECEU

BATUTA EM MÃOS INFANTIS

MAL saíamos da estupefação da arte de reger sinfônicas de Gianella de Marco, e eis que nos chegam notícias ainda mais sensacionais acêrca de meninos prodígios que fazem o mesmo, com o maior desembaraço.

No corrente mês de abril chegará ao Rio,



em "tournée" pela América do Sul, o pequeno regente italiano Ferrucio Bruno, que tem apenas dez anos de idade, mas que já se tem exibido perante várias platéias, regendo orquestras desde os quatro anos de idade. Sim, leitor, Bruno com quatro anos de idade já regia!

Ao contrário de Gianella, Ferrucio conhece música como gente grande, toca vários instrumentos, inclusive piano e já regeu mais de oitenta concertos no "Metropolitan House", na Opera Comique de Paris, Carnegie Hall, Teatro da Ópera de Roma, Scala de Milão e vários outros estabelecimentos da mais elevada estirpe.

O pequeno batuta estreará no Rio, regendo um conjunto de oitenta professôres, na interpretação de Beethoven, Mozart, Liszt, Wagner e Carlos Gomes.

Pelo que registramos neste tópico, ser regente de orquestras das mais famosas e completas não é tão difícil. Êsse raciocínio se justifica, pois não se pode compreender que uma criança de quatro anos tenha capacidade de empunhar uma batuta e dirigir professôres...

Seja como fôr, o sucesso de Gianella de Marco vai ser reproduzido em nosso Município por uma outra criança e agora um menino, para mostrar que os direitos entre os dois sexos continuam equilibrados.

E quando as mulheres quiserem provar que elas são dotadas de inteligência citando Gianella, operemos Ferrucio Bruno, o inimitável maestrino desde os 4 anos...

UMA RAINHA DIFERENTE

NÃO há quem não simpatize com a rainha Elisabeth da Inglaterra, não a famosa inimiga de Maria Stuart, mas a atual. E' uma criatura simpática, de feições bonissimas, de olhar misericordioso, no qual vemos sempre a expressão de cortesia e bondade para todos a quem se dirige.

Os jornais cinematográficos nos trouxeram a visão da rainha em recepções, em aberturas do Parlamento Britânico, em festas intimas, em quermesses de benefícios, em visitas a mutilados da guerra, e todos vemos que a rainha da Inglaterra é um espírito dotado de qualidades peregrinas, incomuns entre personagens de sua estirpe e condições sociais.

O episódio que acaba de verificar-se entre ela e a espôsa do Presidente da França, quando de sua recente visita a Londres a 7 de março último, dá uma prova da simplicidade de Elisabeth.

Durante a recepção realizada no Palácio de Buckingham, no dia referido, após o jantar oferecido pelo rei ao presidente Vincent Auriol, formaram-se muitos grupos mantendo cordial palestra. Assim viram-se políticos inglêses como Bevin, Attlee, etc., a palestrar animadamente com Robert Schuman e, na mesma roda, Auriol com o rei, num outro lugar do imenso salão, trocavam idéias a rainha com a espôsa do presidente da República Francesa.

Entre os homens e chefes de Estado, naturalmente a conversa em tôrno da política em geral, os problemas nacionais e as complicações internacionais. A rainha, entretanto, dirigiu a Mme. Auriol várias perguntas sôbre aspectos da vida de Paris, sendo uma delas esta: "Achais que elas se manterão?". A espôsa do Presidente respondeu imediatamente: "Espero que não, Majestade". E a rainha insistiu: "Pensais que elas serão aumentadas?". Só então a francesa percebeu que a rainha falava das roupas femininas e não das greves de Paris...

MOTIVO DE DIVÓRCIO



HÁ divórcios que são decretados pelos tribunais nos Estados Unidos e que se caracterizam por motivos curiosos e até desopilantes. Não é difícil vermos uma espôsa requerer divórcio pelo fato de o marido roncar quando dorme; outros casais se separam legalmente alegando motivos de flagrante futilidade. Entretanto o episódio que se passou entre John Villasenior e o casal Joseph Hernandez é o maior dêstes últimos anos.

Eis em resumo o que aconteceu em Chicago: Hernandez vivia muito feliz com sua Lucille. Mas sucedeu que entre ambos havia a figura do amigo John Villasenior para atrapalhar e prejudicar a harmonia doméstica.

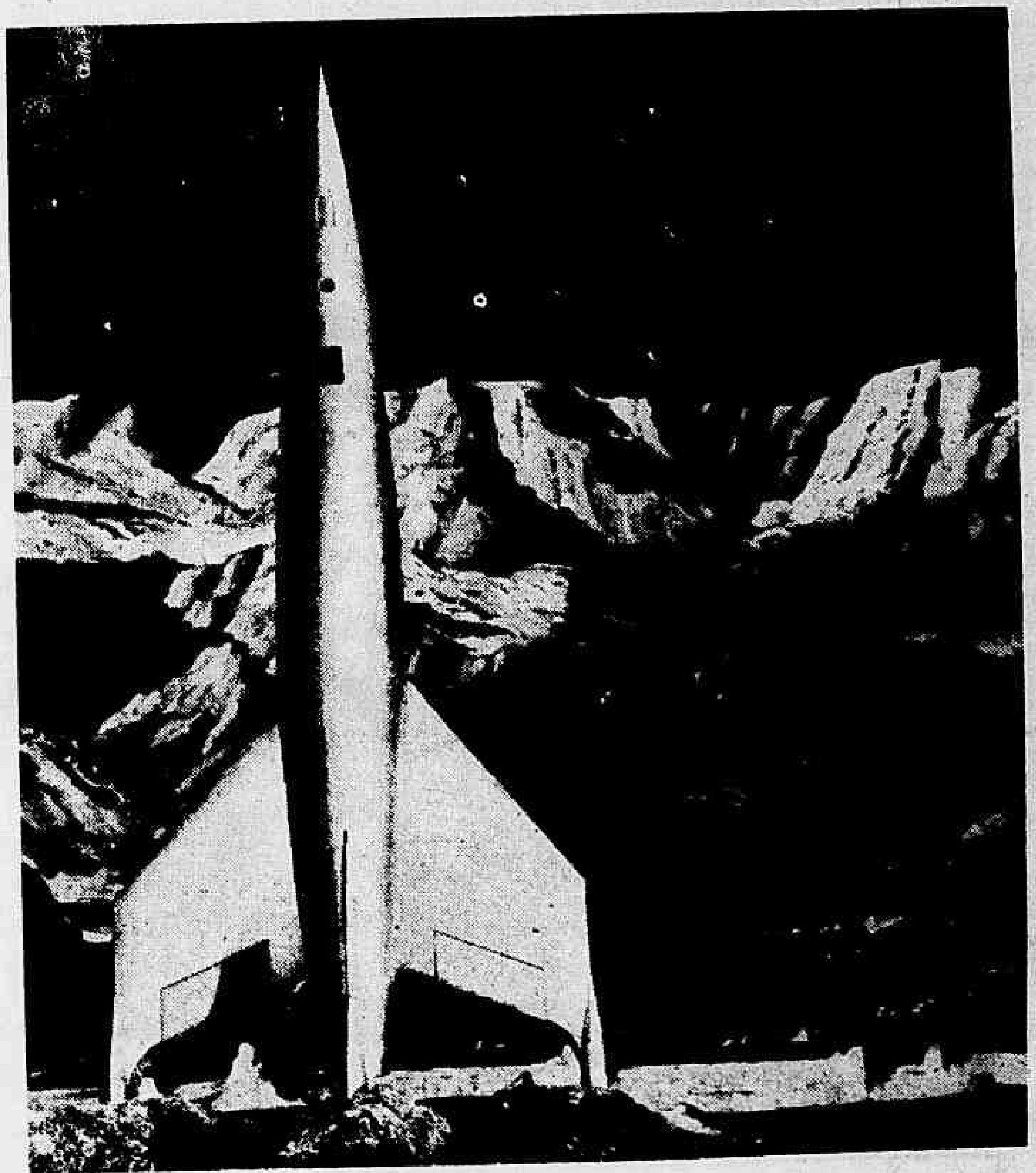
Nunca se provou que Lucille gostasse mais de um do que do outro, uma vez que sempre pautara seus atos com absoluta correção. Se, por vêzes, se mostrava atenciosa com John era porque se tratava de amigo íntimo do marido e ela estava fazendo as honras da casa, recebendo-o bem.

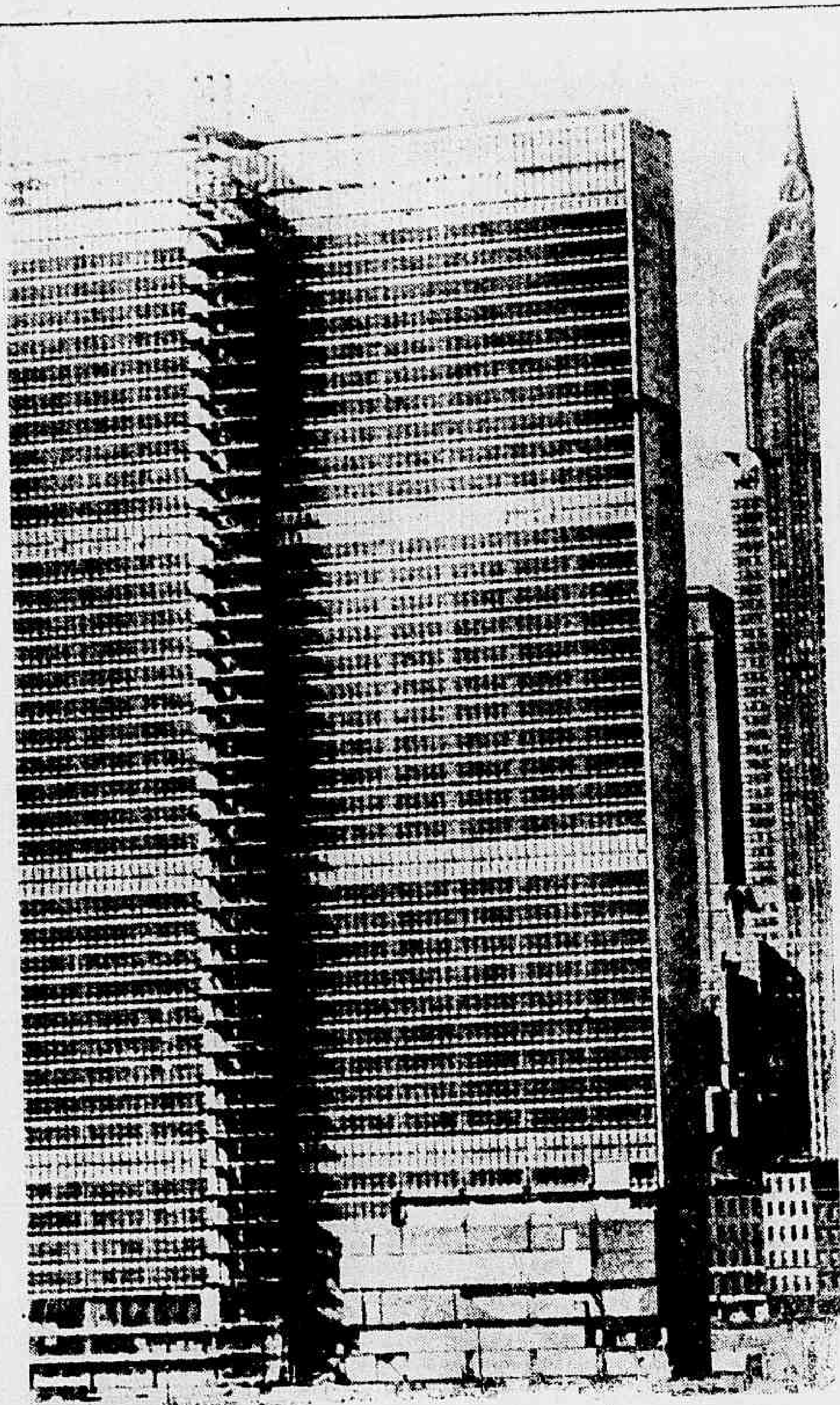
Infelizmente, certo dia, o espôso que já andava vendo coisas, achou um sapato de homem que não era seu, em sua alcova nupcial. Como era natural, interpelou a companheira. Mas esta não sabia a que atribuir o fenômeno.

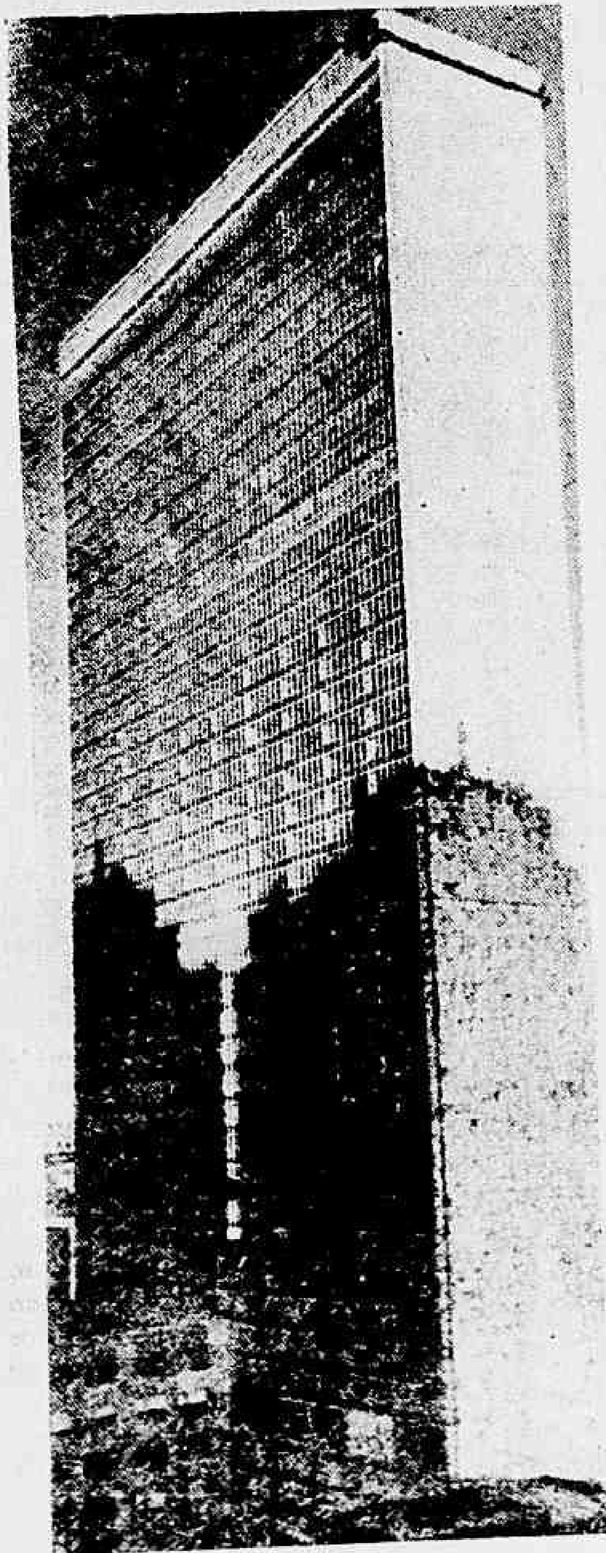
Hernandez apurou que o sapato era do amigo Villasenior e apresentou seu pedido de divórcio. O juiz estudou a causa e pediu que o acusado viesse experimentar o sapato. Uma espécie de conto da Gata Borralheira que, na sua fuga, também perdera o sapatinho denunciador. A única diferença é que o dela serviu para um casamento feliz, e o de John serviu para desfazer outro. O acusado, para livrar-se da prova, calçou uma meia de lã grossa; mas o juiz, que não era sopa, mandou que êle deixasse a lã e calçasse o sapato com meia mais fina. E foi batata!



CINEMA NO MUNDO DA LUA Aqui estão dois flagrantes do filme científico "Destination Moon", recentemente concluído em Hollywood, baseado em informações "exatas" dos estudiosos da matéria. Ao alto, uma cena em pleno solo lunar, quando ali desembarcam três habitantes da Terra (que se vê ao alto, admitindo ser assim distinguida pelos habitantes da Lua), vestindo roupas apropriadas para resistirem às alterações das leis de gravidade. E em baixo, a reprodução do aparelho em o qual aquêles viajantes teriam atingido o mundo da lua. O filme foi produzido por George Pal, transcorrendo quase por completo naquele planeta. Muitos aspectos dessa película foram obtidos a poder de possantes telescópios e depois reconstituídos em estúdio, garantindo o produtor que na realidade, dentro dos informes científicos mais completos ainda existentes, a Lua só pode ser assim mesmo. Habitada? Deserta de sêres vivos? E' o que o filme não chega a explicar. Os panoramas são impressionantes, dizem aquêles que já assistiram a "Destination Moon", cujas exibições pròximamente aqui chegarão.

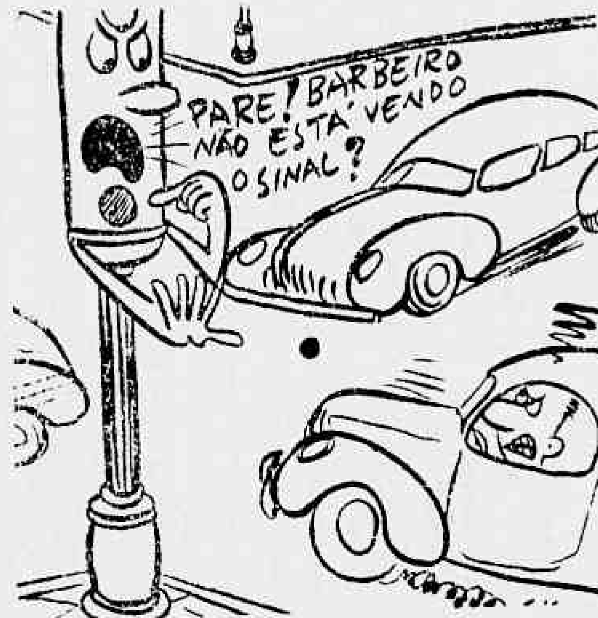






A TORRE DA PAZ

TEM a arquitetura brasileira motivo de justo orgulho com a sua representação nos Estados Unidos. A sede da ONU, projetada e erguida por um brasileiro de nome ilustre — Oscar Niemeyer — é de fato uma obra ciclópica e agora que sua construção chega ao ponto final, as revistas norte-americanas enchem-se de ilustrações fascinantes enaltecendo o valor do arquiteto patrício. Já foi êsse gigante de ferro e cimento denominado, com muito acêrto, "A tôrre da paz", porque ali dentro espera-se seja radicada a paz para o mundo e oxalá o título não venha a ser desmentido. Está situado em New York City, em plena Manhattan — East Side. Ocupa uma área de terreno enorme, terá nada menos de trinta e nove dependências nas lojas inferiores e um total de 5.400 janelas semelhantes às do edifício da ABI aqui no Rio, tão invejado pelos yankees. De linhas simples e bem modernas, edificado de acôrdo com as conveniências de temperatura, resguardando de sombra mesmo na hora do sol a pino aquêles que lá dentro tiverem de trabalhar, é sem dúvida um monumento de arte arquitetônica moderna, imponente, respeitável, nivelando-se aos mais espetaculares "arranha-céus" da metrópole norte-americana.



POSTES QUE FALAM

O progresso mecânico do mundo é vertiginoso. Embora ainda não estejamos na era da energia atômica ou da cósmica, muita coisa se está fazendo para dar aos homens o maior confôrto, a maior segurança, bem-estar e felicidade em geral.

Desde o aparelho de barbear sem sabão, sem pincel, sem água, sem espuma, sem lâmina, sem coisa alguma, até a máquina de escrever que "fala" corrigindo erros de dactilografia, há uma série enorme de inventos que dão ao mundo [...] idéia geral de seu progresso e civiliz[...] Na aviação, nem se fala. Os grandes av[...] a jacto para passageiros têm o que [...] pode imaginar de confôrto, a par de [...] dez de som. E' uma alucinação geral [...] bre o tempo e o espaço a martirizar o [...] rebro humano que não descansa em [...] pesquisas e invenções espantosas. [...] tudo isso foi que surgiu agora em [...] cusa, Estado de Nova York, nos Esta[...] Unidos, uma nova criação humana d[...] nada aos serviços do tráfego urbano [...] cidades movimentadas.

O aparelho automático se chama "T[...] my", que, em linguagem familiar n[...] americana, quer dizer "Tomazinho". [...] êsse tomazinho não é mais do que [...] poste de sinalização em lugares de gra[...] tráfego de veículos e pedestres. E e[...] conselhos em bom português — quere[...] dizer, em bom inglês, de 40 em 40 [...] gundos. Quando um cidadão atravess[...] pé ou montado em seu automóvel, ouv[...] vez de "Tommy" a dizer-lhe: "Goz[...] espetáculo, mas não se faça de palha[...] Se o cidadão não acha muito urbano [...] conselho, fica com a cara amarrada ou [...] o mesmo "Tommy" torna a dizer: "[...] provar o gôsto do asfalto". O poste [...] balha à base de princípio eletrônic[...] "fala" tôda vez que muda o sinal. Se [...] até ao Rio, temos que mudar o têrmo "[...]lhaço" por "barbeiro"...

★

ESTA sucedeu na Itália, na cidade de Turim, transmitida pelo telégrafo pela U.P. (United Press) a 12 de março. Aldo Villa sempre achou que os aviões não eram o ideal para o homem transportar-se, pelos ares, de uma cidade a outra, de país a país, de continente a continente. O certo, o verdadeiro triunfo seria um par de asas possantes nas costas do "homem-voador". E passou quatro anos em estudos e experiências de laboratório, procurando descobrir a resistência do ar nas futuras asas de um homem corajoso e audaz como êle, a possibilidade de voar vertical ou horizontalmente e por aí fora. No dia 10 de março uma sexta-feira, dia, portanto, impróprio para tais tentativas arriscadas, eis o nosso Aldo Villa a preparar suas asas para um salto espetacular e um vôo ainda mais impressionante. A estréia seria sôbre uma plataforma de quarenta metros de altura, de onde êle bateria as asas fazendo inveja a todos os seus semelhantes que ficavam a vegetar na face da terra. Êle voaria às nuvens, desafiaria aviões, águias e condores, como um pássaro gigantesco e pacífico, um homem-pássaro, o primeiro a dominar os céus com suas asas mecânicas. E, diante da incredulidade de uns e da estupefação de outros, Aldo Villa fêz carreira na plataforma e se lançou no espaço... Voou, na verdade, como um passarinho e voltou ao solo em perfeitas condições. Sucede, entretanto, que Aldo é ambicioso e não se deu por satisfeito com êsse triunfo inegável: voltou à plataforma e... lá se [...] êle! Infelizmente desta vez as asas [...] funcionaram bem e o "homem-voador" [...] à terra com todo o corpo. O engenho [...] desmantelou e Aldo quebrou uma pe[...] E as asas também...

QUEBROU UMA PERNA



★



RECORD CINEMATOGRÁFICO

NÃO nos referimos a sucessos de bilheteria, nem a metragem de filmes do tipo de "...E o vento levou". O recorde a que nos reportamos é outro e muito mais curioso em matéria de arte e representação. Todo mundo sabe que há no teatro, especialmente no cinema, vários casos de crianças prodígios, de meninos e meninas que são "astros" e "estrêlas" em tenra idade e ganham fortunas ao mesmo tempo que enriquecem os seus em[...]sários.

Mas êsse caso de Jeanine Caruso, [...] apenas dois anos de idade, é o maior [...] todo êste mundo ciclotrônico. Filmaram [...] película denominada "Mme. Bovary" e [...] cisaram de uma criança de dois anos [...] interpretar o papel de filha dessa p[...]nagem romântica criação de Gustave F[...]bert há quase um século. Mas não [...]tava ser criança de tão tenra idade: [...] indispensável que a "estrelinha" tiv[...] qualidades para interpretar o papel [...] gente grande e cuja performance não [...]prometesse o filme.

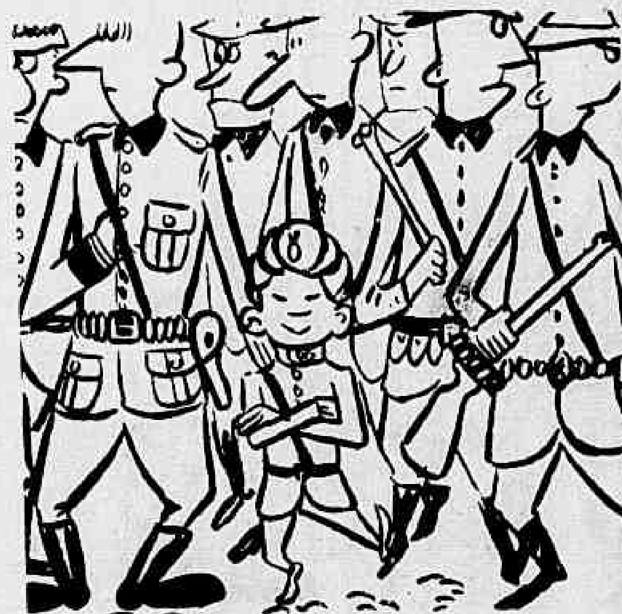
Então descobriram essa genialís[...] criança de duas primaveras chamada [...]nine Caruso, cujo talento artístico é [...]tivamente fenomenal e só se explica [...] estarmos na época dos milagres ele[...]cos, superssônicos e outras coisas a[...]brosas. Para figurar como artista no [...] teve a criança que inscrever-se no se[...] contra o desemprêgo e pagou ainda [...] posto de renda sôbre seus salários [...] cinema que atingiram mil trezentos e [...]renta dólares em três meses de trab[...] ou sejam uns 25 mil cruzeiros em [...] moeda. Caruso, ao que parece, é [...] que dá sorte. Mas o povo ainda não [...]rou nisso e continua a usar Silvas, So[...] Oliveiras, em lugar de apelar para [...] nome, índice de abastanças...



SUICIDA CABOTINO

O desemprêgo também aflige a população de Roma. E lá, como em qualquer parte do planeta sofredor que habitamos, quando um cidadão se desilude de encontrar trabalho honesto e remunerador e vê a família na miséria e os filhos com fome, recorre a êste último recurso: mata-se. Mas o recente episódio verificado em Roma se revestiu de aspectos mais excêntricos e até agora inéditos. Um cidadão romano estava desempregado e passando privações sérias. Andou, virou, mexeu e nada encontrou para consertar-lhe a vida torta. Então, desesperado, decidiu acabar com a vida amarga. Mas, em lugar de tomar veneno ou dar um pulo da rocha Tarpeia; afogar-se nas águas turvas do Tibre ou encerrar-se, por esporte fatal, numa caixa de vidro diante do povo assombrado, o herói escolheu êste meio para morrer: arranjou uma corda, deu o laço fatídico, subiu ao pináculo da cúpula da Basílica de S. Pedro e, metendo a cabeça no laço, despencou lá de cima! Mas, segundo dizem os crentes na fatalidade, só se morre no dia, pois ninguém é porco para morrer na véspera, e o infeliz desempregado ficou a cinquenta metros do solo, oscilando no espaço, sem pôr a língua de fora. Ou melhor, pôs a língua de fora, mas para gritar por socorro! Depois de muito trabalho as autoridades do Vaticano conseguiram tirá-lo daquela incômoda situação, entregando-o à polícia do país para os devidos fins e registros. Perguntaram-lhe por que motivo desejou matar-se e o quase-suicida explicou que estava desempregado; por isso queria morrer, mas o nó corrediço não correu, enguiçou e êle teve mêdo e pôs a bôca no mundo... Quanto ao programa do suicídio, escolhera aquêle porque queria morrer da forma mais sensacional possível!

O SUSTO DO PRINCIPE



As coisas lá pelo Viet-Nam continuam pretas. Por êsse motivo o imperador Bao-Dai mantém sua espôsa e o filho na França. Êle estuda na Escola "Des Roches", em Maslacq, a 25 quilômetros da cidade de Pau. Ela, a espôsa, porém, permanece em Cannes, enquanto o imperador está no Viet-Nam, na Indochina.

Mas os inimigos de Bao-Dai não dormem e organizaram um plano para raptar-lhe o filho de quatorze anos que estuda na França. No entanto a polícia francesa já estava informada dêsse assalto e tomara as necessárias providências. Os assaltantes vieram de Cannes; mas, vendo que a emprêsa não estava fácil, desistiram do atentado. Até agora não se sabe qual o objetivo dos "gangsters" que iam raptar o príncipe; mas, de acôrdo com as perspectivas e aparências, certamente êles queriam forçar o rei da Indochina a pagar bom resgate pela prêsa.

A polícia de Pau redobrou de vigilância e agora mantém o educandário em permanente cêrco, revistando todos os autos que passam e exigindo que os seus condutores e passageiros apresentem suas identidades. Como não poderia deixar de ser, foi aberto rigoroso inquérito, mas nada foi revelado, já correndo, porém, por tôda a região que o príncipe foi levado para outro lugar mais seguro, sob volumosa escolta.

Apesar de estarmos em metade do século XX, ainda se vêem casos curiosos próprios das intrigas entre soberanos, lords e malfeitores do século XVI... Êsse caso do rapto do príncipe filho de Bao-Dai oferece material para um dêsses folhetins bem ilustrados, com os lances de sentimentalismo entre os pais ausentes entre si e longe do filho, tudo em meio de guerras e agitações extremistas...

JANUS BOVINO

A ignorância do povo leva, por vêzes, a cometer-se desatino que nos priva de possuirmos exemplares únicos no mundo, capazes de atrair para o país as atenções de cientistas e homens de cultura. Êste caso verificado no município catarinense de Rio do Sul, é um dêsses que revoltam. Como todos sabemos, sòmente nos museus e laboratórios, metidos em álcool ou empalhados há frutos teratológicos que a natureza nos oferece gratuitamente.

Animais quadrúpedes com seis pernas; porcos que nascem com rosto aparentemente humano; cabritos sem pernas, cavalos portadores de dois sexos, etc., não conseguem sobreviver, morrendo imediatamente ao vir à luz do dia ou das estrêlas. São distorções da natureza que se afasta de seus traçados normais e nos apresenta mostrengos de arrepiar cabelo. Mas, para os cientistas, os estudiosos dêses fenômenos, tudo isso tem utilidade. Lamentam apenas, êsses sábios, que tais espécimes não se criem, tornando-se adultos, para maiores possibilidades de estudos.

Pois agora sucedeu êste milagre: nasceu naquele município de Santa Catarina um bezerro com duas cabeças, perfeitamente separadas uma da outra, cada qual com seu pescoço e suas vértebras cervicais. A confluência se dava no tórax, o que permitia que cada cabeça pudesse ter sua sentença... O animalzinho em tudo o mais perfeitamente normal, nasceu vivo, pegava as têtas maternas por ambas as bôcas, alimentava-se como se nada de mais o marcasse. Com certeza cresceria. Tinha tôdas as faculdades de sua raça perfeitamente equilibradas. Pois bem: a ignorância, a superstição, a estupidez foram tão fortes junto ao fazendeiro dono do animal, que êle resolveu matá-lo! Privou-se o Brasil de poder expor o único exemplo no mundo!





ONDE A ENTRADA NÃO E' LIVRE

As residências dos nativos do Sudão anglo-egípcio não têm portas nem janelas. Com certeza a temperatura, no interior das mesmas, deve ser permanentemente agradável e amena, porque do contrário seus habitantes já teriam adotado providências de ventilação. As tocas dos nativos sudaneses têm, apenas, uma abertura para a passagem dos moradores, como se vê na gravura à esquerda, dificultando o ingresso de pessoas estranhas. Não é preciso um letreiro com essa advertência: os nativos dispensam a alfabetização e tomam providências mais sérias para evitar a invasão das tribos adversárias em seus domínios. Cada qual se defende como pode e quer... — Mas se não é muito fácil penetrar num lar sudanês, mais difícil resulta ainda sair dêle. Vejam, na gravura à direita, os apuros de um cidadão para voltar ao ar livre. O orifício é muito menor que o de entrada. No entanto essa gente é de estrutura fora do comum, de físicos robustos, que deveriam impor maior espaço para entrar e sair de casa. Mas os aborígenes contentam-se com essa praxe, respeitada sem a menor violação. E quando um dêles, recentemente, teve ocasião de visitar uma cidade civilizada, espantou-se com as portas e janelas que nós usamos, indagando, pela voz de um intérprete: — "Como podem vocês viver num lugar assim, sujeitos a um inesperado ataque dos inimigos?". Pobres, ingênuos sudaneses! Êles ignoram que os homens civilizados atacam com outros processos, e quando fazem suas investidas não adianta ter as portas e janelas fechadas ou abertas. Arrasam tudo do alto...

OS DEMOCRATAS-CRISTÃOS E AS ELEIÇÕES

PROCURANDO se situar dentro o mais possível dos ensinamentos sociais e políticos da Igreja, o Partido Democrata-Cristão, assim como os outros, se prepara para o próximo pleito, para o qual conta com o apoio de uma boa parte do eleitorado católico brasileiro. Contra os extremismos de ambos os lados, seja o comunismo ou o integralismo, os democratas-cristãos brandem as armas de combate à miséria sem revoluções político-econômicas, pensamento da ampla maioria do povo brasileiro, especialmente dos que seguem os preceitos sociais da Igreja. Assim se apresenta o PDC, conforme veremos no próximo número, em prosseguimento à série de reportagens que vimos publicando sôbre os quadros políticos brasileiros — a organização, o programa, o funcionamento, a representação, enfim, a vida de cada um dos partidos políticos do Brasil. Com mais essa, estará se aproximando do fim a nossa série de reportagens dessa finalidade, através das quais já mostramos, amplamente, aos nossos leitores o PSD, a UDN, o PTB, o PR, o PSP, o PS, o POT e o PST. Trata-se, como as demais, de uma reportagem de Carlos Duarte. Embora não seja esta revista um órgão político, nem tenho tomado partido por essa ou aquela agremiação eleitoral, o momento atual brasileiro nos inspirou esta série de reportagens dentro dos próprios bastidores dos partidos políticos nacionais. Como têm visto os nossos leitores, procuramos focalizar a constituição, a história, o desenvolvimento dos Partidos Políticos do Brasil com a maior sinceridade, narrando fatos e divulgando os seus programas de luta eleitoral, que é o sangue a girar nas veias dos regimes democráticos. E o PDC, partido de âmbito nacional, pelo seu programa baseado nos postulados cristãos, aparecendo em nossas páginas na próxima semana, vem ocupar seu lugar de destaque nesta série de divulgação pública em tôrno das nossas organizações políticas, e, estamos certos, essa próxima reportagem vai atrair as atenções de todos: políticos e não-políticos, homem e mulheres, mesmo os mais indiferentes a partidarismos.

NESTE NÚMER[O]

REPORTAGENS

O Oriente reage (H. C. Bresson) ....
Bibi fêz revista aos três anos (Sabino Canalini) .
Estamos 50 anos atrasados em artes plásticas (Armando Pacheco) ....
No antigo curral D'El Rei (Yolanda Carneiro Ribeiro Lorenzato) ....

ATUALIDADES

Monumento a Caxias em São Paulo(Celestino Silveira)
Lincoln, uma cidade de contradições (Donald Mc Row) ....
A Copa do Mundo movimenta uma equipe (Armando Migueis) ....
Montparnasse e o Bairro Latino (Carlos Cunha) ...

LITERATURA

O monarca das coxilhas (Tereza de Almeida) ...
Semana Literária (Edmundo Lys) 1
Uma sombra no pátio (Aluízio Furtado de Mendonça)
O Louco (Romeu M. Cabral) ....

HUMORISMO

A semana em caricatura (Théo) ....
Pirâmides da existência (Nicodemus) ....
Bom-Humor ....

CINEMA

O prestigio da criança no cinema ....

TEATRO

As árvores morrem de pé . 2

SECÕES PERMANENTES

A semana em revista ....
Personagem da semana ..
Puxe pelo cérebro ....
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) ....
Música (Roberto Lyra ...
Correio da revista ....
Tudo isso aconteceu 5

FEMININAS
Falando de feias (Lyse) ..
Bailes de Aleluia ....
Chapéus para o Outono ..
Desfile de Páscoa ....
Para tôdas as horas ....
Sugestões de Micheline Presle ....
Week-End na Cozinha 4
Blusas originais ....

FOLHETIM

Marion não quer casar ....

FOTOS

Arnaldo Vieira
Bruno Roberio
M. Costa
I. N. S.
Avulsas

ILUSTRAÇÃO

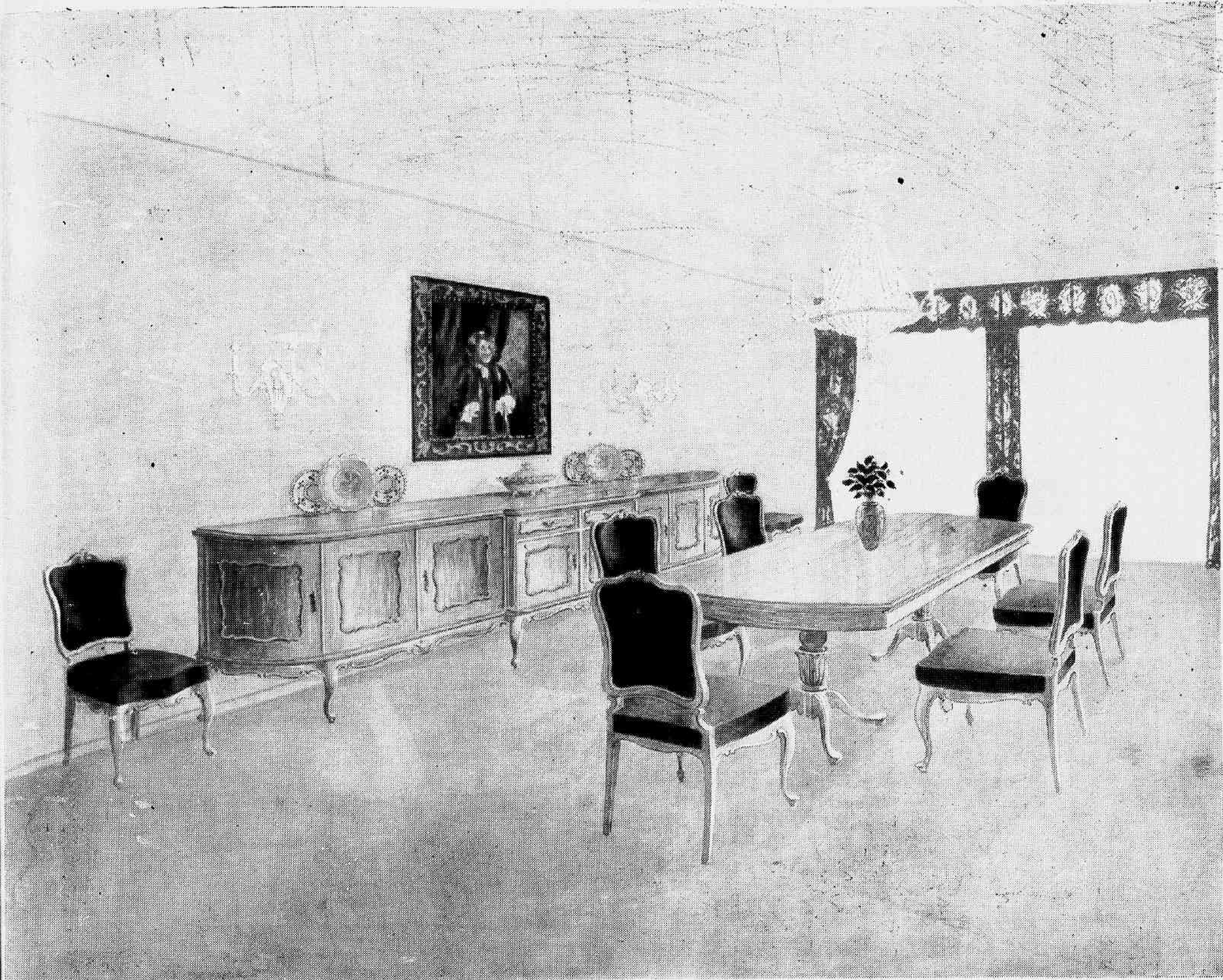
Jerônimo Ribeiro

NOSSA CAPA
Pat Hall
(Universal-International)

Puxe pelo cérebro

RESPOSTAS DO TESTE

1 — Vênus (quando surge pela manhã).
2 — Quatro (Solimões, Tunguá, Maranhão e Amazonas).
3 — Cristão novo.
4 — Núcleo central da terra.
5 — Charles Dickens.
6 — Corinto.
7 — Por ter a conformação da fôlha de amoreira.
8 — Tsar (som de c).
9 — 1616.
10 — Expondo a imagem de S. Antônio.
11 — Sergipe.
12 — Espécie de impôsto de transmissão.
13 — Fabricação de fogos de artifício.
14 — Imita o próprio nome.
15 — Passeio Público.
16 — Rafael Sanzio.
17 — Bujarronas.
18 — Lesseps (Ferdinand-Marie Visconde de Lesseps).
19 — Leucócitos.
20 — A Liberdade ilumina o mundo.



Projeto e execução da
CASA NUNES

Mobiliários e Decorações

Orçamentos executados por técnicos-decoradores

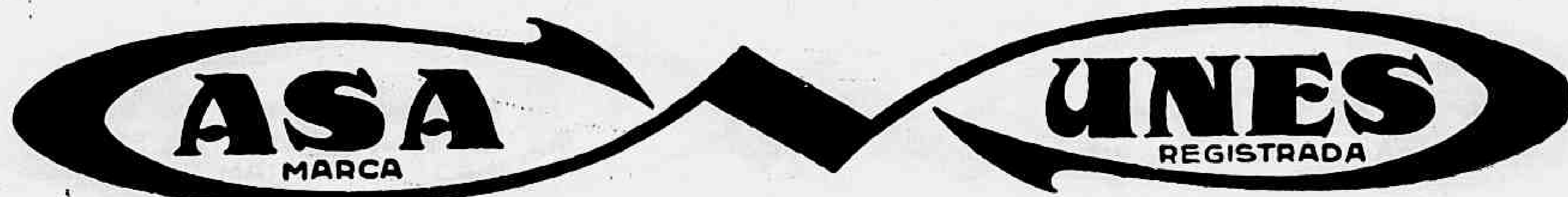
ESPECIALIDADE EM

Grupos Estofados

PARA ENTREGA IMEDIATA

Tapetes e Passadeiras

de todo o mundo fabricados especialmente para a



65 RUA DA CARIOCA 67 ★ RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

O Iate Club Rio de Janeiro congrega entre seus sócios a melhor sociedade carioca

aí se encontram os cigarros Hollywood

Uma lancha veloz ou esguio veleiro... uma companhia agradável... o deslumbramento panorâmico da Guanabara — e um cigarro Hollywood, para realçar os prazeres da vida. Fumos cuidadosamente escolhidos, hàbilmente combinados, fazem de Hollywood o cigarro que já é uma tradição da sociedade brasileira. Seja V. também, do grupo elegante dos que fumam Hollywood.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**